ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

● NÚMERO 30.170
● R$ 5,00

BELO HORIZONTE, SÁBADO, 21 DE JUNHO DE 2025

ISSN 1809-9874

(PENSAR)

FOCO NA PALESTINA

Palavras de reação

"Com essa nova frente, a morte apocalíptica de Gaza eclipsa-se das notícias", afirma, ao **Estado de Minas**, a portuguesa Alexandra Lucas Coelho, autora de "Gaza está em toda parte", sobre a guerra de Israel com Irã. Em edição especial, o Pensar destaca livros que tratam da questão palestina por meio de análises, poemas e reportagens, a exemplo de "Um dia na vida de Abed Salama – Anatomia de uma tragédia em Jerusalém", vencedor do Prêmio Pulitzer. **CAPA E PÁGINAS 3 A 11**

FOTOS: ALEXANDRE GUZANSHE/EM/D.A PRESS



SANTA LUZIA



SÃO PEDRO



SANTO ANTÔNIO

TESOURO RESTAURADO

A tribuna lateral da Catedral Basílica Nossa Senhora da Assunção, a Sé de Mariana, virou um ateliê para restauração de 27 imagens pertencentes ao templo. Contando com recursos no valor de R$ 280 mil, o trabalho executado por especialistas deve ser concluído até 8 de dezembro, quando ocorrerá o final das comemorações dos 280 anos da Arquidiocese de Mariana, a primeira de Minas . **PÁGINAS 22 E 23**



O RESTAURADOR TOBIAS GONÇALVES TRABALHA NA IMAGEM DE SÃO FRANCISCO DA PENITÊNCIA

TCE VAI PASSAR PENTE-FINO EM EMENDAS DE DEPUTADOS

Alvo principal são as transferências feitas pelos parlamentares estaduais via Pix

O governo de Minas pagou no ano passado R$ 1,58 bilhão em emendas parlamentares. Cada deputado estadual teve direito a indicar cerca de R$ 17,8 milhões para alguma obra ou serviço nos municípios do estado. Quase metade desses valores é referente a emendas Pix – cujos recursos caem diretamente na conta das prefeituras e entidades, sem a necessidade de formalização prévia de convênios. São esses valores que o Tribunal de Contas do Estado (TCE-MG) quer verificar se foram realmente aplicados em benefício da população mineira. Segundo o presidente do órgão, Durval Ângelo, a ideia é fazer uma "varredura" em todas as emendas estaduais, mas especialmente nas chamadas Pix, "que não são detalhadas". Essa investigação pode ser estendida também para as emendas federais. O tribunal já auxilia o Supremo Tribunal Federal (STF) no cumprimento da decisão da corte que questiona a falta de transparência e rastreabilidade das emendas Pix. "Se recebermos uma designação do Supremo ou se o Tribunal de Contas da União (TCU) pedir que a gente fiscalize também as emendas federais, podemos fazer", afirma Durval Ângelo. **PÁGINA 3**

MORRE CRIS GIL, FUNDADORA DO BLOCO HAVAYANAS USADAS

PÁGINA 24

TJMG INVESTIGARÁ SOLTURA DE HOMEM QUE QUEBROU RELÓGIO

PÁGINA 6



ANA MENDONÇA

A lama que hoje atinge o deputado Nikolas Ferreira é, em grande parte, a mesma que ele ajudou a fabricar. PÁGINA 2



HELVÉCIO CARLOS

A chance de curtir um bom filme ao ar livre está de volta com o Cineart Open Air, que vai funcionar às sextas, sábados e domingos, no Bairro Olhos D'Água. PÁGINA 12

POLÍTICA

EDITOR: RENATO SCAPOLATEMPORE

ines249



REDES SOCIAIS/REPRODUÇÃO

LEIA TAMBÉM NO
www.em.com.br
DIVINÓPOLIS
Vice-prefeita irá à Justiça contra mensagens de ódio ►►►

Para acessar: aponte o celular



EM MINAS

ANA MENDONÇA

SE ESSE NOVO NIKOLAS SERÁ, DE FATO, DESCONECTADO DAS FAKE NEWS, DOS ATAQUES SISTEMÁTICOS E DO LEGADO TÓXICO DA MÁQUINA QUE O PROJETOU, AINDA NÃO SE SABE

>>> »politica.em@uai.com.br

Nikolas prova do próprio veneno

"O que você faria se alguém todos os dias jogasse bosta em você?" A pergunta escatológica foi feita pelo deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) em vídeo publicado nas redes sociais enquanto estava em viagem ao Japão. A metáfora, repetida com convicção, inaugura sua tese: ele estaria sendo vítima de uma campanha sistemática de fake news, difamações e ataques promovidos por adversários políticos, setores da imprensa e usuários das plataformas digitais. Nikolas se coloca como um alvo de guerra suja, um homem limpo tentando se desvencilhar do odor de uma máquina que opera para sujá-lo. Mas há um problema central nesse discurso, já que a lama que hoje o atinge é, em grande parte, a mesma que ele ajudou a fabricar.

A retórica da injustiça cola bem no Brasil de 2025, onde a política se tornou espetáculo moral e o papel de vítima rende mais dividendos do que o de herói. O problema é que Nikolas Ferreira não é, exatamente, um estranho nessa engrenagem. Ele é seu filho mais bem-sucedido.

Sua trajetória foi construída em cima das mesmas ferramentas que hoje denuncia: vídeos cortados com precisão cirúrgica, indignações performadas diante de ring lights, memes com legendas amarelas, distorções narrativas que dispensam contexto e cultivam cliques.

O deputado reclama da velocidade com que fake news se espalham, da superficialidade das manchetes, do julgamento público antes dos fatos, da ausência de apuração nas redes sociais. Critica a lógica da torcida que se forma em torno de nomes, partidos ou ideologias, como se isso fosse uma novidade e não a base da política que ele próprio ajuda a radicalizar. No vídeo, tenta provar que está sendo injustiçado, distorcido, vítima de uma armação. Mas tropeça em dados concretos, documentos públicos e contradições que ele mesmo alimenta.

O primeiro exemplo é a votação recente de vetos do presidente Lula (PT). Nikolas afirma ter votado pela manutenção de um dos vetos para impedir aumento na conta de luz. E isso é verdade. Ele foi um dos dois únicos deputados da oposição a votar com o governo, contrariando a base bolsonarista, e fez questão de deixar isso claro como símbolo de sua "coerência".

Mas, no mesmo dia, votou também a favor de outro veto presidencial, o que previa pensão vitalícia a crianças com sequelas da síndrome do zika vírus. Após a repercussão negativa, alegou que houve um "erro material" no preenchimento do voto remoto, atribuindo a falha à equipe do gabinete. Um voto vira prova de responsabilidade política; o outro, de erro técnico.

Em outro trecho, o deputado cita com veemência a tentativa de associá-lo a um primo preso por posse de drogas em Nova Serrana, cidade que recebeu emendas parlamentares de sua autoria.

A história veio a público exatamente no dia do seu aniversário e foi impulsionada nas redes por André Janones (Avante-MG), seu adversário político direto. A imprensa, como é comum nesses casos, seguiu o rastro. Nikolas não foi acusado de ilegalidade, mas a ligação simbólica com o primo preso e a cidade onde o deputado mineiro recebeu mais votos que qualquer outro parlamentar, se transformou em manchete.

Aqui, o jornalismo nasce da curiosidade, não da acusação. O fato é noticiado com precisão: a cidade onde Nikolas foi o mais votado é a mesma onde um familiar seu foi preso. A dúvida, essa se instala depois, quando a mesma informação passa a circular em canais paralelos, embalada por trilhas sensacionalistas e manchetes que

BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS



mais provocam do que esclarecem.

O deputado também cita uma matéria que teria dito que ele gastou R$ 102 mil para promover um curso de política. No vídeo, acusa a imprensa de insinuar que o valor foi bancado com dinheiro público. Mas a reportagem em questão, atribuída ao **Estado de Minas**, deixa claro que a quantia foi paga com verba da própria empresa do deputado. Ou seja, a denúncia que ele faz, nesse caso, não se sustenta no corpo do texto. Ainda assim, a manchete é usada para reforçar a imagem de perseguição midiática.

Tudo isso acontece na mesma semana em que a Polícia Federal apontou o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ), filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), como idealizador de um esquema clandestino de inteligência na Abin, conhecido como "gabinete do ódio". A estrutura teria monitorado ilegalmente adversários e instrumentalizado a máquina pública para fins políticos.

Foi nesse mesmo ambiente de vazamentos seletivos, ataques coordenados e narrativas fabricadas que Nikolas se forjou. Era o pupilo, o jovem mais bem-intencionado. Pode não operar o esquema, mas é produto político dele.

Nikolas, no vídeo, termina com uma conclusão calculada: "a verdade vai chegando às pessoas com o tempo". Pode ser. Mas há algo de cíclico nesse discurso, como no livro "O retrato de Dorian Gray", no qual a degradação não se dá apenas no retrato pintado por outro, mas na imagem que o próprio personagem constrói de si.

Talvez este pronunciamento marque o início de uma transição. Nos bastidores de Brasília, interlocutores próximos relatam que o deputado mineiro tem discordado de Jair Bolsonaro em decisões mais radicais. Não tem endossado a retórica golpista do entorno do ex-presidente e vem apostando em nova vertente batizada de "nikolismo". Um projeto político próprio, focado na formação de vereadores e prefeitos com perfil jovem, conservador, mas menos colado ao bolsonarismo raiz. Um movimento que tenta se descolar da retórica da destruição e buscar um espaço próprio na direita brasileira.

Se esse novo Nikolas será, de fato, desconectado das fake news, dos ataques sistemáticos e do legado tóxico da máquina que o projetou, ainda não se sabe. Mas o gesto de se dizer sujo, mesmo que para negar a culpa, talvez seja o primeiro sinal de que, desta vez, ele enxergou o espelho.

Investimento

Durante missão internacional no Japão, o grupo Sumitomo Corporation anunciou um investimento de R$ 140 milhões para a instalação de uma unidade de armazenamento e beneficiamento de sementes de soja em Patos de Minas, no Alto Paranaíba. A planta, que será operada pela Agro Amazônia, deve gerar 40 empregos diretos e entrar em funcionamento até o fim de 2026. O anúncio foi feito nesta sexta-feira (20/6), durante agenda da comitiva liderada pelo governador Romeu Zema (Novo), que destacou o potencial de Minas Gerais e a importância da parceria com empresas japonesas para o desenvolvimento do estado.

Prêmios

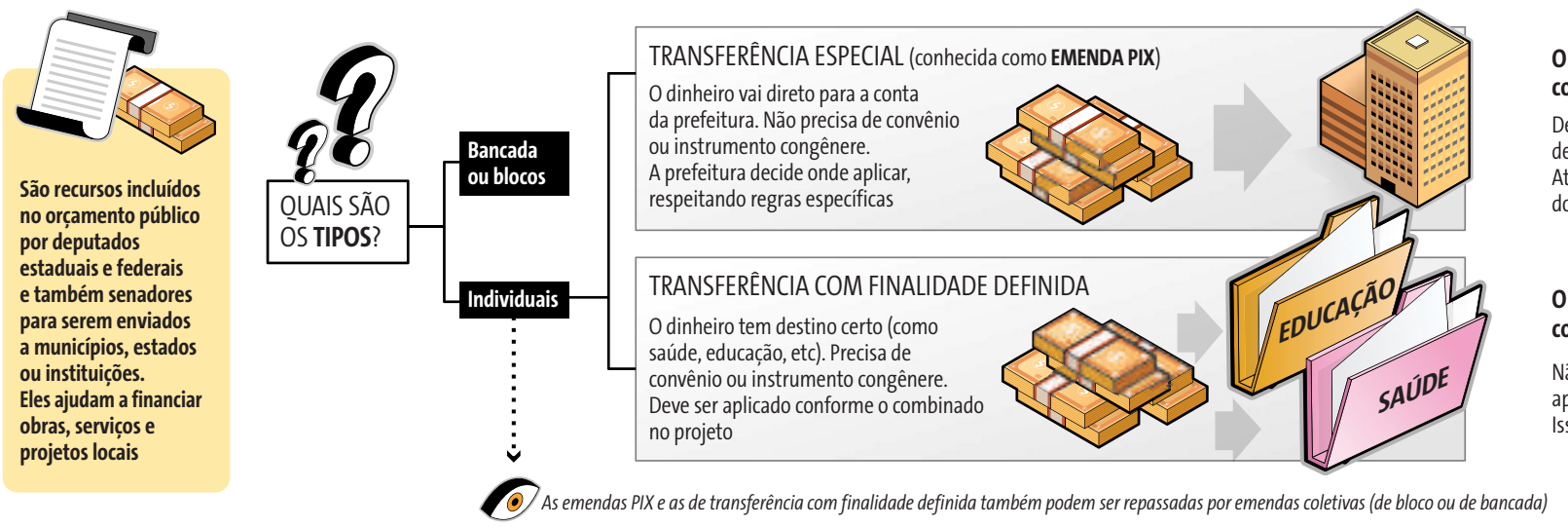
A campanha eleitoral em Itapecerica, no Centro-Oeste de Minas, garantiu quatro troféus ao marqueteiro mineiro Celso Lamounier no Polaris Awards 2025, um dos principais prêmios internacionais de marketing político. A cerimônia foi realizada em Londres, na sexta-feira (13/6), com a presença dos maiores nomes da comunicação política mundial.

De volta

A chegada de Álvaro Damião a Belo Horizonte foi cuidadosamente articulada pela prefeitura. Havia, nos bastidores, o temor de que o prefeito fizesse declarações inflamadas sobre o conflito entre Israel e Irã, o que poderia gerar repercussões negativas. Por isso, antes do desembarque, foi montado um esquema de contenção e alinhamento: assessores tiveram uma conversa direta com Damião, orientando-o a evitar falas polêmicas ou excessivamente "manchetáveis". A recepção também foi pensada com simbolismo: a filha foi convidada a recebê-lo publicamente, enquanto a namorada, mais jovem, permaneceu nos bastidores, longe dos holofotes.

ines249

O QUE SÃO AS EMENDAS PARLAMENTARES?



FONTE: TCE-MG

ORÇAMENTO

EMENDAS DE DEPUTADOS MINEIROS NA MIRA DO TCE

Tribunal de Contas do Estado vai fiscalizar os recursos repassados pelos parlamentares aos municípios, especialmente, transferências via Pix, que caem diretamente na conta

ALESSANDRA MELLO

O Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais (TCE-MG) vai passar um pente-fino nas emendas apresentadas pelos deputados estaduais ao orçamento do estado, especialmente, as transferências feitas via modalidade Pix, cujos recursos caem diretamente na conta das prefeituras e entidades beneficiadas, sem a necessidade de formalização prévia de convênios. A informação é do presidente do TCE-MG, Durval Ângelo.

A corte já está auxiliando o Supremo Tribunal Federal (STF) no cumprimento da decisão proferida na ação relatada pelo ministro Flávio Dino que questiona a falta de transparência e rastreabilidade das emendas Pix. A pedido do STF, o TCE convocou as prefeituras mineiras beneficiárias de transferências especiais oriundas de emendas Pix ao orçamento da União, no período de 2020 a 2023, a apresentar, por meio da plataforma Transfere.gov do governo federal, a existência ou não de planos de trabalho referentes à aplicação desses recursos.

Dos 575 municípios mineiros, 92 não apresentaram esses planos. A relação dessas prefeituras foi enviada semana passada para o STF, que concedeu prazo até o começo de julho para que apresentem as informações sob pena de ficar impedidas de receber novas transferências.

GOVERNO DE MINAS

As emendas Pix foram criadas pelo Congresso Nacional em 2019 e pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais em 2020. Elas são alvo de questionamento no Supremo Tribunal Federal (STF), que vem exigindo de cada Legislativo a necessidade de assegurar a rastreabilidade, a transparência e a devida prestação de contas desses recursos para garantir que qualquer pessoa consiga saber como esse dinheiro foi aplicado.

"Vamos fazer uma trilha no nosso Suricato, que é o nosso guarda-chuva de fiscalização, específica sobre emendas parlamentares estaduais. E se recebermos uma designação do Supremo ou se o Tribunal de Contas da União (TCU) pedir que a gente fiscalize as emendas federais também podemos fazer", afirma o presidente do TCE-MG. A fiscalização vai fazer uma varredura, segundo Durval, em todas as emendas estaduais, especialmente as chamadas Pix, "que não são detalhadas".

Para isso, será utilizada a ferramenta de inteligência de dados do TCE-MG, batizada de Suricato, considerada uma das melhores para cruzamento de informações em avaliação internacional. De acordo com Ângelo, caso o TCU determine, a corte de contas mineira poderá fazer até fiscalização in loco das emendas sem plano de trabalho, pois tem mão de obra e ferramentas para isso. No último dia 13, o TCE-MG, por meio do Sistema Informatizado de Contas dos Municípios (Sicom), emitiu um comunicado orientando os municípios mineiros quanto à necessidade de classificar corretamente as emendas parlamentares nos sistemas contábeis e nos registros enviados à corte de contas.

A intenção, de acordo com o tribunal, é evitar que registros incorretos comprometam a integridade das informações prestadas sobre a aplicação dos recursos das emendas, dificultando a análise técnica e, eventualmente, gerando problemas nas prestações de contas municipais. Nesse mesmo comunicado, o tribunal afirma que já realizou levantamento das transferências especiais provenientes de emendas parlamentares estaduais, referentes ao exercício de 2024, e que neste procedimento foram detectadas divergências em alguns municípios, que foram notificados para apresentar as correções.

No ano passado, o governo do estado pagou R$ 1,586 bilhão em emendas parlamentares ao orçamento de 2024. Levantamento feito pelo Núcleo de Dados do **Estado de Minas** aponta que quase a metade desse valor (R$ 708 milhões) era referente a emendas Pix. Cada um dos deputados estaduais teve direito a indicar cerca de R$ 17,8 milhões em emendas, além das verbas destinadas pelas bancadas e comissões. No caso das emendas Pix federais, os valores totalizaram R$ 723 milhões destinados pelos parlamentares aos municípios mineiros por meio dessa modalidade de transferência.

A Associação Mineira de Municípios (AMM) informou que já alertou as prefeituras mineiras sobre a necessidade de seguirem os parâmetros determinados pelo TCE-MG na prestação da aplicação dos recursos para evitar problemas.

FISCALIZAÇÃO CONJUNTA

A fiscalização das chamadas emendas Pix faz parte também de uma estratégia nacional coordenada da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon). Os tribunais estão consolidando uma atuação conjunta para apresentar ao STF um panorama das ações em andamento e um cronograma de trabalho para fiscalização desses recursos.

Uma das primeiras medidas, de acordo com a associação, é cobrar dos gestores públicos que todas as emendas sejam registradas na plataforma Transferegov.br, que permite acesso público às informações. Também foi proposto que os tribunais de contas se unam em uma ação integrada para a fiscalização de transferências especiais, com o objetivo de assegurar que os recursos sejam corretamente aplicados e devidamente informados à sociedade.

Nos próximos meses, os tribunais devem consolidar um cronograma de ações e, segundo a Atricon, será publicada uma nota recomendatória com orientações aos gestores públicos para fortalecer a fiscalização dessas transferências. ■

ines249



GUILHERME AMADO

PLATÔBR

Bruna Lima, Giovanna dos Santos, João Pedroso de Campos e Tatiana Farah

>>> guilherme.amado@platobr.com.br ou no WhatsApp (61) 99102-7207

PELOS DESLOCAMENTOS DE NIKOLAS, O PL PAGOU R$ 3,3 MILHÕES EM TÁXI AÉREO, EM QUINZE DATAS ENTRE 11 DE SETEMBRO E 25 DE OUTUBRO

Os milhões em jatinhos para Michelle e Nikolas

Nas eleições municipais de 2024, o PL escalou Michelle Bolsonaro, Nikolas Ferreira e Marcos Pontes para uma turnê eleitoral por diversos estados, por onde passaram impulsionando candidaturas dos partidos nas cidades. Para os deslocamentos, nada de avião de carreira. As viagens do trio foram feitas sempre por meio de jatinhos alugados pelo partido.

Ao final da campanha, o PL gastou R$ 9,3 milhões com a locação dos aviões junto a uma empresa, a Alljet Táxi Aéreo, sediada em Jundiaí, interior de São Paulo. Sobre seus aviões, a companhia diz em seu site que "cada cabine é um santuário de conforto, com jato projetado para acomodar até 13 passageiros com espaço e refinamento".

Os voos de Michelle (foto) foram os que mais custaram aos cofres do partido do bolsonarismo. Os registros do PL indicam que a ex-primeira-dama viajou de jatinho em quinze datas, entre 11 de setembro e 25 de outubro de 2024, em um total de R$ 4,8 milhões. Michelle passou por dezesseis estados: Distrito Federal, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Paraíba, Rondônia, Tocantins, Pará, Acre, Amazonas e Rio Grande do Sul.

As viagens da mulher de Jair Bolsonaro foram todas feitas em um modelo de luxo, o Learjet 45, com capacidade para nove passageiros e dois tripulantes. Em 14 ocasiões, Michelle esteve acompanhada da vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão, do PP. As viagens todas também incluíram funcionários do PL e assessores. Bolsonaro não aparece em nenhuma delas como passageiro.

Pelos deslocamentos de Nikolas, o PL pagou R$ 3,3 milhões em táxi aéreo, em quinze datas entre 11 de setembro e 25 de outubro. Os trechos foram feitos em quinze estados: Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Amazonas, Pará, Acre, Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Ceará, Maranhão, Paraná e Santa Catarina.

MICHAEL DANTAS/AFP



Nikolas Ferreira viajou uma vez a bordo de um Learjet 45, o mesmo modelo de jatinho usado por Michelle; nove vezes em um Learjet 31, com capacidade para oito passageiros; e cinco vezes em um bimotor King Air C90, modelo mais modesto, com capacidade para seis passageiros.

O PL também bancou jatinho para Marcos Pontes no período eleitoral de 2024, em quatro ocasiões, em 11 de setembro e 2 de outubro, passando por São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal. No caso do senador paulista, as viagens foram feitas em um King Air 350, a um custo total de R$ 903 mil.

Os registros de aluguéis de aviões pelo PL também incluem deslocamentos do presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, André do Prado, um dos nomes mais próximos a Valdemar Costa Neto. Por um total de R$ 233,2 mil, o partido alugou um King Air C90 para Prado voar em 11 de setembro de 2024, passando por municípios de São Paulo e Minas Gerais.

Nada definido

A candidatura de Carlos Bolsonaro ao Senado em 2026 não está limitada a Santa Catarina. Jair Bolsonaro, responsável por escolher os candidatos do PL, ainda pondera a possibilidade de o filho sair por outros estados. O nome de Carlos pode ser testado em outras praças. O PL considera que o vereador terá força eleitoral em qualquer estado. O anúncio de que Carlos poderá migrar para Santa Catarina causou um rebuliço na base bolsonarista no estado, que já tinha nomes da direita pré-definidos para o pleito. Além disso, a ponderação é de que já é quase certo que os dois senadores catarinenses eleitos serão da direita. Assim, seria um desperdício Carluxo ser candidato onde a vitória está "garantida".

À espera

Por falar em Carlos, o caso das rachadinhas no gabinete dele na Câmara Municipal está na Procuradoria-Geral de Justiça do Ministério Público do Rio desde janeiro, aguardando arquivamento ou não. Em 2024, o MP denunciou sete funcionários e ex-funcionários do gabinete por prática de rachadinha — peculato. O vereador foi deixado de fora da denúncia. A Justiça, então, pediu esclarecimentos ao MP sobre o arquivamento das investigações contra Carlos. A decisão afirmou que é preciso esclarecer inconsistências na apuração. Os promotores disseram que não tinham nada a esclarecer e reiteraram o pedido de arquivamento. A Justiça, então, enviou a ação, em janeiro, para a PGJ se pronunciar.

O bicheiro insiste

Preso desde novembro de 2024 na Penitenciária Federal de Campo Grande, o contraventor Rogério Andrade, chefe do jogo do bicho no Rio, não se conformou com a decisão de Kassio Nunes Marques que o manteve na cadeia, tomada na semana passada. Os advogados de Andrade recorreram a Kassio pedindo que ele reveja seu entendimento ou que as alegações sejam julgadas coletivamente no Supremo. O bicheiro insiste no argumento de que o Ministério Público do Rio "requentou" provas que já eram conhecidas para reabrir o processo contra ele pelo assassinato do também contraventor Fernando Iggnácio, em novembro de 2020.

A mineira guerreira

INSTAGRAM/REPRODUÇÃO



O musical "Clara Nunes, a tal guerreira", estrelado pela cantora Vanessa da Mata **(foto)**, sucesso de público em São Paulo, deve ir aos palcos de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. O espetáculo, que estreou em 2024 na capital paulista e já teve duas temporadas na cidade, planeja uma temporada com 21 apresentações no Rio e quatro em BH. Uma volta a São Paulo, com pelo menos mais cinco encenações, também está no horizonte dos produtores. "Clara Nunes, a tal guerreira" foi escrito por André Magalhães e Jorge Farjalla, com direção musical e arranjos de Fernanda Maia. O musical conta a trajetória e a espiritualidade de Clara, morta em 1983 aos 40 anos, conduzido por interações entre a cantora, seus orixás e a diretora teatral Bibi Ferreira, sua grande amiga, interpretada pela atriz Carol Costa.

De outros carnavais

A vitória do Botafogo sobre o PSG no Mundial de Clubes ganhou nova dimensão com o pano de fundo do embate pessoal entre os chefões dos dois clubes: John Textor e Nasser Al Khelaïfi. Textor também é dono do Lyon, adversário do PSG na liga francesa. O duelo de bastidores entre o americano e o catariano começou em julho de 2024, durante uma reunião da Ligue 1 sobre direitos de transmissão na TV. Textor chamou Al Khelaïfi de "tirano" e o acusou de centralizar decisões. O presidente do clube francês então mandou Textor calar a boca e disse que ele era um "caubói que veio não sei de onde". Textor respondeu ironicamente em uma partida entre Lyon e PSG pouco tempo depois, onde foi visto usando um chapéu de caubói.

ines249

EM MINAS

TODO SÁBADO, ÀS 19H30, A TV ALTEROSA E O CANAL DO PORTAL UAI NO YOUTUBE LEVAM PARA VOCÊ UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM UM NOME RELEVANTE PARA POLÍTICA, ECONOMIA OU CULTURA DO NOSSO ESTADO.

ASSISTA HOJE à conversa com a chefe da Polícia Civil de Minas Gerais (PCMG), delegada-geral **Letícia Gamboge.**

Você também pode ler a entrevista na íntegra no **jornal Estado de Minas** de amanhã.



ines249

JUDICIÁRIO

JUIZ QUE SOLTOU RÉU DO 8/1 SERÁ INVESTIGADO

TJMG analisará conduta de magistrado de Uberlândia após ministro Alexandre de Moraes também mandar avaliar decisão e determinar nova prisão do homem que danificou relógio histórico

INTERNET/REPRODUÇÃO



FLAGRADO DENTRO DO PALÁCIO DO PLANALTO DEPREDANDO RELÓGIO, ANTÔNIO FERREIRA FOI CONDENADO A 17 ANOS DE PRISÃO PELO STF

BRUNO NOGUEIRA E MARIANA COSTA

O Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) informou, nesta sexta-feira (20/6), que sua corregedoria-geral abriu procedimento para investigar a soltura de Antônio Cláudio Alves Ferreira, condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por envolvimento nos atos antidemocráticos do 8 de janeiro de 2023. Ele deixou o Presídio Professor Jacy de Assis, em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, na tarde de terça-feira (17/6), após ter a progressão de pena para o regime semiaberto deferida pelo juiz Lourenço Migliorini, da Vara de Execuções Penais da comarca local. Já o ministro do STF Alexandre de Moraes mandou a Polícia Federal investigar a conduta considerada ilegal do juiz e determinou novamente a prisão de Ferreira.

Na decisão, o magistrado de Uberlândia estabeleceu uma série de medidas cautelares, mas não pediu o uso de tornozeleira eletrônica com o argumento de que o equipamento estava em falta. Ele concedeu progressão para o regime semiaberto porque o réu teria cumprido a fração necessária para receber o benefício, não cometeu nenhuma falta grave e tem "boa conduta carcerária". O juiz escreveu ainda que o preso não pode ser prejudicado pela demora do Estado. A Secretaria de Segurança Pública de Minas, entretanto, negou que esteja faltando tornozeleira eletrônica.

Antônio Ferreira foi condenado a 17 anos de prisão, após ter sido filmado dentro do Palácio do Planalto destruindo um relógio histórico, presente da França a dom João VI. O relógio é o único exemplar no mundo. Foi desenhado por André-Charles Boulle e fabricado pelo relojoeiro francês Balthazar Martinot no fim do século 18, poucos anos antes de ser trazido ao Brasil. Foi restaurado e devolvido ao Palácio do Planalto em janeiro deste ano. Ele fica na sala de audiências, perto do gabinete da Presidência da República. Natural de Catalão (GO), Antônio Ferreira foi preso em Uberlândia em janeiro de 2023, e estava detido, desde então, no Presídio Professor Jacy de Assis.

Em nota, o TJMG afirmou: "A respeito da decisão da Vara de Execuções Penais de Uberlândia que deferiu benefício prisional a pessoa apenada pelo Supremo Tribunal Federal pelos atos ocorridos em 8 de janeiro de 2023, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) informa que, por sua Corregedoria-Geral, instaurou procedimento visando à apuração dos fatos. Na oportunidade, TJMG reafirma o seu compromisso com a legalidade, os princípios do Estado democrático de direito e o irrestrito respeito às ordens judiciais emanadas dos tribunais superiores.

REAÇÃO

A medida do TJMG foi tomada após Alexandre de Moraes determinar novamente a prisão de Antônio Ferreira. Moraes também mandou investigar conduta do juiz. Segundo ele, o magistrado agiu em desrespeito à competência do STF e violando a Lei de Execuções Penais, que prevê que presos condenados por crimes de violência e grave ameaça só podem passar para o semiaberto após cumprir 25% da pena, e o mecânico só teria cumprido 16%, de acordo com Moraes.

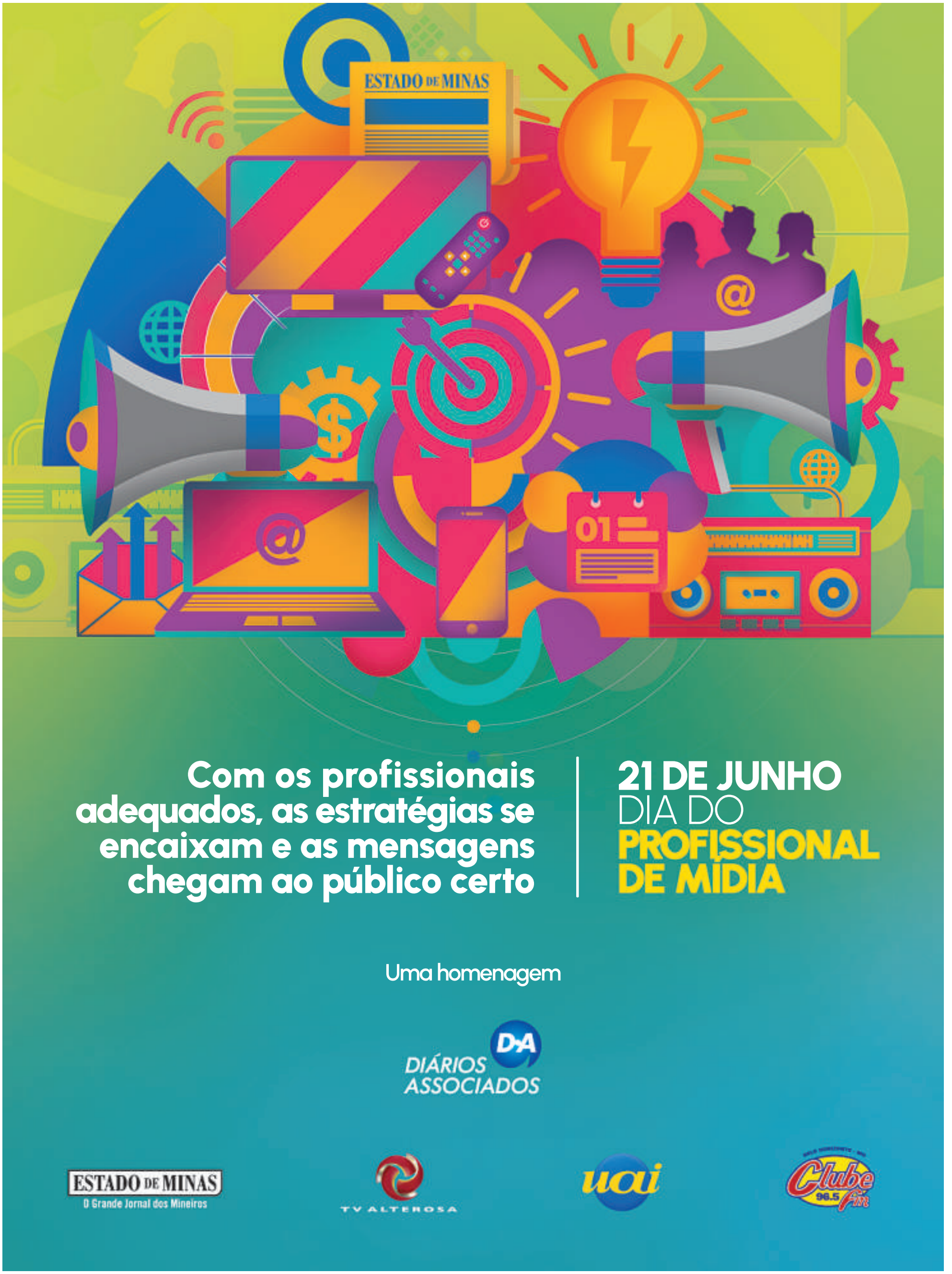
"A conduta do juiz de Direito Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro, deve, portanto, ser devidamente apurada pela autoridade policial no âmbito deste Supremo Tribunal Federal", disse o ministro do STF. Na decisão, Moraes afirmou ainda que o STF não delegou a tomada de decisão sobre os condenados pelos atos de 8 de janeiro para outras instâncias. "O juiz Lourenço Migliorini proferiu decisão fora do âmbito de sua competência, não havendo qualquer decisão desta Suprema Corte que tenha lhe atribuído a competência para qualquer medida a não ser a mera emissão do atestado de pena".

"Como se vê, além da soltura de Antônio Cláudio Alves Ferreira ter ocorrido em contrariedade à expressa previsão legal, foi efetivada a partir de decisão proferida por juiz incompetente, em relação ao qual – repita-se – não foi delegada qualquer competência. A conduta do juiz deve, portanto, ser devidamente apurada pela autoridade policial no âmbito deste Supremo Tribunal Federal (STF)", concluiu Moraes. ■

BOLSONARO PASSA MAL

O ex-presidente Jair Bolsonaro se sentiu mal e precisou cancelar agenda em Anápolis, na Região Metropolitana de Goiânia, na manhã de ontem. Ele participaria de um evento com o prefeito Márcio Corrêa e receberia um diploma de honra ao mérito às 10h30, no Teatro São Francisco. Segundo a sua assessoria, ele voltou para Brasília. O ex-presidente estava na cidade para participar de agendas políticas. De acordo com a assessoria de Jair Bolsonaro, ele estava indisposto desde quina-feira, mas ainda participou de algumas agendas nesta sexta-feira. O ex-presidente passou por cirurgia abdominal complexa em abril, que durou cerca de 12 horas, e recebeu alta três semanas depois. Foi a sexta e mais longa cirurgia do tipo, desde a facada que levou na barriga durante a campanha eleitoral de 2018, que atingiu seu intestino, em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira.

ines249



Com os profissionais adequados, as estratégias se encaixam e as mensagens chegam ao público certo

21 DE JUNHO
DIA DO
PROFISSIONAL DE MÍDIA

Uma homenagem

DIÁRIOS ASSOCIADOS

ESTADO DE MINAS
O Grande Jornal dos Mineiros

TV ALTEROSA

uai

Clube FM 96.5

OPINIÃO

ines249

ESTADO DE MINAS
FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS:
ASSIS CHATEAUBRIAND

PRESIDENTE: JOSEMAR GIMENEZ DE RESENDE
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: LEONARDO MOISÉS
VICE-PRESIDENTE COMERCIAL: MÁRIO NEVES
DIRETOR DE REDAÇÃO: CARLOS MARCELO CARVALHO
EDITORA-EXECUTIVA: RENATA NEVES

CHARGE



EDITORIAL

Confiança sanitária para a retomada das exportações

Após 28 dias sem registro de novos casos de gripe aviária em granjas comerciais, o Brasil dá um passo importante rumo à normalização das exportações de carne de frango. A rápida contenção do foco identificado no Rio Grande do Sul evidencia não apenas a eficiência do sistema sanitário nacional, mas também a maturidade de um setor estratégico para a economia brasileira.

Para conter o foco e evitar disseminação, foram implementadas medidas emergenciais de biossegurança, fiscalização e destruição de aves infectadas, o que gerou gastos extras para produtores e governos estaduais e federal. Agora, é preciso retomar os esforços diplomáticos e as negociações comerciais para restabelecer plenamente as exportações.

O impacto do surto de gripe aviária foi regionalizado, não comprometeu o abastecimento nacional nem provocou alta dos preços ao consumidor final (houve até ligeira queda). O efeito mais profundo concentrou-se no setor exportador. Ainda que a reação das autoridades sanitárias e produtores tenha sido rápida, o surto trouxe instabilidade no mercado internacional.

Diversos países impõem restrições automáticas à importação de carne de frango em caso de surto, mesmo que isolado. Isso levou à suspensão provisória das compras por mercados importantes. China, União Europeia, México, Chile, Uruguai, Canadá, Argentina, Coreia do Sul, Filipinas, Índia, Malásia, Marrocos, Paquistão, Peru, República Dominicana, Bolívia, Sri Lanka, Albânia e Namíbia interromperam a importação do frango brasileiro em caráter nacional.

O Brasil demonstrou a capacidade técnica instalada para lidar com emergências sanitárias



Japão, Emirados Árabes Unidos, Qatar e Jordânia suspenderam produtos originários diretamente de Montenegro; Rússia, Arábia Saudita, Reino Unido, África do Sul, Belarus, Armênia, Turquia e Cazaquistão suspenderam as importações de todo o Rio Grande do Sul.

A perspectiva do setor é de retomada gradual das exportações e recomposição das receitas. Ainda que o episódio sirva de alerta sobre a vigilância constante que a gripe aviária impõe ao comércio global, o Brasil demonstrou a capacidade técnica instalada para lidar com emergências sanitárias. Cabe agora trabalhar para que os países compradores reconheçam esse esforço e retomem, com segurança, as relações comerciais suspensas por precaução.

O episódio também reforça a necessidade de investimentos contínuos em vigilância sanitária para proteger um dos setores mais dinâmicos do agro brasileiro, responsável por cerca de US$ 10 bilhões anuais em exportações. A avicultura é um dos pilares do agronegócio, com forte presença no mercado internacional e papel central na geração de empregos e divisas. A pronta resposta das autoridades sanitárias e do setor privado ao surto reforça a credibilidade do Brasil como fornecedor confiável de proteína animal. Mas é preciso vigilância permanente: qualidade e produtividade caminham de mãos dadas com a confiança sanitária.

ESPAÇO DO LEITOR

AS CARTAS DEVEM CONTER NOME, ENDEREÇO COMPLETO, NÚMERO DO TELEFONE E CÓPIA DA CARTEIRA DE IDENTIDADE, PODENDO SER PUBLICADAS NA ÍNTEGRA OU PARCIALMENTE

SOBRE VIAGENS DIPLOMÁTICAS

"O Brasil não suporta mais as trapalhadas diplomáticas em dispendiosos passeios internacionais do governo Lula. O Brasil está falido! É para ontem acordar o Legislativo. Providenciar o impeachment e depois, de preferência, hospedá-lo bem longe da Papuda, especificamente em Goiás, na Daniella Cruvinel, sob a guarda de Ronaldo Caiado. Bem diferente do SPA em Curitiba, repleto de visitas e mordomias."

HUMBERTO SCHUWARTZ SOARES
VILA VELHA - ES

MORAES MANDA PRENDER HOMEM QUE QUEBROU RELÓGIO NO STF

"Uai?! Ele também é Ministro da Execução Penal?!

@TULIOSOUZA

"Eu também estranhei muito essa decisão de um juiz de primeira instância. Será que não conhece a lei?"

@ACRALENCAR3

"Um é juiz de carreira e concursado e o outro indicado. Quem não conhece a lei?"

@RODRIGOFABIANOS

"Parabéns, Alexandre! Tem que ser assim mesmo."

@JUDISMAR_RIBEIRO

LULA ANUNCIA CRÉDITO PARA ENTREGADORES

"Medida populista que não interfere em nada na vida do cidadão. Governo tem os gastos duas vezes maior que suas receitas."

@WILLIANRENATO2020

"Populismo visando a eleição de 2026. Simples assim."

@AANTONIOOGAARCIAA

"Uns cuidam dos entregadores, outros isentam impostos de jet-ski."

@MAURICIO_CARVALHO_J

AVENIDA GETÚLIO VARGAS, 291 - 2º ANDAR - FUNCIONÁRIOS - BELO HORIZONTE - MG - CEP 30112020 ● opiniao.em@uai.com.br

ines249

A infância sequestrada pelas telas

PRECISAMOS FORMAR CRIANÇAS E ADOLESCENTES CRÍTICOS, QUE SAIBAM RECONHECER ARMADILHAS, PROTEGER SEUS DADOS, ENTENDER O VALOR DA PRIVACIDADE E RESISTIR À LÓGICA DA COMPARAÇÃO CONSTANTE DAS REDES



FERNANDO BRAFMANN
Especialista em segurança, cibersegurança, gestão de crises e antiterrorismo

O que acontece quando entregamos a uma criança uma chave que abre todas as portas do mundo – sem manual, sem filtro e sem companhia? A resposta está diante de nós: infâncias hipervigilantes, corpos exaustos, mentes em colapso. A infância de hoje é digital por natureza, mas segue sendo analógica na forma como é cuidada. E essa dissonância tem um custo.

Há alguns anos, chamávamos a internet de "mundo virtual". Hoje, para crianças e adolescentes, ela é o próprio mundo. É onde aprendem, brincam, criam, amam, brigam e choram. É onde constroem identidade. Ignorar isso é negar a realidade.

O problema não está no digital em si, mas na ausência de preparo para vivê-lo. Muitos pais entregam um smartphone aos filhos antes mesmo de ensiná-los a atravessar a rua. Sem orientação, os riscos se multiplicam: cyberbullying, vazamento de dados, assédio sexual (o chamado grooming), exposição a conteúdos de ódio, violência, automutilação, pornografia. E ainda há os danos silenciosos: dependência, ansiedade, insônia, prejuízo à autoestima e ao rendimento escolar.

Não faltam ferramentas de controle parental. Mas o equívoco está em confundir controle com proteção. Monitorar sem diálogo é vigiar; orientar com escuta é educar. A tecnologia pode ser aliada – desde que usada com transparência, combinada com regras claras e, acima de tudo, com presença afetiva. Não adianta limitar o tempo de tela se o próprio adulto não larga o celular na hora do jantar.

Na minha experiência de mais de 30 anos na área de segurança, vejo diariamente pais perdidos entre a culpa e o susto. Alguns só percebem a gravidade quando há uma denúncia formal, quando surgem prints perturbadores ou quando a escola entra em contato. Mas a prevenção começa muito antes: com escuta, confiança e preparo.

Precisamos formar crianças e adolescentes críticos, que saibam reconhecer armadilhas, proteger seus dados, entender o valor da privacidade e resistir à lógica da comparação constante das redes. Isso só se constrói com diálogo. A escola tem papel vital nesse processo – não apenas como transmissora de conteúdo, mas como espaço de formação ética e digital.

O poder público também precisa agir. É urgente investir em políticas de educação midiática e saúde mental para crianças e adolescentes. É preciso regulamentar a atuação de plataformas digitais que direcionam publicidade para menores, coletam dados e estimulam o engajamento a qualquer custo. Proteger a infância on-line é proteger a cidadania.

Cuidar da infância digital é um dever que começa em casa, se estende à escola e se consolida na esfera pública. Não basta proibir. É preciso entender. Não basta reagir. É preciso prevenir. A infância conectada não está em risco apenas por estar on-line. Ela está em risco por estar sozinha.■

S/A ESTADO DE MINAS
FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS
A vida com mais conteúdo

SEDE
Avenida Getúlio Vargas, 291 - Funcionários, Belo Horizonte-MG-Cep 30112-020

TELEFONE GERAL
(31) 3263-5000

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS
Filiado ao Instituto Verificador de Circulação IVC

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732/766 Edifício Mary Harriet Speers - 7º andar - Bairro Jardins - São Paulo - SP CEP: 01403-000 ● Fone: (11) 3372-0022 ● e-mail: sucursal.sp@uai.com.br e associadossp@uaigiga.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Rua Fonseca Teles, 114 a 120 – bloco 2 1º andar - São Cristóvão – Rio de Janeiro - RJ CEP: 20940-200 Tel : (21) 2263-1945 ● Fax: (21) 2263-2045 e-mail: sucursal.rj@uai.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação (31) 3263-5330	**Economia** (31) 3263-5036	**Cultura, TV e Pensar** (31) 3263-5279	**Feminino & Masculino** (31) 3263-5260
Editorias:	**Esportes** (31) 3263-5453	**Fotografia** (31) 3263-5214	**Bem Viver** (31) 3263-5048
Gerais (31) 3263-5486	**Internacional** (31) 3263-5301	**Turismo** (31) 3263-5486	**Portal Uai** (31) 3263-5245
Política (31) 3263-5165	**Opinião** (31) 3263-5249	**Vrum** (31) 3263-5349	**Redes sociais** (31) 3263-5081

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(31) 99402-0234
fale.conosco@em.com.br
Central de atendimento
(31) 3263-5800
De segunda a sexta-feira, das 7h às 16h
Sábados, domingos e feriados, das 7h às 13h

SERVIÇO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA
WhatsApp:
(31) 99310-3419

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA
(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL
(31) 3263-5031 e (31) 3263-5047

ASSINE
em.com.br/assine
(31) 3263-5800

TABELA DE PREÇOS
VENDA AVULSA - R$ 5,00

Baixe o aplicativo Estado de Minas na Google Play ou Apple Store.

ANUNCIE
Publicidade
(31) 3263-5031/5047
Classificados
(Pequenos Anúncios Fonados)
(31) 3228-2000

D.A PRESS MULTIMÍDIA

ATENDIMENTO PARA PESQUISA E VENDA DE CONTEÚDO:
Por e-mail e telefone: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/ 0800 647 73 77.
Fax: (61) 3241.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br
Site: www.dapress.com.br

ines249



REPRODUÇÃO

LEIA TAMBÉM NO
www.em.com.br
DENTRO DE CASA
Mulher morre e é encontrada 42 anos depois ►►►

Para acessar: aponte o celular



ARY QUINTELLA

NÃO É USUAL QUE A PARTIDA DE UM DIPLOMATA APOSENTADO DESPERTE TANTO INTERESSE MIDIÁTICO, O QUE DIZ MUITO SOBRE A CELEBRADA CAPACIDADE DE MARCOS DE ENCANTAR INTERLOCUTORES

Memória diplomática

Minha mãe, Thereza Quintella, cumpriu 87 anos em 27 de maio. Pedi uns dias de férias para viajar de Luanda ao Rio de Janeiro e comemorar a data com ela. Decidi maximizar a ida ao Brasil com uma noite de autógrafos em Brasília.

Fiquei feliz de rever tantos amigos, ao assinar dedicatórias de "Geografia do tempo" na Livraria da Travessa. Aquela seria minha única oportunidade de estar com eles, já que no dia seguinte eu regressaria ao Rio. A divulgação foi bem-sucedida e havia, na fila, muitas pessoas que eu não conhecia, cuja curiosidade fora despertada pelas entrevistas e matérias na imprensa ou em portais na internet. O primeiro a falar comigo na livraria, na verdade, estava ali por acaso.

Entrara para explorar as novidades, vira o aviso da noite de autógrafos e quisera saber mais.

Perguntou-me o sentido do título "Geografia do tempo". Expliquei que uma das minhas indagações sobre o mundo é a constante variação entre a presença e a ausência de pessoas e lugares em nossas vidas. É um fluxo e refluxo em que podemos nunca mais reencontrar os seres mais queridos, por razões fora do nosso alcance; ou, ao contrário, circunstâncias imprevisíveis podem tornar as pessoas ainda mais presentes, por um período que será longo ou curto, mas jamais eterno.

Da mesma forma, avaliamos que um país, uma cidade, um país, uma obra de arte ou um autor ficarão conosco para sempre; e no entanto, tantas vezes eles acabam por se perder para nós. A memória, assim, é como um ser independente.

O tempo nos faz lembrar de algumas pessoas e de alguns lugares, e esquecer de outros, e torna misteriosa, à medida que nos deslocamos por este mundo, a geografia dos nossos sentimentos.

Assinei exemplares de "Geografia do tempo" durante três horas e meia. Ao sair da livraria quando já fechavam as portas, liguei o celular e vi mensagens de minha mãe e de minha irmã avisando que, enquanto eu conversava com leitores e amigos em Brasília, no Rio falecera Marcos Azambuja.

Não é fácil discorrer sobre alguém com quem interagimos durante muitas décadas. As pessoas mudam com o avanço dos anos, e o Marcos Azambuja falecido em 28 de maio de 2025, aos 90 anos, era distinto daquele que primeiro conheci quando ele estava na faixa dos quarenta. Minha própria avaliação a seu respeito não poderia ser a mesma de quando eu tinha 14 anos. Diante do seu falecimento tanto foi dito sobre ele, e da maneira mais elogiosa, na imprensa, nas redes sociais e nos noticiários de televisão, que parece difícil eu poder acrescentar algo.

Não é usual que a partida de um diplomata aposentado desperte tanto interesse midiático, o que diz muito sobre a celebrada capacidade de Marcos de encantar interlocutores. Sua trajetória diplomática, embora notável, por si só não justificaria tamanha comoção. Marcos não chegou a ser chanceler e sua gestão como secretário-geral das Relações Exteriores deu-se no mandato presidencial curto e conturbado de Fernando Collor de Mello. Sempre houve nele, porém, uma luz própria, uma inteligência vivaz, que não dependiam de funções ou cargos para se fazer visíveis e brilhar.

Quando o vi pela última vez, em julho de 2024, ele me lembrou que a aposentadoria lhe permitira dedicar-se a novas atividades, como palestrante em seminários, analista frequente sobre a situação internacional em telejornais, conselheiro de entidades privadas. Ao se aposentar, vira portas se abrirem. Pareceu considerar sua vida pós-Itamaraty tão estimulante, se não mais, do que a sua exitosa carreira diplomática.

Conhecido como frasista mordaz, daqueles que, como se diz, perdem o amigo mas não perdem a pilhéria, Marcos Azambuja era, na realidade e antes de mais nada, um hábil analista das situações. Isso valia tanto para a política e as relações internacionais como para os relacionamentos pessoais. Dissecava com lucidez e sem sentimentalismo os problemas do interlocutor e era, assim, objetivo e certeiro em seus conselhos. Para minha irmã, que foi sua nora e é mãe de dois de seus netos, ele se mostrou sempre um sogro afetuoso, atencioso, incentivador de seus projetos. Para minha mãe, um amigo cada vez mais presente com o passar dos anos.

O velório foi realizado, no Rio, no térreo do Palácio Itamaraty. Em 1912, o barão do Rio Branco lá também fora velado. Sem dúvida, Marcos teria apreciado essa homenagem. Andei pelas salas e corredores vazios — era sábado de manhã — daquela ala do Itamaraty. Naquele edifício tão carioca, cujo espaço me faz, no entanto, pensar em palácios romanos, iniciaram-se as carreiras de Marcos e de minha mãe. Ali, durante décadas, de 1899 a 1970, antes de a diplomacia brasileira mudar-se para Brasília, sonhos e ambições pessoais, mas também projetos para o País, foram arquitetados e tocados adiante, ou, ao contrário, desmantelados, de maneira muitas vezes arbitrária. Pensei no hábito comum a alguns diplomatas de, tendo morado em diversos continentes e viajado incessantemente pelo mundo, virem a morrer na sua cidade natal. Impossível decidir se há aí uma vitória do indivíduo sobre a geografia, ou da geografia sobre o indivíduo.

Vivenciar o dia a dia de maneira intensa, vibrante, é que era a forma de ser de Marcos Azambuja. Poucos dias antes de viajar ao Brasil, eu soubera pela minha mãe que ele preparava suas memórias. Se estiverem em estado de ser publicadas, trarão luz, com a efervescência e irreverência que o caracterizavam, sobre o que viu e ouviu em uma vida passada dentro do Itamaraty. No caso de Marcos, poderia haver uma vitória do indivíduo sobre o tempo.

O embaixador Ary Quintella, diplomata de carreira, escreve quinzenalmente para o Estado de Minas

GUERRA NO ORIENTE

SEM SINAL DE TRÉGUA

Sem previsão de trégua, o número de mortes decorrente da guerra entre Israel e Irã já passa de 600, segundo balanço da ONU. Israel afirmou que pelo menos 24 pessoas foram mortas em ataques iranianos contra Israel. Pelo menos 639 pessoas foram mortas em ataques israelenses em todo o Irã, de acordo com o grupo Human Rights Activists, com sede em Washington (EUA). O Irã não divulgou números regulares de mortes durante os intensos ataques israelenses. Sua última atualização estimou o número de mortos em mais de 240 pessoas e 1.277 feridos.

No oitavo dia de guerra (20/6), as sirenes de alerta foram acionadas no sul de Israel após novos disparos de mísseis iranianos. Por sua vez, o Exército israelense anunciou que bombardeou dezenas de alvos em Teerã durante a noite, incluindo um "centro de pesquisa e desenvolvimento do projeto iraniano de armas nucleares".

Nessa sexta-feira, milhares de pessoas protestaram contra Israel em Teerã, após as orações semanais, gritando frases em apoio a seus líderes, segundo imagens exibidas pela televisão estatal. "Esta é a sexta-feira de solidariedade e resistência da nação iraniana em todo o país", disse o apresentador do telejornal.

As imagens mostravam manifestantes com retratos dos comandantes mortos desde o início da guerra com Israel, enquanto outros agitavam bandeiras iranianas e do movimento libanês Hezbollah. Segundo a emissora, manifestações foram registradas em várias cidades do país, em particular em Tabriz, no noroeste do Irã, e em Shiraz, no sul.

REUNIÃO NÃO AVANÇA

Enquanto isso, os ministros das Relações Exteriores das potências europeias se reuniram, em Genebra, na Suíça, com seu homólogo iraniano, Abbas Araghchi, para tentar buscar uma saída diplomática para a guerra entre Israel e a República Islâmica, à qual o governo dos Estados Unidos cogita se juntar.

"Existe uma janela nas próximas duas semanas para alcançar uma solução diplomática", afirmou o ministro britânico das Relações Exteriores, David Lammy, após um encontro em Washington com o secretário de Estado americano, Marco Rubio. Sobre a participação dos Estados Unidos, Araghchi reiterou em uma entrevista exibida nesta sexta-feira que não negociará com Washington enquanto Israel prosseguir com os ataques contra o país.

CAMPANHA PROLONGADA

Já o chefe do Estado-Maior do Exército de Israel, tenente-general Eyal Zamir, disse que os israelenses devem se preparar para uma "campanha prolongada" contra o Irã, chamando a população a se preparar para "dias difíceis".

"Estamos lançando a campanha mais complexa da nossa história [...] Devemos nos preparar para uma campanha prolongada", disse em um vídeo aos "cidadãos de Israel". "Apesar do progresso significativo, dias difíceis nos aguardam. Estamos nos preparando para muitas eventualidades", acrescentou.

O Exército israelense se preparava há anos para a operação "Leão em Ascensão", lançada em 13 de junho contra o Irã, disse. "Nos últimos meses, intensificamos nossos preparativos, lutando em várias frentes e mantendo o máximo sigilo", especificou. (AFP/Folhapress) ■

ines249

ESTADO DE MINAS
SÁBADO, 21/6/2025

AMOR DE VERDADE

Vera Holtz, que faz a terceira temporada de "Ficções" na capital mineira, revela o "roteiro afetivo por Belo Horizonte", com lugares e pessoas que moram em seu coração

Vera Holtz diz que se sente em casa em Belo Horizonte. Não é para menos. Ela esteve em cartaz com o espetáculo "Ficções" – pelo qual recebeu os prêmios Shell e APTR de melhor atriz – durante um mês, no CCBB-BH, em 2023, e retornou com ele em janeiro do ano passado.

Neste fim de semana, Vera apresenta mais uma vez na capital mineira a montagem escrita e dirigida por Rodrigo Portella a partir do livro "Sapiens - Uma breve história da humanidade", de Yuval Noah Harari. Agora, a peça ocupa o Grande Teatro do Sesc Palladium. Para além das temporadas do espetáculo, ela mantém uma relação de afeto com personalidades locais e conhece bem a geografia da cidade.

No início desta semana, em entrevista ao ***Estado de Minas****, Vera disse que teria pouco tempo para encontrar os amigos, mas que já sabia os lugares que iria visitar. O giro ficou só na intenção: a atriz, que está prestes a completar 73 anos, teve, por esses dias, um problema na bacia que está comprometendo sua mobilidade.*

Ela disse que consegue fazer o espetáculo, mas que vai ficar só do hotel para o teatro e do teatro para o hotel, sem "condições de saracotear". Ela não se furtou, contudo, a escrever com exclusividade para o ***Estado de Minas*** *um texto falando de sua relação com Belo Horizonte, que chamou de "roteiro afetivo" e é, na verdade, uma carta de amor à cidade. Leia a seguir. (****Daniel Barbosa****)*

VERA HOLTZ

ESPECIAL PARA O **EM**

Belo Horizonte, para mim, é conversa boa em volta da mesa, regada a cachaça – que já é uma cachaça espetacular. É sentar sem pressa, porque ali a palavra tem tempo e sabor. É aquele Mercado Central, onde o mineiro te recebe com queijo, doce, afeto e memória.

Onde cada barraca é uma consagração da cultura popular. E, não muito longe, o Mercado Novo, onde os novos sabores ganham forma nas mãos de jovens padeiras e padeiros, criando outra cena, abrindo novas possibilidades.

Aliás, em BH, a moda é afeto que veste o corpo. Sonia Maria Pinto, por exemplo – eu diria que 90% das minhas roupas são dela. Não é só costura: é arquitetura do tecido. Gosto de dizer que Sonia é uma arquiteta do abraço: suas peças me envolvem, me protegem, me traduzem.

E, com ela, tantas outras mulheres lindas e criativas: gente que faz sapatos, bolsas, joias, bijuterias, óculos, adornos. E o mais bonito: muitas dessas lojas de conceito apoiam ONGs, fundações, causas – moda com alma.

Não posso falar de Minas sem tocar na ferida aberta de Brumadinho e Mariana. Tragédias que nos atravessam. Mas também não posso esquecer de Inhotim, um dos lugares mais espetaculares da arte contemporânea no mundo.

Hoje, minha curiosidade está voltada para o Grupo Galpão, que trabalhou com nosso querido Rodrigo Portella no espetáculo "Um ensaio sobre a cegueira". Queria ter estado na estreia, mas fui vencida pelo corpo – estava um pouco baqueada. Ainda assim, sigo com vontade de trocar ideias com esse grupo tão fundamental na cena teatral brasileira.

E tem o Grupo Corpo, com todo este prestígio internacional. E a Babaya, preparadora vocal de excelência. Ronaldo Fraga, estilista dos primeiros encontros – com quem mantenho uma amizade bonita. Minas tem uma turma charmosa, criativa, inquieta.

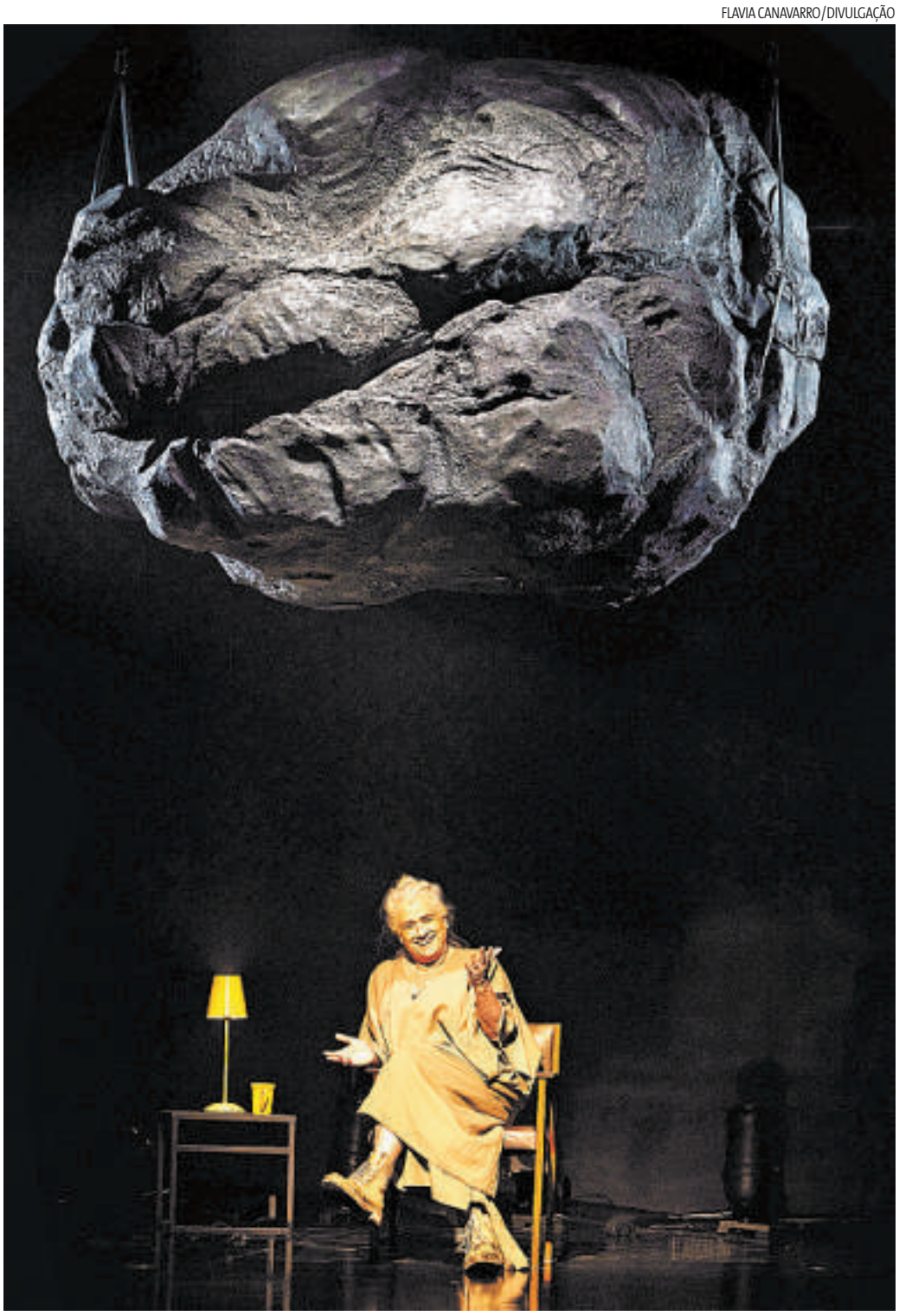
Tenho também um carinho enorme pelas bordadeiras locais, amigas que bordam ideias. E os museus de BH, tão preciosos. E queria, se pudesse, revisitar as cidades barrocas, suas ladeiras, a fé esculpida na pedra-sabão por Aleijadinho.

A comida mineira é outro afeto: sabores que a gente carrega. Tem um restaurante que é especial: o Couve-flor, até a comida deliciosa de Minas tem o nome de flor, sabores deliciosos, também preservados por famílias que tem um carinho muito grande por isso tudo.

A natureza de Minas é outra exuberância. Mas hoje, com certas restrições de locomoção, faço minha viagem: do teatro ao hotel, do hotel ao teatro. E, dentro de mim, sigo visitando amigos – no imaginário, na lembrança, na leitura.

E, para terminar, eu queria mesmo era tomar um cafezinho com Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012). Trocar umas ideias, um dedinho de prosa. Mas, enquanto isso, sigo encontrando Bartolomeu nos livros que guardo perto, sempre comigo. ■

FLAVIA CANAVARRO/DIVULGAÇÃO



O SOLO "FICÇÕES", BASEADO EM LIVRO DE YUVAL HARARI, TEM SESSÕES HOJE E AMANHÃ, NO SESC PALLADIUM

EM CARTAZ

O monólogo "Ficções", com Vera Holtz, tem sessões neste sábado (21/6), às 20h, e domingo (22/6), às 18h, no Grande Teatro do Sesc Palladium (Av. Augusto de Lima, 420, Centro), com ingressos com preços variando entre R$ 21 e R$ 180, à venda pela plataforma Sympla.

ines249

H!T



HELVÉCIO CARLOS
>> helveciofigueiredo.mg@diariosassociados.com.br

CINEMA A CÉU ABERTO

Não é a primeira vez que fãs de uma boa sessão de cinema terão a oportunidade de ver os filmes preferidos em uma tela enorme, ao ar livre. Há 11 anos, a Vivo montou o Open Air no Mirante Olhos d'Água. O visual de Belo Horizonte, admirado das arquibancadas, e o show de luzes que anunciava o início da sessão eram os destaques do projeto, que funcionou de 13 a 30 de novembro de 2014.

OPEN AIR/DIVULGAÇÃO



CINEMA A CÉU ABERTO SERÁ INAUGURADO NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA (26/6), NO BAIRRO OLHOS D'ÁGUA

TELA GIGANTE

A chance de curtir um bom filme ao ar livre está de volta com o Cineart Open Air, que vai funcionar às sextas, sábados e domingos, até 20 de julho. A inauguração ocorrerá na próxima quinta-feira (26/6). Serão duas sessões, a partir das 18h, no Espaço 356, no Bairro Olhos D'Água. O formato, comparado ao de uma década atrás, é mais intimista. O espaço tem capacidade para 100 pessoas, oferecendo tecnologia de ponta e serviço premium, que inclui carta exclusiva de vinhos e cafés especiais assinados pela Três Corações. A tela gigante tem sete metros de largura, projeção Barco 2K e som Dolby Digital 5.1, o que garante qualidade de exibição em ambiente externo. Cadeiras em estilo praia, pufes, aquecedores e mantas personalizadas fazem parte da ambientação.

F1

Lúcio Otoni, diretor da Cineart e presidente da Federação Nacional das Empresas Exibidoras de Cinema, informa que este é o único evento no estilo que oferecerá a mesma programação das salas tradicionais, com grandes estreias e filmes ainda nas primeiras semanas de lançamento. "É uma oportunidade para conferir o que há de melhor na telona de um jeito diferente de tudo o que já foi visto em BH. Transformamos esta estação do ano em um período de encontros memoráveis", afirma Otoni.

●●●

A programação reunirá "F1 – O filme", estrelado por Brad Pitt, que estreia agora; "Missão: Impossível – O acerto final"; os live action "Lilo & Stitch" e "Como treinar o seu dragão", ambos grandes sucessos deste ano; "Elio", a nova produção da Pixar; e "Jurassic World – Recomeço". Ingressos para o Open Air estão disponíveis no site oficial da Rede Cineart.

DEZ MIL ASSENTOS

A Rede Cineart, líder do mercado em Minas Gerais, está entre as 10 maiores do país no setor de exibição cinematográfica. Oferece cerca de 10 mil assentos em 65 salas localizadas em Belo Horizonte, Betim, Contagem, Barbacena e Pouso Alegre, entre outras cidades. A rede conta com a primeira sala Imax do estado, no Shopping Boulevard, e mantém ações sociais, com projetos de inclusão e educação cultural.

GASTRONOMIA

Os chefs Fabrício Lemos e Lisiane Arouca, do premiado restaurante baiano Origem, assinam jantar junino na próxima quinta-feira (26/6), no Pacato, em Lourdes. A dupla e o chef Caio Soter vão apresentar cardápio experimental em seis tempos, celebrando as tradições do são-joão com ingredientes e técnicas das culinárias mineira e baiana.

FEMINISMO

A cineasta Elza Cataldo e a produtora Elisa Tolomelli são as convidadas da próxima edição do projeto Sábados Feministas, que será realizado excepcionalmente em 3 de julho. Idealizado e realizado pelo Movimento Quem Ama Não Mata, o evento está marcado para as 19h, na Academia Mineira de Letras (AML).

HORÓSCOPO

CLAUDIA HOLLANDER

ÁRIES (21 mar. a 20 abr.)
O fato de o Sol entrar em Câncer, que é seu signo de concepção, inaugura um excelente período para você se dedicar à família e a iniciativas no sentido de se organizar e se instalar melhor em casa. DICA: os negócios imobiliários estão favorecidos e você pode até mesmo se mudar para um local mais confortável.

TOURO (21 abr. a 20 mai.)
Os raios do Sol passam a se harmonizar com seu signo e fazem com que as próximas semanas sejam bastante movimentadas e estimulantes. Você sentirá maior prazer em viajar e sair da rotina. DICA: seu desejo de aprender está em alta e você curtirá ainda mais os estudos, leituras e tudo o que lhe informe e atualize.

GÊMEOS (21 mai. a 20 jun.)
O astro rei Sol anuncia o início de uma fase ótima para você cuidar das coisas materiais e se organizar melhor. Seu espírito prático está em alta e você pode se sair especialmente bem no serviço e em tudo o que exige foco e objetividade. DICA: o período também é propício para você incrementar seus rendimentos.

CÂNCER (21 jun. a 21 jul.)
Às 23h43 de ontem, o Sol ingressou em seu signo e inaugurou uma fase muito especial para você, que tende a se sentir com muita energia. Você pode se concentrar em si, nos assuntos pessoais e em tudo o que lhe convém. DICA: a partir de seu aniversário (parabéns!) você inicia um novo ciclo vital.

LEÃO (22 jul. a 22 ago.)
O Sol ingressa em seu setor espiritual, por isso lhe aconselha a evitar o excesso de afazeres, reuniões e compromissos. O ideal é você dar atenção a seus limites e desacelerar o ritmo. Alterne as horas de agito com outras de sossego, para manter o equilíbrio. DICA: não se jogue de cabeça em situações nebulosas.

VIRGEM (23 ago. a 22 set.)
O astro rei Sol passa a transitar por seu setor das amizades e faz com que curtir a companhia dos amigos e das pessoas mais próximas seja bastante agradável. Você anda muito mais sociável e fraternal. DICA: inicia-se uma fase excelente para você participar ativamente de tudo o que se passa ao seu redor.

LIBRA (23 set. a 22 out.)
De agora em diante, o Sol magnetiza o ponto culminante de seu céu natal e anuncia semanas muito propícias para você se realizar e se projetar. O sucesso, a nível social e profissional, está mais do que nunca ao seu dispor e você pode brilhar. DICA: evite se sobrecarregar e dê maior atenção aos seus anseios espirituais.

ESCORPIÃO (23 out. a 21 nov.)
Durante as próximas semanas, sua necessidade de sair da rotina e viver novas situações estará em alta, graças ao Sol. Ele estimula seu espírito de aventura, favorece as viagens e tudo o que rompe com a rotina do cotidiano. DICA: esteja alerta para não se jogar de cabeça em situações indesejáveis.

SAGITÁRIO (22 nov. a 21 dez.)
O astro rei Sol transita a partir de agora por seu setor do inconsciente. Ele torna as próximas semanas ótimas para você mergulhar fundo em seu próprio íntimo e entender ainda melhor seus reais desejos e motivações. Sua necessidade de isolamento está em alta. DICA: você pode passar momentos quentíssimos a dois.

CAPRICÓRNIO (22 dez. a 20 jan.)
O Sol passa a dinamizar suas relações pessoais e faz com que as semanas vindouras sejam excelentes para você compartilhar as coisas. Você estará mais altruísta e sociável, capaz de se entrosar melhor com todos e de se unir aos outros em torno de metas comuns. DICA: sua necessidade de dar e receber afeto está em alta.

AQUÁRIO (21 jan. a 19 fev.)
Há poucos dias, o Sol ativa seu setor do serviço, onde faz com que as próximas semanas sejam ideais para você progredir no que faz. Aproveite para cuidar daquelas pequenas coisas do cotidiano para as quais em geral não tem disponibilidade. DICA: você pode se purificar e se desintoxicar através de uma boa dieta alimentar.

PEIXES (20 fev. a 20 mar.)
Você não vai ter do que se queixar, pois o Sol ingressou em sua casa da paixão e passa a dar a maior força aos assuntos sentimentais. Ele faz com que se inicie uma fase gratificante, ótima para você sair, se divertir e curtir o lado bom da realidade. DICA: se seu coração está vago, há boas chances de pintar alguém especial.

ines249



ANNA MARINA

>> anna.marina@uai.com.br

Especialista explica os sintomas da doença e os tratamentos disponíveis

Fisioterapia ajuda no tratamento de lipedema

Dor e sensibilidade nas pernas, hematomas que aparecem com facilidade, mobilidade reduzida. Esses são alguns dos sintomas do lipedema, doença crônica que afeta predominantemente mulheres. Estima-se que, no Brasil, por exemplo, esteja presente em aproximadamente 12% da população feminina.

O quadro se caracteriza também pelo acúmulo desproporcional de gordura, principalmente nas pernas (coxas, panturrilhas e também na cintura), e, às vezes, nos braços, enquanto geralmente poupa os pés, as mãos e o tronco. Apesar de comum, apenas em 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou o lipedema como doença.

Para que o quadro não se agrave, o diagnóstico precoce é fundamental, como explica o fisioterapeuta e professor espanhol Curro Millán. "O problema do lipedema é que é uma lipodistrofia dolorosa. Na sintomatologia, a dor é soberana – dor à palpação, dor estática, dor disfuncional que não permite uma vida normal, cotidiana, impactando o trabalho e atividades como brincar com os filhos", contextualiza o especialista, que é presidente da Associação Espanhola de Fisioterapia Dermatofuncional e CEO da Lipedema Experts.

Segundo ele, outros sintomas característicos incluem formigamento intenso, equimoses por fragilidade capilar e sensação de peso nas pernas. "Se isso está associado a mãe ou avó com lipedema, é quase líquida e certa a existência da doença".

Millán explica que, atualmente, uma revolução está transformando o tratamento do lipedema: a fisioterapia, que antes tinha papel coadjuvante, tornou-se protagonista no combate a essa condição. "Há menos de duas décadas, havia cerca de 66 publicações disponíveis sobre o tema no PubMed (base de dados on-line de pesquisas científicas). Hoje, são cerca de 60, ou seja, este ainda é um campo inexplorado em diversos aspectos. Por isso, para quem quer aprender e contribuir no tratamento do lipedema, existem inúmeras oportunidades de aprofundamento", comenta.

Uma das principais tendências atuais é a pressoterapia (equipamentos que exercem pressão controlada na área a ser trabalhada), especialmente nas fases iniciais do tratamento e como manutenção pós-cirúrgica. A pressoterapia cumpre funções múltiplas: melhora significativamente a drenagem linfática, reduz a sensação de peso que afeta as pacientes, e ajuda a manter os resultados obtidos com outros tratamentos. É especialmente efetiva em pacientes de estágios 1 e 2, quando é possível obter melhorias consideráveis sem intervenção cirúrgica.

Outra abordagem é a utilização de esteira de corrida com tecnologia de vácuo e raio infravermelho. "Na prática, a paciente caminha ou corre em uma esteira dentro de uma câmara selada da cintura para baixo, onde se aplica pressão negativa (vácuo) combinada com calor infravermelho. Isso cria um ambiente único que melhora significativamente a circulação tanto sanguínea quanto linfática, reduz o impacto nas articulações, permitindo exercício mesmo em pacientes com dor e potencializa a queima de gordura localizada através do calor infravermelho", detalha Millán.

Por último, o especialista deixa uma recomendação. "É importante sermos cautelosos com as promessas de tecnologias milagrosas. O lipedema requer uma abordagem integral e especializada. Essas tecnologias podem ser complementares, mas nunca substitutos do tratamento médico adequado e, em casos avançados, da intervenção cirúrgica especializada."

MARCELO GONÇALVES/FOLHAPRESS

LUTO NA DRAMATURGIA

A despedida de Francisco Cuoco

Fãs e amigos prestaram ontem, no velório em São Paulo, as últimas homenagens ao ator, morto aos 91 anos. Cerimônia do enterro foi reservada aos familiares

A despedida de Francisco Cuoco, morto aos 91 anos, na última quinta-feira (19/6), começou cedo ontem, em São Paulo. O corpo do ator já estava na Casa Daphnis de Freitas Valle, casarão histórico onde hoje funciona uma funerária, nos arredores da Avenida Paulista, às 7h, quando o velório estava marcado para começar.

Houve demora no preparo da sala, porém, e a cerimônia só teve início aproximadamente 30 minutos depois. Cuoco foi velado por seus familiares, que não autorizaram fotografias da ocasião.

Os primeiros fãs chegaram ao velório, aberto ao público, por volta das 8h10. Eles completavam o circuito montado pela funerária com rapidez e deixavam o local – alguns visivelmente emocionados.

"Eu assisti a todas as novelas dele, desde os anos 1970. Ele era tudo de bom. Lembro muito do programa 'Só o amor constrói', da novela 'Selva de pedra'. Essa foi demais", disse a aposentada Alice Gonzaga de Jesus, de 69 anos.

"Eu tenho 60 anos, então acompanhei ele desde muito cedo. Estava de passagem por São Paulo e vim me despedir", contou Solange Sato, que trabalha na área da saúde em Curitiba.

Um dos maiores galãs da televisão brasileira e figura indissociável das telenovelas, astro de folhetins como "Selva de Pedra" e "Pecado Capital", Cuoco morreu depois de passar aproximadamente 20 dias internado no hospital Albert Einstein.

O ator paulistano sofria de diversos problemas de saúde e estava sedado depois de contrair uma infecção causada por um ferimento. A causa da morte foi uma falência múltipla dos órgãos.

O sepultamento foi reservado a amigos e familiares.

Cuoco deixa três filhos – Rodrigo, Diogo e Tatiana, que mora em Londres. Diogo Cuoco, o caçula, falou sobre os últimos momentos de vida do pai. Segundo ele, o ator estava sedado e rodeado pela família. "Nós já estávamos conversando com ele sobre", disse.

Ele atribuiu a longevidade do pai à dedicação à vida de ator. "Está muito ligada ao fato de ele ter encontrado esse ofício que amava tanto."

Diogo também agradeceu o apoio que a família tem recebido. "A gente tem recebido inúmeras demonstrações de carinho, declarações lindas de colegas e fãs". ■



FÃ DEPOSITA CARTAZ EM HOMENAGEM A FRANCISCO CUOCO, EM FRENTE AO LOCAL DE SEU VELÓRIO, NA CAPITAL PAULISTA. A FAMÍLIA DO ATOR NÃO PERMITIU A ENTRADA DE FOTÓGRAFOS

DONO DE RECORDE

Francisco Cuoco era um dos donos do recorde de audiência da TV brasileira que nunca será quebrado. O capítulo 152 da novela "Selva de pedra", em que Cuoco vivia o protagonista Cristiano, teve 100% de audiência, segundo o Ibope. Isso significa que todos os televisores estavam ligados na Globo naquele 4 de outubro de 1972 para assistir à trama de Janete Clair. No capítulo daquele dia, a mocinha Rosana Reis (Regina Duarte) era desmascarada.

ines249

MÚSICA POPULAR

Mestre Negoativo saúda a Minas negra

Disco "O arco ancestral" se inspira nos vissungos, cantos de trabalho dos escravizados trazidos para Minas Gerais, e no legado da África

STUDIO BECO/DIVULGAÇÃO



MESTRE NEGOATIVO PESQUISOU A CULTURA BANTU, VISITOU QUILOMBOS DE MINAS E MANTÉM A TRADIÇÃO DOS VISSUNGOS

"Começamos a gravar lá na comunidade do Cubas, porque eu quis iniciar o projeto no território de onde vêm as minhas origens"

MESTRE NEGOATIVO
Cantor, compositor e capoeirista

AUGUSTO PIO

Um mergulho na afromineiridade. Assim é o novo álbum de Mestre Negoativo, que será lançado em show neste domingo (22/6), no Galpão Cine Horto, em Belo Horizonte. Com 10 faixas autorais, "O arco ancestral e os vissungos das Gerais" foi produzido por Sérgio Pererê, expert nas sonoridades africanas presentes em Minas e no Brasil.

O novo trabalho do músico, cineasta e capoeirista estará disponível nas plataformas digitais em julho, mas o clipe da faixa "Il était une fois" já chegou ao YouTube. Com esse projeto, o artista mineiro comemora 50 anos de ofício.

BERIMBROWN

Ramon Lopes, o Mestre Negoativo, iniciou a carreira artística muito jovem, no Bairro Maria Goretti, na Região Nordeste de Belo Horizonte. Em 1997, criou o grupo Berimbrown, que chamou a atenção com seu congo-pop, mesclando funk, reggae, samba, congada, folia de reis, soul e marujada.

Pesquisador da cultura bantu, Negoativo conta que tem estreitado laços com as ancestralidades afromineiras. "Me deu o desejo de gravar algo que vem de meu lugar mais íntimo. Nesses últimos anos, no meu processo de amadurecimento, fiz um regresso. Retornei ainda mais a minhas raízes, ao cerrado mineiro, de onde vêm minhas avós."

Ao visitar a comunidade do Cubas, entre Diamantina e o Serro, ele trabalhou com terra e plantio. Desde os anos 1990, tem percorrido quilombos de Minas Gerais, sobretudo na região de Diamantina. Essa jornada o aproximou do "povo do vissungo", como diz, referindo-se ao canto de trabalho de origem africana desenvolvido por escravizados trazidos para Minas Gerais.

"Aprendi os vissungos, esses ritos linguísticos, o bantu mesmo, que hoje está em extinção. Cada vez mais, fui trazendo isso para mim", ressalta Negoativo.

PELO BRASIL

Negoativo participa do projeto Sonora Brasil, ligado ao Sesc. "Fiz vários shows em 2024 ao lado de Douglas Din", conta ele, referindo-se ao rapper e compositor de Belo Horizonte. "Tocamos em todo o Nordeste. Este ano, faremos Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Em 1º de julho, já viajo com as músicas do novo show para Guarapari (ES), Vitória (ES) e Almenara (MG)", informa.

Ele explica que vivencia o sankofa, ou seja, "o movimento de você retornar no passado, aproximando-se mais de suas raízes, para ter certeza daquilo que lhe pertence, especialmente neste mundo veloz no qual vivemos".

O processo, que vai na contramão da fugacidade contemporânea, deu origem às novas canções. O álbum traz elementos do moçambique, dos vissungos e do candombe. "Tem também os berimbaus de afinação baixa, tudo isso inspirado no Mestre Waldemar da Liberdade, verdadeiro griot e líder comunitário", afirma Negoativo.

"Nesses últimos 10 anos, tenho me dedicado à vivência da musicalidade, viajado por todos os continentes e trabalhado com a partilha das afinações", prossegue.

Parte das gravações ocorreu no estúdio Musalab, em Sabará, pertencente ao guitarrista, produtor e arranjador Thiago Guedes, que está mixando e masterizando o disco de Mestre Negoativo. Outra parte foi gravada no estúdio Bangalô, em BH.

"Na verdade, começamos a gravar lá na comunidade do Cubas, porque eu quis iniciar o projeto no território de onde vêm as minhas origens. Lá, captei os sons da natureza. É um álbum recheado de sons no verão, outono e inverno. A cada estação, os bichos vão entoando de formas diferentes", explica.

Mestre Negoativo destaca a homenagem que faz aos curiandambas, guardiões e guardiãs de saberes ancestrais.

"Sobretudo a Dona Miúda, matriarca do quilombo do Quartel do Indaiá, que me recebeu muito bem com a dona Maria Macarrão e a Maria Diberto. Elas foram minhas mestras do vissungo, além do Sô Pedro Alexina", ressalta.

LIVRETO

No show deste domingo, será distribuído um livreto com 36 páginas. "Ele traz a história de toda a minha vivência, da minha pesquisa, além das letras das músicas. Tem várias fotos feitas de 30 anos para cá", informa.

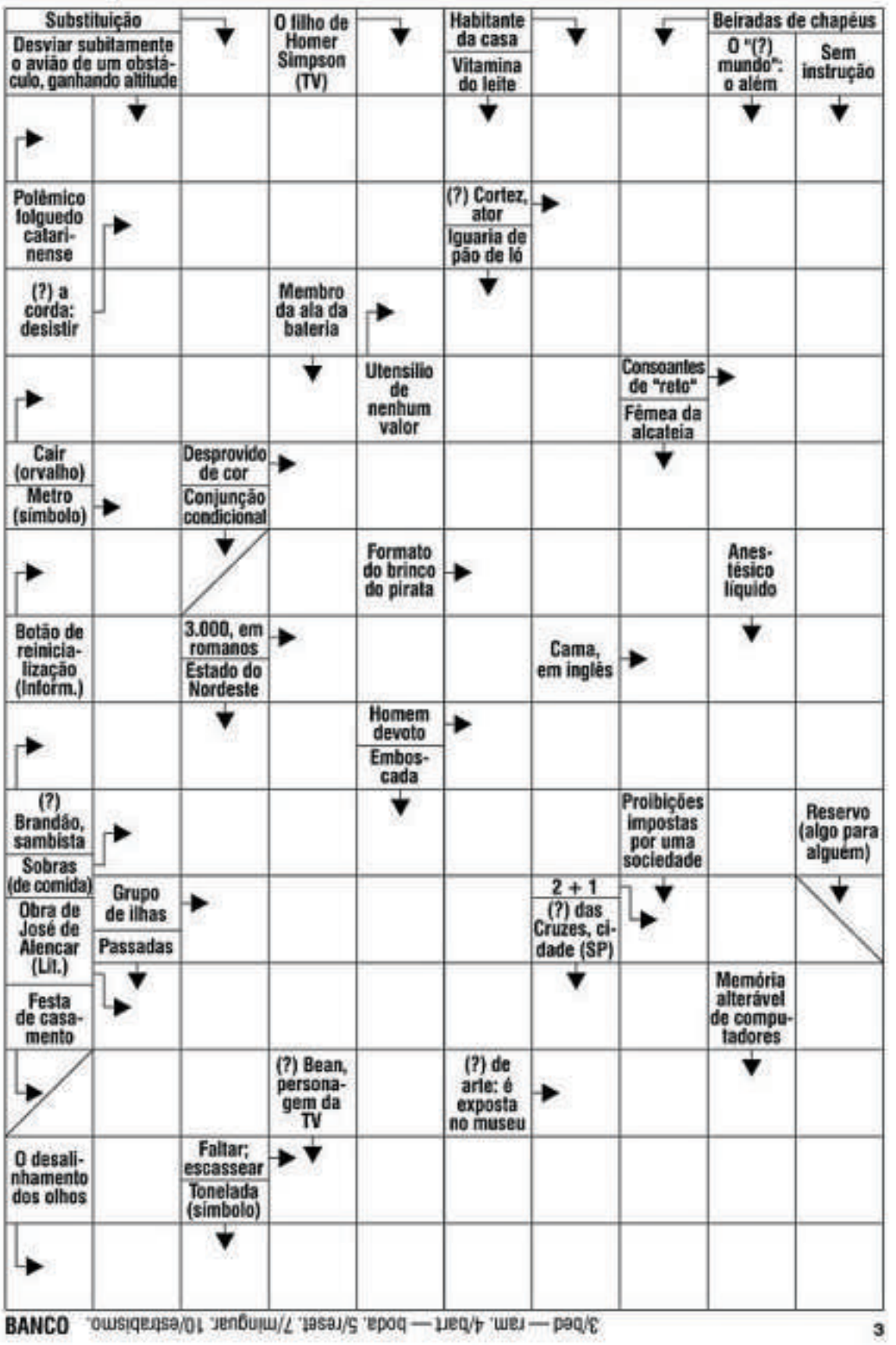
O novo álbum é também agradecimento a dona Ester e a dona Doca, respectivamente, avó e mãe do compositor e cantor. "Essas duas matriarcas me moldaram para que eu entendesse a africanidade de Minas Gerais", conclui Mestre Negoativo. ■

MESTRE NEGOATIVO
Show de lançamento do álbum "O arco ancestral e os vissungos das Gerais". Domingo (22/6), às 20h, no Galpão Cine Horto (Rua Pitangui, 3.613, Horto). Ingressos: R$ 10 (inteira) e R$ 5 (meia-entrada), à venda na plataforma Sympla. Em julho, a íntegra do repertório do disco chegará às plataformas musicais.

ines249

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL



BANCO 3/bed — ram. 4/bart — boda. 5/reset. 7/minguar. 10/estrabismo.

3

SUDOKU (I)

9	8							4
		6					3	
		4	9			2		
7	9			2				1
	2		4					
	6				1		5	
					3			8
1				9	5	6		
	4				2			

SUDOKU (II)

	1			3	2	9	7	
					8	5		
2			7					
6					7			8
	2	4					9	
				8		6	3	
9					5		8	
					3		4	7
4								



Solução

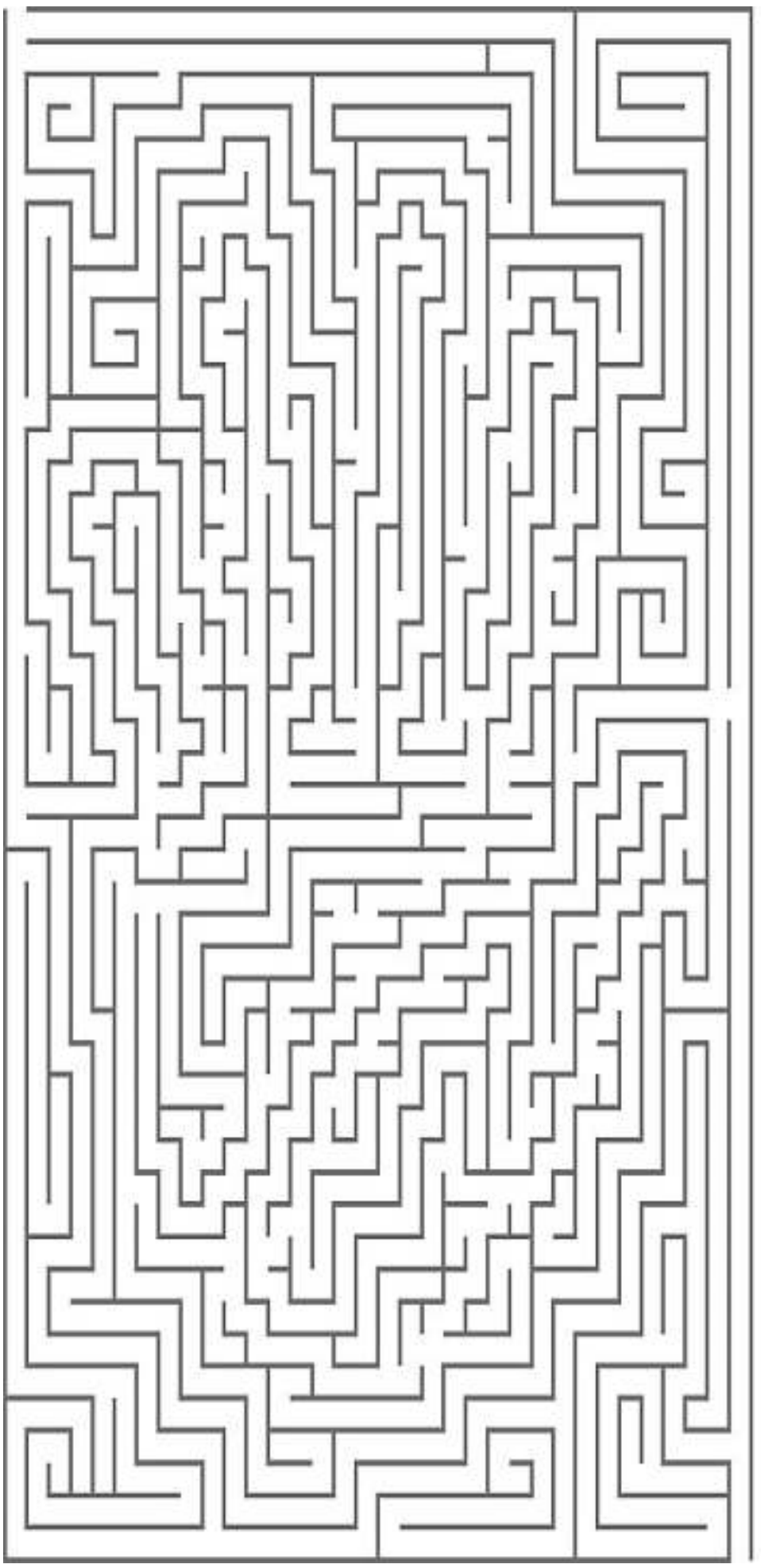


SETE ERROS





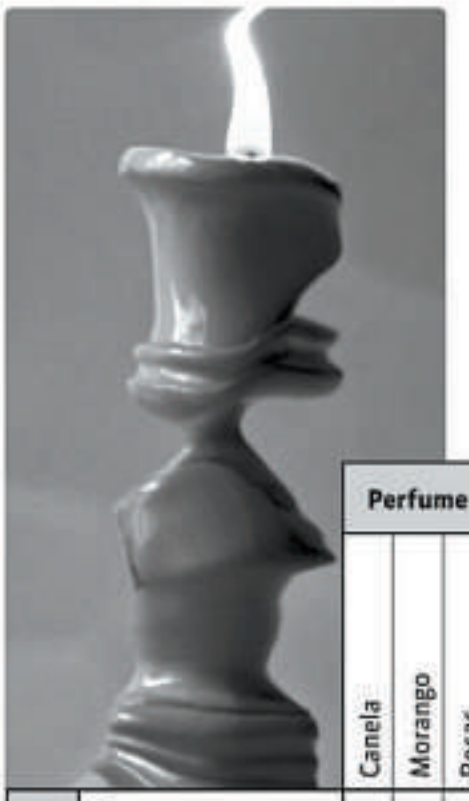
ines249



PROBLEMAS DE LÓGICA

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Resolva o passatempo, preenchendo o quadro. Coloque S (Sim) em todas as afirmações e complete com N (Não) os quadrinhos restantes (veja o exemplo). Para isso, use sempre a lógica.



Velas perfumadas

		Perfume			Cômodo		
		Canela	Morango	Rosas	Banheiro	Quarto	Sala de estar
Nome	Bruna						
	Denise						
	Sílvia						
Cômodo	Banheiro	N					
	Quarto	N					
	Sala de estar	S	N	N			

Na semana passada, Denise e outras duas mulheres compraram velas perfumadas para enfeitar suas casas. Cada vela tinha um aroma diferente. Considerando as dicas, descubra o nome de cada mulher, o perfume da vela comprada e o cômodo da casa onde foi colocada.

1. A vela com aroma de canela foi colocada na sala de estar.
2. Bruna comprou uma vela com aroma de morango.
3. Sílvia colocou uma vela perfumada no banheiro.

Nome	Perfume	Cômodo

7

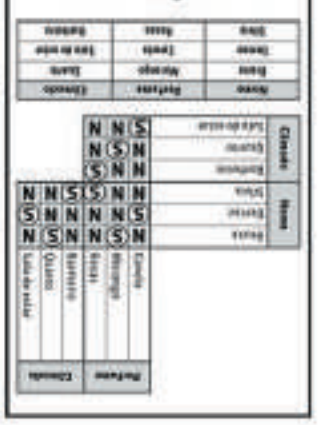
SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA



#FaçaCoquetel /editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA!
www.coquetel.com.br

Solução



RESPOSTAS

SUDOKU (1)

9	8	5	2	3	6	7	1	4
2	7	6	1	8	4	5	3	9
3	1	4	9	5	7	2	8	6
7	9	3	5	2	8	4	6	1
5	2	1	4	6	9	8	7	3
4	6	8	3	7	1	9	5	2
6	5	9	7	4	3	1	2	8
1	3	2	8	9	5	6	4	7
8	4	7	6	1	2	3	9	5

SUDOKU (2)

5	1	8	6	3	2	9	7	4
3	9	7	1	4	8	5	6	2
2	4	6	7	5	9	8	1	3
6	3	1	5	9	7	4	2	8
8	2	4	3	1	6	7	9	5
7	5	9	2	8	4	6	3	1
9	7	3	4	2	5	1	8	6
1	8	5	9	6	3	2	4	7
4	6	2	8	7	1	3	5	9

SETE ERROS



LABIRINTO



ines249



PÉ & TORNOZELO

TIAGO BAUMFELD

Ortopedista, especialista em pé e tornozelo e doutor em ortopedia pela UFMG

Sentir dor vai muito além do que os exames de imagem ou laboratoriais conseguem mostrar

Influência do aspecto emocional na percepção de dor

Dor é um fenômeno complexo, multifatorial e, acima de tudo, subjetivo. Durante décadas, a medicina tradicional se concentrou em investigar a dor como resposta fisiológica a um dano tecidual, um sinal de alerta do corpo frente a uma lesão. Entretanto, essa visão reducionista vem sendo progressivamente substituída por uma abordagem mais ampla, que reconhece a importância dos fatores emocionais, cognitivos e sociais no modo como cada indivíduo percebe e interpreta a dor. Em outras palavras, sentir dor vai muito além do que os exames de imagem ou laboratoriais conseguem mostrar.

DOR: UMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL E EMOCIONAL

A definição moderna de dor, proposta pela International Association for the Study of Pain (IASP), deixa claro que dor é "uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a dano real ou potencial aos tecidos". Note-se aqui a inclusão explícita do termo "emocional". Ou seja, não se trata apenas da ativação de terminações nervosas nociceptivas — envolve também o processamento cerebral subjetivo, o contexto da dor e o estado emocional do paciente.

A dor, portanto, é tanto um sinal fisiológico quanto um construto psicológico. Ela é filtrada pelas experiências anteriores, pela personalidade, pelo humor e, principalmente, pelas emoções. Um indivíduo ansioso ou deprimido, por exemplo, tende a relatar dores mais intensas e com maior frequência do que alguém emocionalmente equilibrado, mesmo quando enfrentam condições clínicas semelhantes.

EMOÇÕES E O PROCESSAMENTO CEREBRAL DA DOR

A dor é interpretada no cérebro por uma rede de regiões conhecida como pain matrix, que inclui estruturas como o tálamo, o córtex somatossensorial, a ínsula, o córtex cingulado anterior e o córtex pré-frontal. Curiosamente, essas mesmas áreas também estão envolvidas no processamento de emoções, particularmente de estados como medo, tristeza e ansiedade.

Essa sobreposição funcional explica por que fatores emocionais interferem tanto na percepção da dor. Uma pessoa com ansiedade, por exemplo, tem maior atividade na amígdala — centro cerebral responsável por processar o medo. Essa hiperativação sensibiliza as vias de dor, reduz o limiar nociceptivo e amplifica a experiência dolorosa. Isso significa que o paciente não está "imaginando a dor", mas realmente sente mais dor porque seu sistema nervoso está em estado de alerta exacerbado.

Em estados depressivos, por sua vez, ocorre uma redução da atividade em regiões cerebrais que normalmente exercem controle inibitório sobre a dor. Isso leva a uma menor capacidade de "desligar" ou controlar os impulsos nociceptivos, contribuindo para a cronificação do quadro doloroso.

ANSIEDADE, ESTRESSE E DOR: UM CÍRCULO VICIOSO

Muitos pacientes com dor crônica convivem com um ciclo autodestrutivo. Sentem dor, o que os leva a se afastar de atividades sociais ou profissionais, o que gera mais ansiedade e estresse, o que, por sua vez, piora a dor — e assim o ciclo se retroalimenta. É preciso abordar o paciente como um todo, incluindo sua saúde mental e suas emoções.

Essa abordagem integrada é ainda mais essencial quando consideramos o impacto que a dor pode ter na autoestima, na qualidade do sono, na sexualidade e nas relações interpessoais.

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA ATIVA E DA VALIDAÇÃO DA DOR

Um dos maiores erros na abordagem da dor com componente emocional é desvalidar o sofrimento do paciente. Frases como "isso é coisa da sua cabeça" ou "você precisa ser mais forte" podem ser devastadoras. A escuta ativa, a empatia e o acolhimento são instrumentos terapêuticos fundamentais. Quando um paciente sente que sua dor está sendo compreendida — e não julgada —, ele tende a se engajar mais no tratamento e a responder melhor às intervenções.

COMO O TRATAMENTO EMOCIONAL PODE AJUDAR NA DOR

A boa notícia é que, assim como estados emocionais negativos aumentam a dor, emoções positivas e boas práticas mentais ajudam a reduzi-la. Entre as abordagens mais eficazes estão:

- Terapia cognitivo-comportamental (TCC): auxilia o paciente a identificar pensamentos negativos automáticos, reduzir a catastrofização e desenvolver estratégias de enfrentamento mais funcionais.
- Mindfulness e meditação: treinam o foco no presente, promovem autorregulação emocional e têm efeitos comprovados na modulação da dor.
- Atividade física regular: libera endorfinas, melhora o humor e reduz a sensibilização central.
- Apoio social: estar inserido em um contexto de apoio, seja familiar ou em grupos de convivência, melhora a resiliência e a tolerância à dor.
- Intervenções farmacológicas específicas: em alguns casos, o uso de antidepressivos ou ansiolíticos pode ajudar a quebrar o ciclo dor-emocional, principalmente quando há comorbidades psiquiátricas claras.

TRATAR A DOR É TRATAR O SER HUMANO POR INTEIRO

A medicina do século 21 precisa abandonar a visão mecanicista da dor e adotar uma abordagem verdadeiramente integrativa. Tratar a dor sem considerar o contexto emocional do paciente é como tentar apagar um incêndio com metade do extintor.

É necessário que médicos, fisioterapeutas, psicólogos e demais profissionais de saúde trabalhem juntos para oferecer um cuidado centrado no paciente, que considere não apenas a lesão, mas a pessoa por trás dela.

Porque, no final das contas, a dor que dói na alma também dói no corpo. E a cura, muitas vezes, começa pelo afeto, pelo acolhimento e pelo olhar humano que vê além da lesão — e enxerga o sofrimento em sua totalidade.

Quer mais dicas sobre esse assunto? Acesse: www.tiagobaumfeld.com.br ou siga @tiagobaumfeld



ines249

PCMG/DIVULGAÇÃO



LEIA TAMBÉM NO
www.em.com.br
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA
Homem é preso por perseguição por "amor" ►►►

Para acessar: aponte o celular

FALE COM A REDAÇÃO: (31) 98792-1480

RADIOGRAFIA DO CRIME



NA ZONA DA MATA MINEIRA, ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA NACIONAL DITA REGRAS DA VIOLÊNCIA, ENQUANTO NO VALE DO RIO DOCE A AÇÃO DE GRUPOS PULVERIZADOS É DESAFIO PREDOMINANTE

ENTRE O PODER DA FACÇÃO E O DESCONTROLE DAS GANGUES



LEONARDO COSTA/TRIBUNA DE MINAS – 19/6/2012

JUIZ DE FORA TEM VIOLÊNCIA DOMINADA POR FACÇÃO NACIONAL, DIZEM FONTES DA SEGURANÇA

MATEUS PARREIRAS

O crime organizado tem acumulado poder para decidir quem deve morrer e quando se rouba na Zona da Mata mineira, influenciando diretamente a criminalidade em alguns dos principais municípios da região. O indicativo de fontes policiais, da ativa e inativas, mostra que sobretudo em Juiz de Fora essa influência é exercida, enquanto estatísticas comprovam que a violência atinge índices exorbitantes em outras cidades. Já no Vale do Rio Doce, a pulverização das gangues sem um controle unificado também faz com que as mortes por homicídios estejam entre os maiores índices do estado. Características que reportagem do Estado de Minas mostra, em mapeamento com auxílio de especialistas da área.

A forte atuação nos municípios da Zona da Mata mineira de uma facção criminosa com origem no sistema carcerário do Rio de Janeiro e atuação nos morros cariocas se reflete em crimes violentos e em domínio de áreas para distribuir entorpecentes e armas. Segundo fontes policiais, entre os planos da organização para exercer seu domínio está a determinação de que não se mate ou roube em Juiz de Fora, cidade polo da região, sem a anuência da quadrilha. Uma forma de manter a atuação policial em nível abaixo do que poderia atrapalhar as operações, que como efeito colateral faz com que acertos de contas e homicídios explodam em outros municípios, como Ubá, Viçosa e Muriaé.

Os homicídios compõem 11,2% dos registros de crimes violentos nas cidades com mais de 50 mil habitantes da Zona da Mata – atingindo picos de 24,6% em Ponte Nova, 20,8% em Viçosa e 20,8% em Manhuaçu –, contra taxa de 6,8% na soma dos municípios de mais de 50 mil habitantes do estado. Entre os piores índices, Viçosa, cidade com 76.430 habitantes, mantém taxa de vítimas de homicídios de 34 mortes por grupo de 100 mil pessoas, a terceira pior do estado, atrás apenas de Esmeraldas e de Governador Valadares. Manhuaçu é o quarto pior por esse quesito, e Ubá, o nono.

Em termos absolutos, os 26 homicídios ocorridos em 2024 posicionam Viçosa em 18º lugar entre as 72 cidades mineiras com mais de 50 mil habitantes, ainda assim mais mortal do que 19 dos 34 municípios de mais de 100 mil habitantes de Minas. Em Ubá a taxa geral de crimes violentos por 100 mil é de 273,7, o que posiciona a cidade como o terceiro pior município mineiro. As outras cidades listadas na região foram Cataguases, Juiz de Fora, Leopoldina, Manhuaçu, Muriaé e Ponte Nova (veja quadro).

Especialista em inteligência de Estado e segurança pública, o coronel Carlos Júnior entrou em contato com comandantes e chefes de polícia da ativa e inativos em busca de informações para uma avaliação dos crimes violentos da Zona da Mata mineira. "A paz relativa em Juiz de Fora parece ter o custo de mortes e violência em outros grandes centros da Zona da Mata. As forças de segurança pública sabem disso. Juiz de Fora tem poucos homicídios e roubos, mas não é só porque a polícia está trabalhando muito. É porque há uma orientação da facção que controla o crime de não assaltar, de não matar sem ordem expressa", afirma o especialista. "Enquanto isso, cidades como Ubá estão perto da perda de controle. Um absurdo. Muriaé, Ponte Nova e Viçosa também estão sendo sacrificadas por essa paz, segundo as informações das forças de segurança", completa.

A ORIGEM

Os índices da reportagem foram gerados a partir de levantamento com recortes regionais, feito pela equipe do Estado de Minas **com consultoria de analistas de segurança pública. Foram usados dados de 2024 da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) sobre crimes, correlacionados com a demografia dos 72 municípios mineiros com mais de 50 mil habitantes, conforme o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).**

CRIMINALIDADE DESPROPORCIONAL

A Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) afirma que usa números absolutos para avaliar as ocorrências em municípios com população variando entre 50 mil e 100 mil habitantes. Esse critério abrangeria, dentro do levantamento feito pelo EM, as cidades de Leopoldina (51 mil moradores), Ponte Nova (57 mil), Cataguases (66 mil), Viçosa (76 mil) e Manhuaçu (91 mil). Em relação aos crimes violentos em geral, Viçosa (120 ocorrências) e Manhuaçu (125) superam Muriaé (104), de 104 mil habitantes. Com 29 homicídios em 2024, Manhuaçu tem o mesmo número de Ubá (103 mil habitantes) e teve menos vítimas apenas do que as 35 mortes de Juiz de Fora (540 mil), na região. Viçosa vem em seguida, com 26 óbitos.

Quando analisados em conjunto, os oito municípios da Zona da Mata mineira apresentam taxa de vítimas de homicídios de 13,8 por grupo de 100 mil habitantes, praticamente no mesmo nível do índice estadual (13,4/100 mil), e uma taxa de crimes violentos de 116,5/100 mil, nesse caso abaixo do patamar mineiro (157,3/100 mil).

►►►

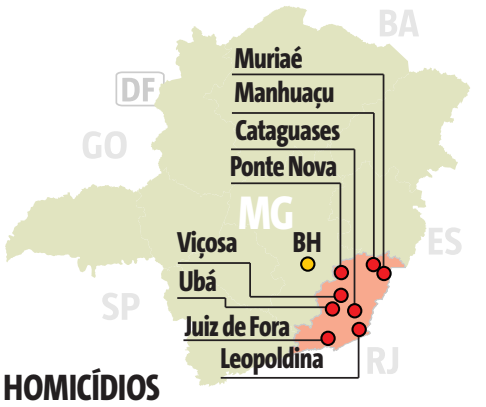
ines249

DESAFIOS DE SEGURANÇA

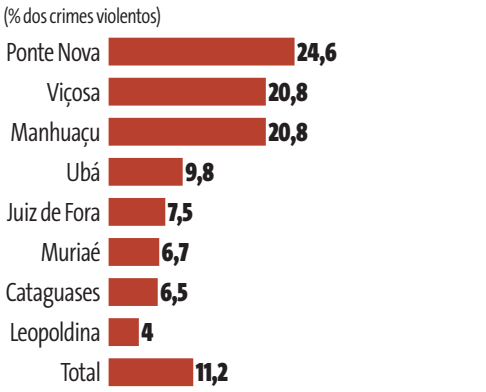
MAIOR PREDOMINÂNCIA NA CRIMINALIDADE VIOLENTA DA ZONA DA MATA

TAXAS DE CRIMES POR GRUPOS DE 100 MIL PESSOAS E NÚMEROS ABSOLUTOS DE OCORRÊNCIAS

Local	Crimes violentos/100 mil	Nº absoluto	Homicídios/100 mil	Nº absoluto
Cataguases	114,6	76	7,5	5
Juiz de Fora	80,9	438	6,4	35
Leopoldina	115,3	59	3,9	2
Manhuaçu	136	125	31,5	29
Muriaé	99,8	104	7,6	8
Ponte Nova	115,9	67	29,4	17
Ubá	273,7	283	28	29
Viçosa	157	120	34	26
Municípios juntos	116,5	1272	13,8	151
Minas Gerais	**157,3**	**32.322**	**13,4**	**2.769**

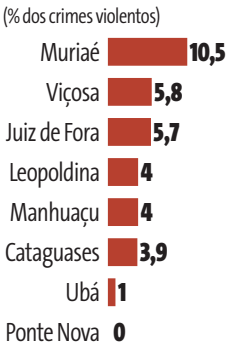


HOMICÍDIOS
(% dos crimes violentos)



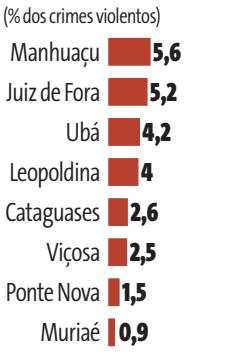
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 6,8%

ESTUPRO
(% dos crimes violentos)



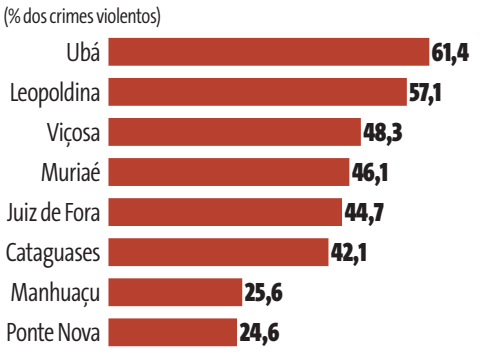
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 3,3%

EXTORSÃO
(% dos crimes violentos)



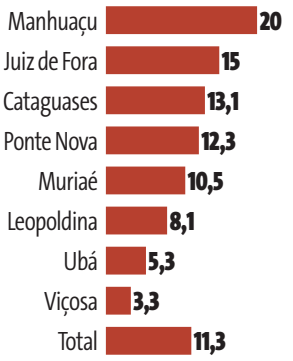
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 3,3%

ROUBO
(% dos crimes violentos)



Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 64,1%

ESTUPRO DE VULNERÁVEL
(% dos crimes violentos)



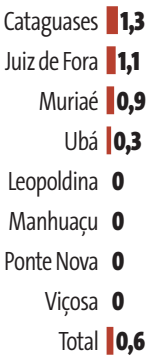
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 8,2%

EXTORSÃO MEDIANTE SEQUESTRO
(% dos crimes violentos)



Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 0,1%

SEQUESTRO E CÁRCERE PRIVADO
(% dos crimes violentos)



Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. 0,7%

Fonte: Sejusp

Na região, os bairros onde mais pessoas morreram foram o Baixada (Manhuaçu), concentrando 3,82% das vítimas, Nova Viçosa (Viçosa), com 3,05%, Bom Jesus (Viçosa), com 3,05%, Cidade Nova (Ponte Nova), com 3,05%, e Marumbi (Juiz de Fora), com 2,29%. Os locais onde mais se matou foram as vias de acesso públicos (57,46%), casas (20,15%), bares, lanchonetes e restaurantes (4,48%), com base em dados da Sejusp.

As mortes ocorreram com o emprego de armas de fogo (67,33%), armas brancas (12,67%), enforcamentos (6%), agressões físicas sem emprego de instrumentos (2,67%), veículos (1,33%) e quedas (0,67%). Entre os motivos que se pôde apurar inicialmente para os crimes, os principais foram brigas e atritos (26,36%), envolvimento com drogas (24,55%), ação de gangues ou facções criminosas (14,55%), vingança (10%), e razões passionais (3,64%).

Vítimas e assassinos não tinham relacionamento na maioria dos casos em que essa relação pôde ser apurada preliminarmente (45,05%), mas eram amigos ou conhecidos em 15,38% das ocorrências, parentes distantes (6,59%) e cônjuges ou companheiros (4,4%).

ROUBOS LIDERAM ENTRE OCORRÊNCIAS

Os crimes violentos, conforme definição da Sejusp, abrangem extorsão mediante sequestro, e as modalidades tentada e consumada de estupro, estupro de vulnerável, extorsão, homicídio (considerando apenas as ocorrências e não o número de mortos), roubo, sequestro e cárcere privado. Dentro desse universo, os roubos representam 64,1% do total de crimes violentos nos 72 municípios mineiros com população superior a 50 mil habitantes, sendo a principal infração que pesa sobre o índice de violência.

Nos oito maiores municípios da Zona da Mata mineira, o roubo segue a tendência estadual como crime mais praticado, respondendo por 42,8% das ocorrências. A lista decrescente prossegue com tentativas de assassinato (16,7%), homicídios (11,3%), estupros de vulnerável (9%) e tentativa de roubo (6,4%). Crimes cometidos em sua maioria com uso de armas de fogo (54,32%), mas também com armas brancas (10,34%), agressões físicas sem emprego de instrumentos (8,30%), ameaça (6,25%), grave ameaça (1,82%) e sem uso de violência ou ameaça (1,25%).

Criminosos agiram mais vezes em vias de acesso públicas (49,8%), casas (13,7%) e bares, lanchonetes e restaurantes (2,4%). Os bairros com maior incidência de crimes violentos em geral na região foram o Centro de Juiz de Fora (4,06%), o Centro de Muriaé (2,24%), o Centro de Viçosa (2,24%), o Centro de Ubá (1,6%) e o Benfica, também em Juiz de Fora (1,5%).

A RESPOSTA ÀS AÇÕES DO CRIME

A Sejusp afirma que as forças estaduais de segurança acompanham diariamente os índices de criminalidade dos 853 municípios mineiros, "em busca de estratégias integradas que possam reduzir os impactos da ação criminosa em todo o estado, por meio de ações preventivas, repressivas e ostensivas voltadas para a coibição de homicídios e demais crimes violentos". Segundo a secretaria, destaca-se a atuação do método Igesp (Integração da Gestão em Segurança Pública), que tem como foco o combate a crimes contra o patrimônio. Análises das estatísticas criminais feitas pelo Observatório de Segurança Pública, identificam as áreas com índices de criminalidade mais altos, conhecidas como "zonas quentes".

Sobre o combate aos crimes contra a pessoa, sobretudo os assassinatos, a pasta destaca o trabalho repressivo e preventivo realizado pela Polícia Militar, com as Patrulhas de Prevenção a Homicídios e a Gestão de Desempenho Operacional (GDO). "Elas são iniciativas voltadas para o mapeamento de locais de ação de infratores, que têm tendência para o acontecimento de crimes, com o objetivo de promover uma repressão qualificada dos atos criminosos", informa a Sejusp.

A secretaria acrescenta que a Polícia Civil de Minas Gerais é responsável pela investigação dos crimes, integrando as forças de segurança, o Ministério Público e o Poder Judiciário. "A criação da Agência Central de Inteligência (ACI) da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública é outra importante iniciativa que veio potencializar e agilizar o compartilhamento de informações para ampliar o cerco ao crime", afirma a Sejusp. A ACI coordena a inteligência dos órgãos públicos e é a responsável pelo mapeamento de organizações criminosas.

A Sejusp avalia que, para fins de comparação, os municípios devem guardar entre si correlação econômica, social, ambiental, além de ser observada a Região Integrada de Segurança Pública (Risp) à qual cada um pertence. "As Risps são estruturadas com base nos indicadores de criminalidade historicamente acompanhados pela Sejusp, com objetivo de promover um amplo e irrestrito combate à criminalidade no estado, de forma regionalizada."

A pasta destaca ainda que se deve considerar ainda o grau de participação das gestões municipais nas ações de segurança pública, em iniciativas como a criação de guardas civis municipais que atuam também no combate à desordem urbana e demais fatores que têm impacto sobre a criminalidade local.

LEIA MAIS SOBRE CRIMINALIDADE EM MINAS
NAS PÁGINAS 20 E 21 ►►►

ines249

RADIOGRAFIA DO CRIME



AÇÃO DESCENTRALIZADA DE GANGUES VIRA DESAFIO NO COMBATE À CRIMINALIDADE NAS MAIORES CIDADES DA REGIÃO, QUE TÊM NOS HOMICÍDIOS GRANDE FONTE DE APREENSÃO

GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A PRESS



VISTA DE GOVERNADOR VALADARES: CIDADE POLO DO VALE DO RIO DOCE É TAMBÉM A QUE TEM MAIS ALTA TAXA DE CRIMINALIDADE VIOLENTA DA REGIÃO

DISPUTAS DO TRÁFICO DOMINAM VIOLÊNCIA NO VALE DO RIO DOCE

MATEUS PARREIRAS

As disputas de gangues de traficantes por territórios e fatias do mercado de entorpecentes são a explicação de forças policiais e especialistas em segurança pública para a violência nas grandes cidades do Vale do Rio Doce, sobretudo em Governador Valadares. Contudo, não há uma importante relação com as principais organizações criminosas de alcance nacional que agem nos estados brasileiros. É o que mostra levantamento do **Estado de Minas** que mapeou os crimes violentos nos maiores municípios mineiros em 2024, considerando dados populacionais do IBGE.

Os registros de homicídios se destacaram mais nos municípios de maior população no Vale do Rio Doce do que na média dos crimes violentos das 72 cidades com mais de 50 mil habitantes de Minas Gerais. Os cinco municípios mais populosos da região têm nos assassinatos um índice de 15,9% no total de crimes violentos, enquanto a média dos grandes centros mineiros foi de 6,8%.

A situação mais crítica é observada em Governador Valadares, maior cidade da região, com 257.171 moradores, e que registrou 36,1 vítimas de homicídio por 100 mil habitantes e 202,9 crimes violentos em geral por 100 mil. Isso coloca o município como a segunda pior localidade em taxa de assassinatos no estado, atrás de Esmeraldas, na Grande BH, e a nona em criminalidade violenta em geral. Os outros municípios da região avaliados no levantamento do **EM** são Caratinga, Coronel Fabriciano, Ipatinga e Timóteo.

Este mapeamento regionalizado **(veja quadro)** foi feito pela equipe do **Estado de Minas** com orientação de especialistas em segurança pública, empregando dados de crimes registrados em 2024 pela Sejusp e utilizando como base a população dos 72 municípios mineiros com mais de 50 mil habitantes, conforme o Censo do IBGE de 2022.

►►►

ines249

Especialista em inteligência de Estado e segurança pública, o coronel Carlos Júnior procurou agentes das forças policiais da ativa e inativos para entender o contexto da violência na região. "Não se nota no Vale do Rio Doce e principalmente em Governador Valadares uma atuação que seja marcante das maiores facções criminosas do país. Os indicativos dos crimes são de pequenos grupos, em sua maioria chefiados por pessoas muito jovens, sem muito escrúpulo, que não pensam no amanhã. São descritos como 'imediatistas'. Se tiverem de executar um rival, eles executam. Não tem questão de moral, poucos têm algum princípio. Existe muito esse conflito entre gangues e mortes por dívidas ou para demonstrar poder", afirma.

Contudo, chamou a atenção do especialista o fato de a sensação de insegurança em Governador Valadares ser atribuída com mais intensidade a crimes contra o patrimônio do que propriamente aos homicídios. "Pelos relatos que recebi, o homicídio para o cidadão de bem não é tido como um grande problema. Na cabeça de grande parte das pessoas, quem morre tem conflito com gangues ou é envolvido com drogas. Quando um empresário ou um trabalhador é assassinado aí, sim, se gera um pânico, uma revolta", descreve o coronel Carlos Júnior.

Considerando a criminalidade conjunta dos cinco municípios da região, a taxa de crimes violentos do grupo alcança 153,9 por 100 mil habitantes e a de homicídios é de 25,5 por 100 mil habitantes. Os crimes violentos estão abaixo do nível estadual (157,3), mas as vítimas de homicídio são quase o dobro do índice mineiro (13,4).

"Não se nota no Vale do Rio Doce e principalmente em Governador Valadares uma atuação que seja marcante das maiores facções criminosas do país. Os indicativos dos crimes são de pequenos grupos, em sua maioria chefiados por pessoas muito jovens, sem muito escrúpulo, que não pensam no amanhã"

●●●●
CORONEL CARLOS JÚNIOR
Especialista em inteligência de estado e segurança pública

POR QUE MAIS SE MATA NA REGIÃO

As atividades de quadrilhas e o comércio de entorpecentes se destacam entre as motivações para homicídios na região. Das causas levantadas preliminarmente para os assassinatos, a de maior volume é o envolvimento com drogas e tráfico (35,8%), a ação de gangues e facções criminosas (26,9%), as brigas e atritos (26,9%), as vinganças (17,9%) e razões passionais (9%). As vítimas não tinham relacionamento com seus assassinos em 50,9% das causas conhecidas, mas eram amigos ou conhecidos em 28,1%, vizinhos em 8,8% e cônjuges ou companheiros em 5,3%.

Os bairros com mais vítimas de homicídios nos cinco municípios do Vale do Rio Doce são o Turmalina (5,5%), em Governador Valadares, Cachoeira do Vale (Timóteo), com 3,4%, Canaã (Ipatinga), com 2,8%, Esperança (Caratinga), com 1,4%, e o bairro de mesmo nome e índice em Ipatinga. Os locais onde os crimes mais ocorreram foram as vias de acesso público (65,6%), casas (19,6%), bares, lanchonetes e restaurantes (3,2%).

OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA

Pelos critérios da Sejusp, os crimes violentos abrangem extorsão mediante sequestro e as modalidades tentada e consumada de estupro, estupro de vulnerável, extorsão, homicídio (considerando apenas as ocorrências e não o número de mortos), roubo, sequestro e cárcere privado. Nesse universo, os roubos representam 64,1% da criminalidade violenta total nos 72 municípios mineiros com população superior a 50 mil habitantes, sendo a principal infração que influencia o índice de violência.

No Vale do Rio Doce, o roubo também se destaca como a principal modalidade violenta nos cinco maiores municípios, com 47% das ocorrências totais, seguido das tentativas de assassinato (17,5%), estupro de vulnerável (13,1%), homicídio (9,2%) e o estupro (5,2%).

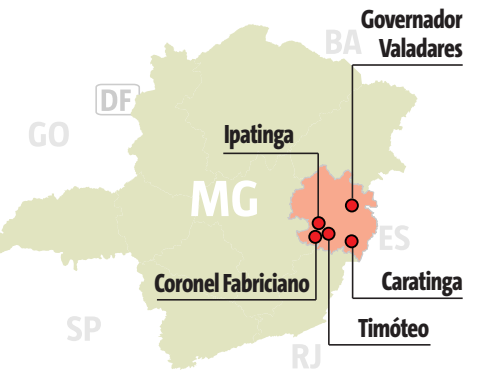
Crimes que foram cometidos com uso de armas de fogo (40,1%), ameaças (24,4%), armas brancas (17,3%) e agressões físicas sem emprego de instrumentos (5,1%). Os cenários mais constantes para essas ocorrências são as vias de acesso público (65,6%), casas (19%), bares, lanchonetes e restaurantes (3,5%). Os bairros concentradores de ocorrências são o Planalto (2%), em Governador Valadares, e Bela Vista (1%), em Coronel Fabriciano. ■

DESAFIOS DE SEGURANÇA

MAIOR PREDOMINÂNCIA NA CRIMINALIDADE VIOLENTA DO VALE DO RIO DOCE

TAXAS DE CRIMES POR GRUPOS DE 100 MIL PESSOAS E NÚMERO ABSOLUTO DE OCORRÊNCIAS

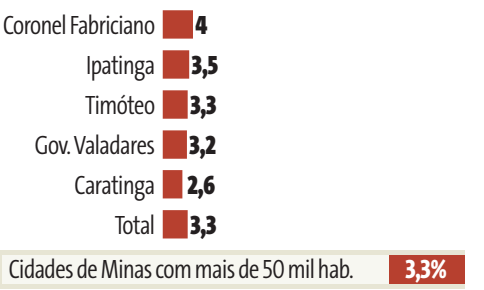
Local	Crimes violentos/100 mil	Nº absoluto	Homicídios/100 mil	Nº absoluto
Caratinga	175,1	153	19,4	17
Coronel Fabriciano	116,4	122	22,9	24
Governador Valadares	202,9	522	36,1	93
Ipatinga	137	312	18,8	43
Timóteo	72,3	59	20,8	17
Municípios juntos	153,9	1168	25,5	194
Minas Gerais	**157,3**	**32.322**	**13,4**	**2.769**



EXTORSÃO MEDIANTE SEQUESTRO
(% dos crimes violentos)

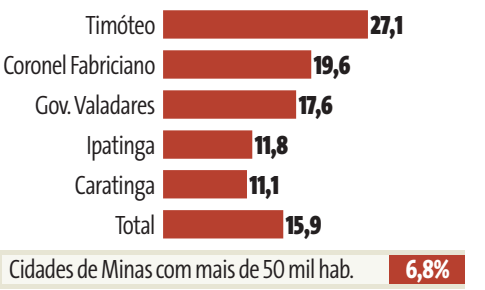
Caratinga	0
Coronel Fabriciano	0
Gov. Valadares	0
Ipatinga	0
Timóteo	0
Total	0
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab.	0,1%

ESTUPRO
(% dos crimes violentos)



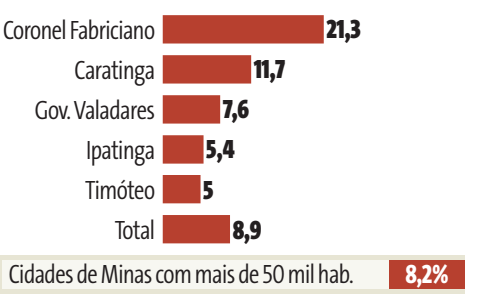
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. **3,3%**

HOMICÍDIOS
(% dos crimes violentos)



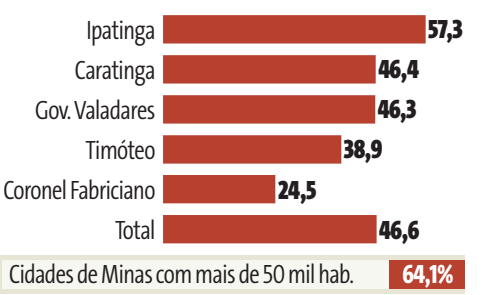
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. **6,8%**

ESTUPRO DE VULNERÁVEL
(% dos crimes violentos)



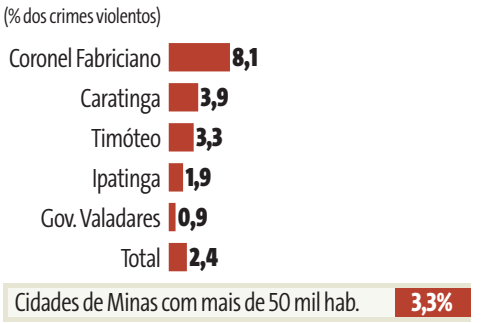
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. **8,2%**

ROUBO
(% dos crimes violentos)



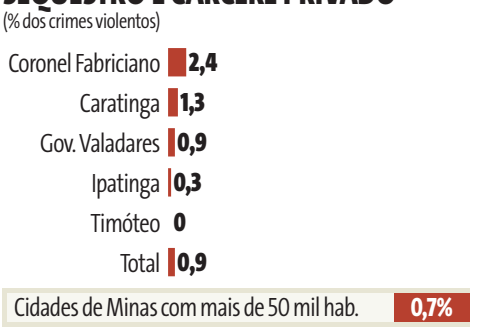
Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. **64,1%**

EXTORSÃO
(% dos crimes violentos)



Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. **3,3%**

SEQUESTRO E CÁRCERE PRIVADO
(% dos crimes violentos)



Cidades de Minas com mais de 50 mil hab. **0,7%**

Fonte: Sejusp

ines249

PATRIMÔNIO RELIGIOSO



FOTOS: ALEXANDRE GUZANSHE/EM/D.A PRESS

O RESTAURADOR TOBIAS GONÇALVES TRABALHA NA IMAGEM DE SÃO FRANCISCO DA PENITÊNCIA

ATELIÊ 'IMPROVISADO' DA FÉ

Dentro da Catedral de Mariana, equipe restaura 27 imagens do próprio templo. Serviço deve ser concluído até 8 de dezembro, quando se encerram as comemorações dos 280 anos da Arquidiocese

GUSTAVO WERNECK

Mariana – Arte, fé, preservação do acervo sacro e extrema sensibilidade no trato com os bens culturais. Todos esses elementos, imersos na atmosfera barroca, estão presentes num espaço interno da Catedral Basílica Nossa Senhora da Assunção, a Sé de Mariana, na Região Central de Minas. Há um ano e dois meses, a tribuna lateral, localizada no segundo pavimento, se transformou em ateliê para restauração de 27 imagens do templo tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

►►►



IMAGEM DE SÃO PEDRO DE VERONA PASSA PELA ARTE CRITERIOSA DA RESTAURADORA KEILA LIMA



RESTAURAÇÃO DO CRISTO CRUCIFICADO, COM TRÊS METROS DE ALTURA, ESTÁ INCLUÍDA NO CONTRATO ENTRE PARÓQUIA E EMPRESA

ines249



Conforme o pároco e reitor da catedral, padre Geraldo Buziani, a expectativa é de que o serviço seja concluído até 8 de dezembro, quando ocorrerá o final das comemorações dos 280 anos da Arquidiocese de Mariana, a primeira ("Primaz") de Minas. Satisfeito com a iniciativa, o reitor conta que o recurso para o trabalho, no valor de R$ 280 mil, provém do Fundo Municipal de Cultura, com aval do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Mariana (Compat). "Paralelamente ao restauro, promovemos ações de educação patrimonial, com visitas periódicas de moradores ao ateliê", destaca.

Quem entra na catedral recém-restaurada, no Centro Histórico de Mariana, pode ver algumas peças de volta ao altar. Logo na entrada, do lado esquerdo, se encontram as imagens de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, tradicionais nas procissões da Semana Santa. As duas obras foram entregues em março do ano passado, dois meses após o início do projeto, juntamente com as de São João Evangelista e Maria Madalena. Concluídas também as de Nossa Senhora da Conceição, São João de Deus, São João Nepomuceno, São Francisco de Bórgia e o Cristo Crucificado.

No ateliê montado pela Nártex Arquitetura, Restauro e Consultoria em Patrimônio, estão em fase final de restauro as imagens de São Pedro de Verona, Santa Luzia, São Pedro e Santo Antônio. "Serão entregues em breve", adianta o dono da empresa, Arthur Francisco da Silva Coelho, arquiteto e urbanista, especialista em conservação-restauração e em gestão do patrimônio cultural. Em processo adiantado de restauro, ele mostra as imagens de São Francisco de Assis, Nossa Senhora do Pilar, e São Miguel e Almas.

Na lista de esculturas "para começar", e com testes já feitos, podem ser vistas, no ateliê, as imagens de Santa Apolônia, São João Batista, São Sebastião, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora do Rosário, São José e Santa Bárbara. No caso específico de São José, o serviço foi iniciado após a data comemorativa, 19 de março, do pai adotivo de Jesus e patrono da Igreja Católica. Desse grupo, faz parte Nossa Senhora do Carmo – padroeira local e primeira escultura religiosa que chegou a Mariana, que é a primeira vila (1711) e cidade (1745) de Minas. O contrato firmado entre a paróquia e a empresa contempla ainda um Cristo Crucificado, com três metros de altura, e a imagem do Senhor Morto.

BENEFÍCIOS

Transformar a tribuna lateral da Sé de Mariana em ateliê de restauro das imagens traz benefícios para os dois lados. "Para a empresa e para a paróquia vinculada à Arquidiocese de Mariana", diz Arthur Francisco, cuja empresa atua na região de Mariana e Ouro Preto. Em primeiro lugar, vem a segurança e salvaguarda do acervo, pois as peças não precisam sair da catedral, onde já existe um microclima. Dessa forma, não há perigo de interferências na madeira, como dilatação.

Há algumas semanas, a equipe do **EM** documentou o trabalho de dois integrantes da Nártex, os restauradores Tobias Gonçalves e Keila Lima, que mostraram aos repórteres, na presença do padre Geraldo Buziani, peças concluídas, a exemplo de São Pedro de Verona e Santo Antônio, e outras "na fila" da restauração, entre elas Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Pilar.

O ataque dos cupins causou estragos nas imagens, que sofreram ainda desprendimento da policromia e craquelamento (pequenas rachaduras na superfície) e receberam muitas camadas de pintura sobre a original. Foram encontradas até cinco camadas de repintura em algumas peças e interferências inadequadas realizadas ao longo do tempo.

Segundo Arthur, houve ainda perdas dos atributos (complementos como resplendores, palmas etc.), daí a equipe contar com um escultor. A imagem de Santa Luzia (protetora da visão), por exemplo, estava sem a tradicional palma que carrega na mão direita, da mesma forma que os olhos, na esquerda, haviam desaparecido. "Tivemos que refazer esses atributos", observa. O especialista conta ainda que o acervo em restauro contempla imagens de roca (para procissão) e de devoção, do início do século 18 e início do 19. Como as primeiras são usadas em procissões, tiveram preferência na ordem do trabalho.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Para mostrar aos moradores e visitantes a importância do trabalho de conservação-restauração e da constante manutenção dos acervos, a Sé de Mariana abre as portas à comunidade, uma vez por mês, para visitas. É um programa que, sem dúvida, fortalece a necessidade de preservação em prol do patrimônio sacro.

A visita é ótima oportunidade para se conhecer a história da Catedral Basílica Nossa Senhora da Assunção, a Sé de Mariana, reaberta em 2022 após quase sete anos em obra. Tudo começou em 1704, quando o então bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Francisco de São Gerônimo, com jurisdição sobre Minas, criou a paróquia – nessa época, havia no arraial apenas as capelas Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição. Três anos depois, ocorreu a instalação da matriz, transferida da Igreja do Rosário Velho (atual Capela Santo Antônio) para a Capela Nossa Senhora da Conceição, por oferecer mais espaço e estar no centro urbano, que não parava de crescer.

Após a criação da Vila do Ribeirão do Carmo (nome primitivo de Mariana) em 8 de abril de 1711, a Coroa portuguesa determinou que a Câmara se empenhasse na construção da matriz. Assim, em 14 de maio de 1714, os "notáveis" da Vila do Carmo se reuniram para garantir os recursos. A obra é confiada ao mestre Jacinto Barbosa Lopes, então vereador da Câmara. No arquivo do Legislativo, está um documento, datado de 1716, convidando o mestre "a vir concluir as obras da matriz" comandadas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Entre 1716 e 1718, foram concluídas as obras da matriz, no sistema construtivo de madeira e taipa. Em 1734, a igreja foi alvo de uma intervenção radical: a reedificação arrematada pelo pedreiro Antônio Coelho da Fonseca, sendo, nesse período, incluída no projeto a divisão em três naves e concluídas a fachada e as torres. Doze anos depois (1745), o então rei de Portugal, Dom João V, elevou a Vila do Ribeirão do Carmo à categoria de cidade, dando-lhe o nome de Mariana. Em 6 de dezembro daquele ano, pela bula Candor Lucis Aeternae (Resplendor da Luz Eterna), do papa Bento XIV, é criada a Diocese de Mariana, a primeira do interior do país e Primaz de Minas. ■





IMAGENS DE SANTA LUZIA, COM A PALMA E OS OLHOS QUE LEVA NAS MÃOS RESTAURADOS, SÃO PEDRO E SANTO ANTÔNIO PRONTAS PARA SEREM ENTREGUES

ines249

LUTO NAS ARTES

MORRE A FUNDADORA DO BLOCO HAVAYANAS USADAS



GLADYSTON RODRIGUES /EM/DA PRESS

ALÉM DE TRABALHAR COMO PRODUTORA, CRIS TAMBÉM ERA ATRIZ, E FOI PESSOA IMPORTANTE NA CENA CULTURAL DA CAPITAL MINEIRA

Cris Gil estava internada devido ao agravamento dos sintomas de um câncer, e seu corpo será velado hoje

PEDRO CERQUEIRA

Morreu ontem (20/6), aos 50 anos, a produtora cultural Cris Gil, fundadora do bloco Havayanas Usadas, um dos principais do carnaval de Belo Horizonte. Ela estava internada desde domingo (15/6) no Hospital Felício Rocho, na Região Oeste da capital, devido ao agravamento dos sintomas de um câncer. Há pouco mais de um ano, Cris estava morando em Itacaré, no litoral da Bahia, mas voltou para Belo Horizonte porque começou a se sentir mal.

O primeiro diagnóstico de câncer de mama foi recebido em 2011. Com o tratamento, a produtora cultural chegou a ter um indicativo de remissão. Porém, em 2017, a doença retornou, desta vez afetando outros órgãos. Karú Torres, gestora cultural, além de amiga próxima a Cris Gil, destacou sua postura ao longo dos quase 15 anos em que conviveu com a doença.

"Ela viveu intensamente, e era lindo ver ela viver. Não se via ela reclamando, ela fez tudo que queria. A gente, às vezes, reclama de coisas bobas e ela era uma fortaleza. Ela falava que não queria que as pessoas a olhassem como uma guerreira. Ela tinha uma doença, como toda pessoa, mas vivia", relatou. Karú deu como exemplo disso a participação de Cris Gil na Feijoada de Ogum, em uma casa de umbanda da capital, há cerca de 20 dias. "Ela fez questão de ir. Mesmo se sentindo fraca, ficou até o final, vendo o Maurício Tizumba cantar. Ela estava feliz", contou.

"Ela foi bem, foi tranquila, isso é o mais importante", disse a amiga. De acordo com o relato, na última quinta-feira (19), Cris Gil sentiu que ia morrer e chamou a família e os amigos mais próximos para uma despedida.

"Por volta de 11h, a irmã da Cris me ligou e pediu para que eu e mais dois amigos fossemos até o hospital porque ela estava se despedindo. Estavam lá a mãe, irmãos, sobrinhos e a equipe médica. Ela falou que foi feliz, foi amada, que viveu intensamente. Disse que não esperava ir agora, mas tinha chegado a hora e que não estava indo sozinha. Ela se despediu e nós falamos que era um 'até breve'", relatou Karú.

Depois disso, Cris Gil dormiu. Passou-se um tempo, que a amiga não soube quantificar, e a produtora acordou dando um "oi" com um sorriso largo para todos no quarto. Neste momento, começou a tocar uma música, uma Cantiga de Jurema, quando ela se ergueu sentada e começou a dançar uma ciranda na cama.

"Quando acabou a música, ela partiu dançando. Então, ontem foi a partida dela de espírito. O corpo ficou. Ela ficou respirando e, hoje, às 6h da manhã, ela fez a partida do corpo", contou a amiga.

A produtora deixou um testamento vitalício – para pacientes oncológicos que passam por tratamento paliativo – onde ela descreve tudo da forma que quer: quem vai estar presente na hora que estiver partindo, como quer a luz do quarto, uma playlist com as músicas que quer escutar durante a partida, assim como o velório e o sepultamento.

HOMENAGENS

A Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte se despediram da produtora cultural, que também era atriz, com um texto que conta rapidamente as marcas deixadas por ela na cultura da capital mineira: "Cris foi presença luminosa e incansável nas ruas, nos palcos e nos bastidores. Com sua paixão pela arte e pela coletividade, ajudou a escrever capítulos marcantes da nossa história cultural, especialmente, no Festival Internacional de Teatro, Palco & Rua e do Festival de Arte Negra. Seu riso, sua força e sua entrega seguem ecoando em cada canto da cidade".

No carnaval de 2023, quando Cris Gil já estava afastada do bloco devido ao tratamento da doença, o Havayanas Usadas homenageou sua fundadora. À época, ela comemorou a retomada do carnaval de Belo Horizonte, após o período de pandemia, e se emocionou com as reverências prestadas pelos integrantes do bloco e do público."É maravilhoso, ainda mais com esse tema, Coração de Batuqueira, o batuque faz parte da minha vida, é o que me revigora, é o que me faz feliz", declarou.

Karú Torres, que também é do Havayanas Usadas, se recorda da ocasião, com a amiga vestindo azul, por ser filha de Iemanjá. No carnaval do ano passado, a fundadora do bloco também foi homenageada como rainha.

O velório de Cris Gil – carinhosamente tratado pelos amigos como "celebração de despedida" – será hoje, entre 11h e 13h, no Teatro Francisco Nunes (Avenida Afonso Pena, 1.321, Centro), onde ela chegou a atuar como atriz. A pedido da produtora cultural, se possível, a orientação é usar roupa branca e levar um girassol. O corpo de Cris será cremado 72 horas após seu falecimento, conforme a sua vontade.

"A gente tá falando que a Cris 'avoou' e deixou uma produção para gente fazer, que é essa celebração. Ela falou que entende o luto, sabe que a gente vai chorar, mas quer que a gente siga vivendo. Tanto é, que, amanhã (hoje), depois da celebração, e ela deixou isso no testamento, ela quer que a gente vá para um bar celebrar a vida dela. E a gente vai fazer isso. A gente tá tranquilo porque ela foi bem leve mesmo", finaliza Karú Torres. ■

PESTANA LEILÕES
SICOOB
11/07/2025
Sexta-feira | 14h
Eletrônico

LEILÃO DE 31 IMÓVEIS RESIDENCIAIS, COMERCIAIS E TERRENOS
Oportunidades em Minas Gerais · São Paulo e Rio de Janeiro - Aproveite!

Terreno em Ituiutaba/MG - lote 25
Bairro Jardim Europa II. Avenida Napoleão Faissol, 118 (in loco). Terreno com área superficial de 53.700,90m². Lance inicial: R$ 10.680.000,00

Casa em Juiz de Fora/MG - lote 14
Lot. Bosque Imperial III. R. Antônio de Arruda Marques, 46. Áreas: construída 484,77m² e terreno 430,50m². Lance inicial: R$ 1.140.000,00

COND. DE PGTO: À vista | Comissão de 5% à Leiloeira | Parcelado em até 60x c/ sinal mínimo a partir de 20% e saldo em até 60x c/ juros e correção | Edital completo, descrição e fotos dos imóveis no site

Liliamar Pestana Gomes | Leiloeira Oficial - JUCISRS 168/00 | 51 3535.1010 | pestanaleiloes.com.br

ANUNCIE: (31) 3228-2000
SEGUNDA A SEXTA DAS 08H ÀS 19H
SÁBADOS, DAS 10H ÀS 16H

Vá até a nossa Loja
Avenida Getúlio Vargas, 291 - Funcionários.
Segunda a sexta 09 às 18:30h
Telefone (31) 3263-5404

CLASSIFICADOS ESTADO DE MINAS

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA AGE - VIRTUAL

A Associação dos Eletricitários Aposentados e Pensionistas da CEMIG e Subsidiárias - AEA-MG - situada à Av. Afonso Pena, 867, conj. 1.610, em Belo Horizonte/MG, convoca todos os seus associados para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, que será realizada no dia 19 (dezenove) de agosto de 2025, às 13h30 (treze horas e trinta minutos), em primeira convocação, com a presença de no mínimo de metade mais um de seus Associados com direito voto, ou, em segunda convocação às 14h (quatorze horas), com o número mínimo de 50 (cinquenta) associados com direito a voto, sendo exigido para aprovação o voto concorde de 2/3 (dois terços) dos associados presentes com direito a voto, por meio exclusivamente digital, na sala virtual da plataforma Zoom, link de acesso:**https://us06web.zoom.us/j/86308945342?pwd=dOVpntkOzUpwJdyfUXGvvR0KGKpvOw.1** , a fim de deliberarem sobre a seguinte matéria: 1) Exame, discussão e votação de atualizações do Estatuto da AEA-MG. Belo Horizonte, 18 de junho de 2025. **Misael de Jesus dos Santos Sá**-Presidente do Conselho Deliberativo da Associação dos Eletricitários Aposentados e Pensionistas da Cemig e Subsidiárias - AEA-MG

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA/MG – PROCESSO LICITATÓRIO Nº. 195/2025 – MOD. PREGÃO ELETRÔNICO – REGISTRO DE PREÇOS Nº 033/2025 - TIPO: MENOR PREÇO POR ITEM. OBJETO: Aquisição de tubos de ferro fundido, tubos PEAD, parafusos com porca, tampas PRFV e cabos em aço inox a serem utilizados na estação de tratamento de esgoto (ETE), em atendimento à Secretaria Municipal de Obras e Trânsito. DATA DE ABERTURA DAS PROPOSTAS E INÍCIO DA SESSÃO DE DISPUTA DE PREÇOS: às 08:31 hs do dia 10/07/2025. MODO DE DISPUTA: ABERTO. REFERÊNCIA DE TEMPO: HORÁRIO DE BRASÍLIA – DF. ENDEREÇO ELETRÔNICO: https://www.licitanet.com.br. Informações: telefone (37) 3329-1844. CONSULTAS AO EDITAL E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES: www.formiga.mg.gov.br; www.licitanet.com.br ou pelo e-mail: pregoeirospmformiga@gmail.com.



SERVIÇOS PROFISSIONAIS

4 NEGÓCIOS & OPORTUNIDADES

Advocacia

ADVOGADO INSS
*** APOSENTADORIA *** por Idade e por tempo de contribuição Especial (PPP) Aux. doença, Invalidez, LOAS.Revisão da vida toda.
Rua Tupis 457 sl 606/BH
(31) 3047-2168

A/C: CLAUDINEI DE SOUZA HUMBERTO
CTPS Digital: 0521902 Série 6658U.F.: MG

CONVOCAMOS PARA COMPARECIMENTO:
No prazo de 02 dias úteis, a contar do recebimento deste, aos Supermercados BH, localizado na R. Gabriel Penha de Paiva, 477 - Vila Paiva, Varginha/MG. Apresentar-se com o intuito de justificar suas faltas que vêm ocorrendo, sob pena de caracterização de Abandono de Emprego, ensejando a sua demissão por justa causa, no seu contrato de trabalho, conforme dispõe o artigo 482, letra "l" da CLT.
Aguardamos o seu comparecimento.
Supermercados bh comércio de alimentos S/A"





ines249

VÔLEI

JÚLIAS DECIDEM PARA O BRASIL

Seleção bate o Canadá, em Istambul, na quinta vitória em seis jogos pela VNL 2025. Time volta à quadra hoje, contra a República Dominicana

O Brasil chegou à quinta vitória em seis jogos na Liga das Nações Feminina de Vôlei (VNL) ontem, ao bater o Canadá por 3 a 0 (parciais de 25-20, 25-23, 25-23), em Istambul, na Turquia. Mas não foi uma vitória tranquila quanto o placar pode supor.

A segunda partida da Seleção Brasileira pela segunda etapa da VNL teve momentos de sufoco. Na verdade, o time comandado por José Roberto Guimarães ainda não teve uma grande atuação na fase turca da competição.

Contando também os jogos pela primeira semana, no Rio de Janeiro, o Brasil tem também vitórias sobre República Tcheca, Estados Unidos, Alemanha e Bélgica. A única derrota foi sofrida diante das atuais campeãs da VNL e da Olimpíada: a Itália (3 a 0).

Os destaques do time brasileiro foram a ponteira Júlia Bergmann – que teve 17 acertos na partida (12 de ataque, dois de saque e dois de bloqueio) – e a central Júlia Kudiess, atleta do Minas, autora de 16 (oito de ataque e oito de bloqueio).

"Temos mais dois jogos superimportantes, já temos de virar a chave. Saio feliz, mas houve momentos em que eu poderia ter bloqueado mais a central, ela conseguiu atacar muito bem. Mas no final deu tudo certo, porque a gente venceu", disse a jogadora minas-tenista.

A levantadora Macris ainda alertou: "Feliz com o resultado, porque a vitória é importante. Mas entender que precisamos evoluir muita coisa, foi um jogo bem abaixo, de muitos erros e a gente não pode se contentar com isso".

CAPITÃ

Ontem, o Canadá ainda entrou sem duas das suas principais jogadoras: a levantadora Brie O'Reilly, ex-Sesc RJ Flamengo, e a oposta Kiera Van Ryk. O Brasil, por sua vez, estava sem a capitã Gabi Guimarães, que foi preservada por Zé Roberto.

Gabi pode reaparecer no jogo de hoje, contra a República Dominicana, a partir das 10h (de Brasília), de novo em Istambul, pela penúltima rodada da segunda semana. A Seleção Brasileira encerra a etapa turca amanhã, contra as donas da casa, às 13h30.

Macris não espera jogo fácil hoje, contra as caribenhas: "Próximo jogo é a Dominicana, um time que vem forte. É sempre muito difícil jogar contra elas. Importante estudarmos e ajustar algumas questões". ■

FIVB/DIVULGAÇÃO



JÚLIA KUDIESS, DO MINAS, FOI UM DOS DESTAQUES DO TRIUNFO BRASILEIRO SOBRE AS CANADENSES

Bicampeã na Maratona do Rio

A bicampeã olímpica de vôlei Sheilla Castro mostrou que o talento e a força de vontade não se resumem às quadras. A ex-oposta da Seleção Brasileira participou da Maratona do Rio ontem, a convite dos organizadores. Depois de percorrer 5km em 30 minutos, ela foi a responsável por entregar as medalhas para os campeões da prova de 10km. "Fiquei superfeliz quando cheguei, não imaginava que tinha tanta gente correndo assim. Realmente é um mundo que eu não tinha vivido ainda, então fiquei feliz de participar. Acho superlegal promover o esporte, a vida, o bem-estar", contou a ex-oposta do Minas. "Você vê gente de todo tipo correndo. Estava agora com uma fã, a mãe dela corre com ela empurrando na cadeira de rodas. Isso é muito legal, o esporte reúne todos de maneira única", completou. Um dos destaques da Maratona do Rio neste ano é a participação feminina, que teve recorde de inscritas: 52% do total são mulheres, a maioria nas distâncias de 5km, 10km e 21km. Crescimento de 12% em relação aos últimos quatro anos.

GIRO ESPORTIVO

◆ TÊNIS DE MESA

CASAL VAI À FINAL

A dupla brasileira de tênis de mesa formada por Hugo Calderano e Bruna Takahashi avançou à decisão do WTT Star Contender Ljubjana, na Eslovênia. A competição vale 600 pontos no ranking mundial da modalidade. Eles bateram a parceria de Hong Kong, Wing Lam Ng e Kwan To Yiu, por 3 a 2 (11/9, 11/4, 6/11, 6/11 e 11/7) ontem. A final será amanhã, contra a dupla cabeça de chave número 1 do torneio: os sul-coreanos Jonghoon Lim e Yubin Shin. Hugo é número 3 do ranking mundial individual, enquanto Bruna está em 17º lugar. Os dois são os melhores mesa-tenistas da história no Brasil em seus respectivos naipes. Eles anunciaram o namoro no ano passado e começaram a jogar duplas mistas a partir do fim de 2024. Juntos, foram prata no Campeonato Pan-Americano.

◆ JUDÔ

DERROTA POR EQUIPES

O Brasil deixou a disputa de equipes mistas no Mundial de Judô disputado em Budapeste, na Hungria. Os judocas brasileiros saíram derrotados nas quatro primeiras lutas contra atletas do Japão, perdendo a disputa pela medalha de bronze. O primeiro tropeço foi de Leonardo Gonçalves contra Kanta Nakano no peso acima de 90kg. O japonês venceu no Golden Score. Jéssica Lima encarou Momo Tamaoki na categoria até 57 kg e também foi derrotada. A brasileira foi imobilizada. O terceiro desafio foi de Vinícius Ardina contra Tatsuki Ishihara, no peso até 73kg – o japonês conseguiu um wazari no início e um ippon no fim. Na quarta e última luta, Rafaela Silva (foto) sofreu um ippon no Golden Score contra Utana Terada, na categoria até 70k. O Brasil encerrou a participação no Mundial de Judô com apenas duas medalhas: a prata de Daniel Cargnin e o bronze de Shirlen Nascimento.

ATTILA KISBENEDEK/AFP



◆ TÊNIS

PREPARAÇÃO PARA WIMBLEDON

O tenista brasileiro João Fonseca vai disputar, a partir desta segunda-feira, a chave do ATP 250 de Eastbourne, na Inglaterra. Em 57º lugar no ranking da Associação de Tenistas Profissionais (ATP), o carioca estava em uma espécie de lista de espera e acabou garantindo vaga no torneio diante da desistência de atletas mais bem ranqueados: Matteo Arnaldi, Marcos Giron, Lorenzo Sonego, Miomir Kecmanovic, Zizou Bergs e Luciano Darderi. A presença no ATP de Eastbourne, disputado na grama, é importante na preparação de João Fonseca para o Torneio de Wimbledon. A joia brasileira, de 18 anos, ainda não conquistou títulos nesse tipo de piso em torneios da ATP. O Grand Slam inglês começa no dia 30 deste mês e vai até 13 de julho.

ines249

EDESIO FERREIRA/EM/D.A. PRESS - 7/6/24



VOLANTE FERNANDO HENRIQUE PASSOU LONGO PERÍODO NA TOCA DA RAPOSA TREINANDO SEM TER OPORTUNIDADE PARA ENTRAR EM CAMPO

PERTO DO ADEUS

WEVERTON	Idade	22 anos
	Posição	zagueiro
	Jogos pelo Cruzeiro	16
	Time atual	Goiás (desde março/2025)
	Jogos pelo Goiás	0
	Gols pelo Goias	0
HELIBELTON PALACIOS	Idade	32 anos
	Posição	lateral-direito
	Jogos Pelo Cruzeiro	12
	Time atual	Millonarios-COL (desde fevereiro/2025)
	Jogos pelo Millonarios	18
	Gols pelo Millonarios	1
FERNANDO HENRIQUE	Idade	24
	Posição	volante
	Jogos Pelo Cruzeiro	7
	Time atual	CRB (desde abril/2025)
	Jogos pelo CRB	10
	Gols pelo CRB	0

CRUZEIRO

TRÊS FORA DOS PLANOS

Clube celeste tem cinco jogadores que entram nos últimos seis meses de contrato e poderão assinar com outros clubes. Do grupo faz parte trio que está emprestado e não deve voltar

JOÃO VICTOR PENA

Com o segundo semestre se aproximando, alguns jogadores que pertencem ao Cruzeiro entram em reta final de contrato. Além do meia Eduardo e do atacante Yannick Bolasie, que integram o elenco celeste e podem renovar com a Raposa, há três nomes com apenas mais seis meses de vínculo. É o caso do lateral-direito Helibelton Palacios, do zagueiro Weverton e do volante Fernando Henrique, que estão emprestados a outros clubes e dificilmente voltarão a vestir a camisa celeste.

Nenhum integrante do trio fez mais que 20 jogos pelo Cruzeiro. Como não devem retornar à Toca da Raposa, esses atletas terão até a possibilidade de assinar pré-contrato com outras equipes a partir de 1º de julho.

Dos três citados, quem teve mais oportunidades foi Weverton. Cria das categorias de base, o zagueiro atuou 16 vezes pelo Cruzeiro, sendo a maioria delas em 2021, quando tinha só 18 anos. Hoje, aos 22, o jovem se vê em uma situação ruim no Vila Nova. Contratado por empréstimo em março, ele ainda não estreou pelo time goiano.

Weverton disputou 13 jogos pelo Cruzeiro em 2021, dois em 2022 e um em 2024. Um fator que prejudicou o crescimento da carreira do defensor foi a lesão sofrida no tornozelo direito, em janeiro de 2023, quando defendia a Seleção Brasileira em partida do Campeonato Sul-Americano Sub-20.

O empréstimo para o Vila Nova foi o terceiro da carreira de Weverton, que também defendeu o Athletic (um jogo em 2024) e o Betim (nove partidas em 2025).

Helibelton Palacios, por sua vez, nunca se firmou. O colombiano foi contratado como alternativa para a lateral direita do Cruzeiro no segundo semestre de 2023. O ala, que também pode jogar como zagueiro, nunca se firmou e chegou a passar longos períodos sem entrar em campo. Ele fez 12 jogos até julho de 2024, quando foi cedido ao Sport.

Atualmente, o jogador de 32 anos está emprestado Millonarios, da Colômbia. Palacios soma 18 partidas e um gol em 2025.

LESÃO

Outro atleta contratado em 2023 e que deve deixar o Cruzeiro no fim deste ano é Fernando Henrique. O volante de 24 anos fez sete jogos ao longo do período em que permaneceu na Raposa.

Fernando Henrique lesionou o menisco do joelho direito assim que chegou ao Cruzeiro, no início da temporada retrasada. Ele foi contratado em janeiro de 2023 e só estreou seis meses depois.

Como estava sem espaço no clube, em 2024 Fernando Henrique foi emprestado ao Vila Nova. Ele ficou pouco tempo em Goiânia, retornando à Toca da Raposa ainda no ano passado.

O meio-campista seguiu treinando sem jogar até o começo de 2025, momento em que foi emprestado à Portuguesa. Na Lusa, participou de 10 jogos. Quando a cessão ao time paulista acabou, Fernando Henrique se transferiu para o CRB. Ele já tem 10 partidas pelo time alagonado e tem atuado com frequência. ■

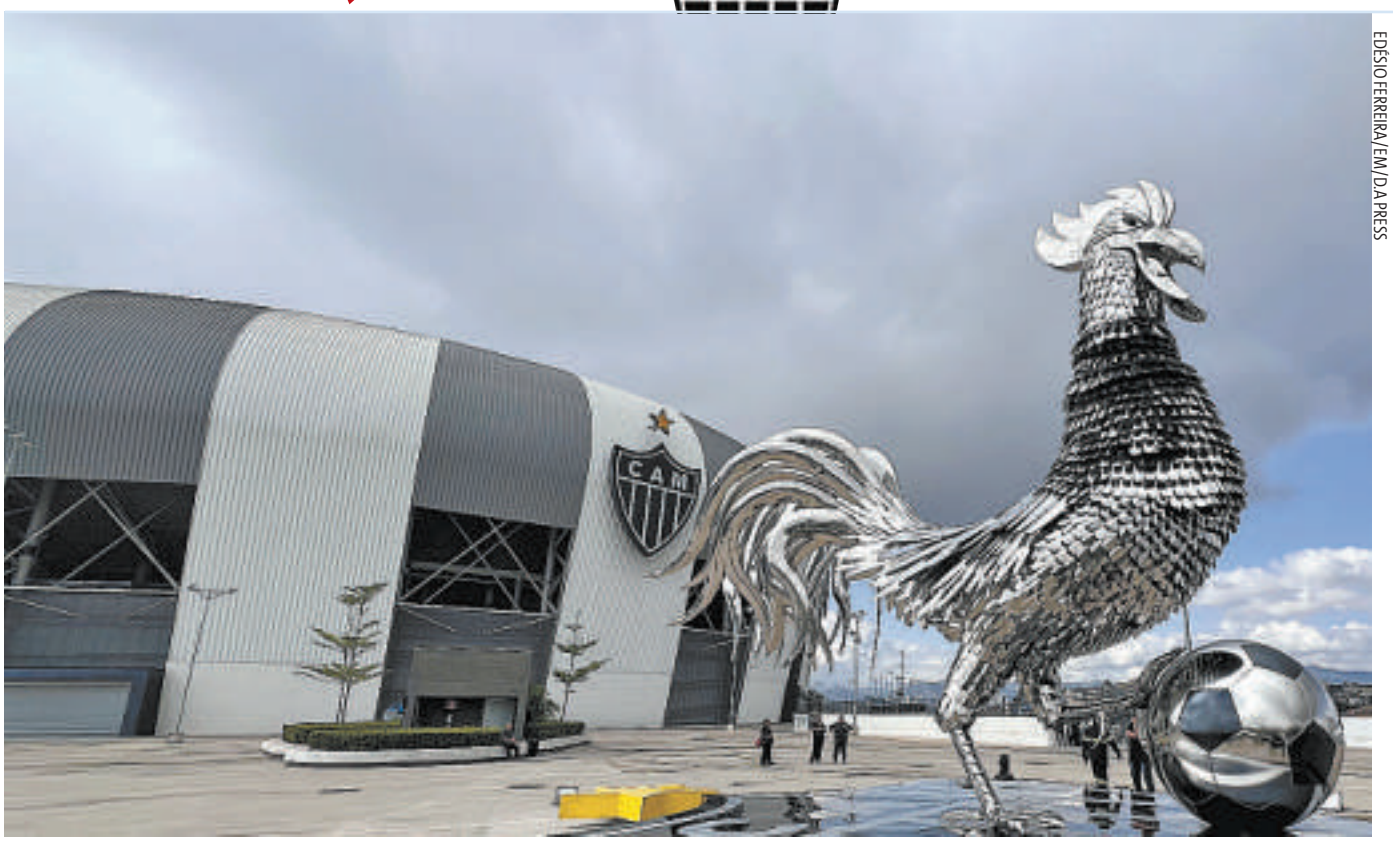
JUAREZ RODRIGUES/EM/D.A PRESS - 19/2/20



Empréstimo de R$ 22 milhões

O atacante Marcelo Moreno (foto), ídolo da torcida do Cruzeiro, revelou ter feito mais pela Raposa que os 54 gols marcados. Estrangeiro que mais vezes balançou as redes com a camisa celeste, o boliviano disse ter emprestado ao clube R$ 22 milhões. Em entrevista ao influencer Duda Garbi, ele disse ter contraído dívida bancária para repassar ao Cruzeiro: "R$ 22 milhões. Não é bom falar os números, mas para verem o rombo e o tamanho da preocupação que tinha o clube". O ex-jogador, que tem 147 partidas disputadas pela equipe e que se aposentou dos gramados justamente no Cruzeiro, falou como foi a operação: "Vou te falar uma coisa que ninguém sabe. Eu tive que fazer um empréstimo para poder ajudar o Cruzeiro. Eu me endividei, com juros baixos, para poder ajudar o Cruzeiro. Peguei um empréstimo com um banco, para não tirar do meu dinheiro, e ajudar o Cruzeiro". O fato se deu na terceira passagem dele pela Toca, iniciada em 2020. Ele voltou ao clube para a disputa da Série B do Campeonato Brasileiro, permanecendo por mais duas temporadas. Diante da dificuldade do Cruzeiro em cumprir compromissos, o ex-atacante emprestou o montante e receberá, via acordo da Recuperação Judicial, R$ 33 milhões – valor acumulado pelo empréstimo e outras dívidas.

ines249



EDÉSIO FERREIRA/EM/D.A PRESS

COM A ARENA MRV FECHADA ATÉ MAIO DEVIDO A OBRAS, GALO VIU PÚBLICO CAIR E RENDA MINGUAR NESTE ANO

ATLÉTICO

IMPACTO MILIONÁRIO

Clube estima ter deixado de arrecadar R$ 15 milhões devido à indisponibilidade da Arena MRV nos primeiros meses de 2025 para troca do gramado, além de outras intervenções

LUCAS BRETAS

A indisponibilidade da Arena MRV no começo do ano teve impacto significativo para as finanças do Atlético. Sem a possibilidade de atuar no estádio em 11 partidas, o Galo viu as receitas com bilheteria caírem e deixou de arrecadar aproximadamente R$ 15 milhões, segundo estimativas do próprio clube.

O No Ataque levou em consideração os 17 primeiros jogos do Atlético em 2024 e também os 17 primeiros de 2025. O número marca a quantidade exata de partidas disputadas pelo Galo no primeiro semestre deste ano.

Todos o compromissos alvinegros do ano passado foram na Arena MRV. Dessa lista fazem parte confrontos da primeira fase e do mata-mata do Campeonato Mineiro, da fase de grupos da Copa Libertadores, da Copa do Brasil e da Série A do Campeonato Brasileiro.

Na somatória dos primeiros 17 duelos como mandante em 2024, o Atlético garantiu mais de R$ 20 milhões líquidos com a venda de ingressos.

Esse valor não leva em consideração as receitas extras na Arena MRV. Com o estádio próprio, o Galo também passou a lucrar com a venda de alimentos e bebidas em dias de jogos, além da comercialização de vagas de estacionamento.

TEMPORADA ATUAL

Os números ainda mostram como parte da torcida atleticana se afastou do time em 2025. Nos 17 primeiros embates de cada temporada, a média de público caiu de 33.817 para 21.638.

Com as reformas estruturais na Arena MRV, o Galo teve de disputar 11 partidas no Mineirão neste primeiro semestre.

O cenário reduziu ainda mais os lucros do clube, que teve de arcar com acordo comercial que prevê o pagamento de 15% de todas as rendas brutas dos confrontos à Minas Arena, administradora do Gigante da Pampulha.

O levantamento feito pelo No Ataque leva em consideração somente os números detalhados nos boletins financeiros disponibilizados pela Federação Mineira de Futebol (FMF). Não incluem o "aluguel" pago pelo Atlético à Minas Arena.

Com o acordo comercial com a Minas Arena sendo levado em conta, os números mostram lucro "tímido" do Atlético com bilheteria em 2025.

Na somatória dos 17 primeiros compromissos deste ano, o Galo não chegou a lucrar nem R$ 5 milhões com ingressos.

Com essa média de público, não é possível deduzir que o Atlético garantiria os mesmos R$ 20 milhões do início de 2024 caso tivesse jogado só na Arena MRV.

Ainda assim, o impacto da indisponibilidade do estádio para os cofres do clube alvinegro é inegável.

A reportagem de No Ataque apurou junto a pessoas ligadas ao Galo que a Sociedade Anônima de Futebol (SAF) estima ter deixado de arrecadar aproximadamente R$ 15 milhões.

Outros R$ 20 milhões foram gastos pela SAF nas reformas de acústica e gramado da Arena MRV.

Em sétimo lugar na Série A do Campeonato Brasileiro, classificado para as oitavas de final da Copa do Brasil – vai enfrentar o Flamengo – e para os playoffs da Copa Sul-Americana (o adversário é o colombiano Atlético Bucaramanga), o Galo espera um segundo semestre de maiores públicos na Arena MRV.

O cenário, naturalmente, possibilitaria o aumento da arrecadação em relação aos números registrados na primeira metade do ano. ■

Excepcionalmente hoje não circula a coluna Da Arquibancada, assinada por Fred Melo Paiva

17 PRIMEIROS JOGOS

EM 2024*

Público total	574.895
Média de público	33.817
Renda bruta total	R$ 32.135.793,95
Renda líquida total	R$ 20.936.549,75
Média de renda líquida	R$ 1.231.561,75

**Todos na Arena MRV*

EM 2025**

Público total	368.624
Média de público	21.638
Renda bruta total	R$ 18.117.359,72
Renda líquida total	R$ 6.687.678,49
Média de renda líquida	R$ 393.392,85

***11 no Mineirão e seis na Arena MRV. Dois deles, pela Copa Sul-Americana, sem público em devido a punição da Conmebol*

Casa de Arana é invadida por ladrões

De férias na Disney, em Orlando, o lateral-esquerdo Guilherme Arana e seus familiares viveram momentos de apreensão e tristeza ontem. Nos Estados Unidos, o jogador do Atlético e seus parentes foram acordados com a notícia de que a casa do jogador no Bairro Bandeirantes, em Belo Horizonte, havia sido invadida e furtada por ladrões. O crime ocorreu na madrugada dessa sexta-feira, quando a casa estava vazia. A ocorrência foi relatada por uma funcionária da família à Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), que registrou o delito às 8h43. Em um post no Instagram, Arana destacou que itens de "imenso valor sentimental" foram furtados: "Hoje, infelizmente, é um dia muito triste para toda a minha família. Acordamos com a infeliz notícia de que o nosso lar tinha sido invadido e assaltado. Graças a Deus, no momento do roubo, não havia ninguém em casa. Além de bens materiais e itens esportivos, levaram algumas coisas de imenso valor sentimental. Agora é olhar para frente e confiar no trabalho da polícia, que está prestando um grande apoio para nós. Eu e toda a minha família esperamos que as autoridades cheguem aos responsáveis por isso. E aproveito para agradecer a cada um de vocês, que, desde o começo da manhã, se preocuparam com a situação e nos enviaram mensagens. Obrigado pelo carinho com a minha família. Estamos todos bem".

ines249

ESTADO DE MINAS
SÁBADO, 21/6/2025

Flamengo leva o primeiro gol, mas em seis minutos vira partida e vence o Chelsea na Filadélfia. Hoje, o Fluminense enfrenta o sul-coreano Ulsan Hyundai, no MetLife Stadium

DAVID RAMOS/GETTY IMAGES VIA AFP



ATACANTE WALLACE YAN, DE 20 ANOS, MARCOU O TERCEIRO GOL DO RUBRO-NEGRO SOBRE O TIME INGLÊS NO ESTÁDIO LINCOLN FINANCIAL FIELD

AGENDA DE HOJE

HORÁRIO	JOGO	GRUPO
13h	Sundowns x Borussia	F
16h	Internazionale x Urawa Red	E
19h	Fluminense x Ulsan Hyundai	F
22h	River Plate x Monterrey	E

VIRADA CONTUNDENTE

Os times sul-americanos passaram quase 13 anos sem conquistar uma vitória sobre um europeu em partidas oficiais. Em dois dias, conseguiram duas. Após o triunfo do Botafogo sobre o Paris Saint-Germain na noite de quinta-feira, foi a vez de o Flamengo levar a melhor sobre o Chelsea na Copa do Mundo de Clubes. A equipe rubro-negra fez um bom jogo na tarde de ontem, no Lincoln Financial Field, na Filadélfia, e buscou a virada por 3 a 1.

Os comandados de Filipe Luís buscaram o ataque ao longo de todo o confronto e não se abateram com o gol sofrido no início, em falha de Wesley aproveitada por Pedro Neto. O esforço deu resultado no segundo tempo, em duas jogadas pelo alto, completadas por Bruno Henrique e Danilo. No fim, quando a formação carioca já tinha um a mais, o jovem Wallace Yan fechou a contagem.

O time carioca atuou com um a mais a partir da expulsão do atacante Nicolas Jackson, que havia entrado em campo quatro minutos antes – o senegalês cometeu falta dura em Ayrton Lucas aos 23 do segundo tempo e recebeu o cartão vermelho do árbitro salvadorenho Iván Barton.

O Flamengo, que havia estreado com vitória sobre o Espérance, da Tunísia, praticamente assegurou, com o triunfo, a classificação para as oitavas de final do Mundial. O time brasileiro fechará a campanha no Grupo D na próxima terça, contra o Los Angeles FC, em Orlando. O Chelsea, também na terça, jogará contra o Espérance.



"O Flamengo é um time muito bom, com bons jogadores, um bom treinador, jogam muito bem. Então, não foi uma surpresa para nós"

●●●●
Enzo Maresca
Treinador do Chelsea

MÉRITOS

O técnico rubro-negro Filipe Luís afirmou estar com o "coração aquecido" pela atuação de sua equipe contra o Chelsea: "Estou muito feliz pelo jogo. Desde o começo, sempre acreditamos que tínhamos chances. Estou muito orgulhoso, porque depois do erro do Wesley o time não parou de jogar. Continuamos jogando da mesma forma como sempre jogamos. Meu coração está quente por causa disso".

Ele analisou o que levou à vitória do Flamengo na Filadélfia diante de um adversário que qualificou como "o mais tático" entre os europeus: "Nós temos paciência nos jogos, estamos acostumados com o clima. Eu fiquei quatro dias sem dormir bem porque vi o time do Chelsea e acho que é o time mais tático da Europa. Os jogadores entenderam muito bem o modo de jogar, é difícil jogar contra o Chelsea. Foi uma enorme vitória para nós. Eu estou muito feliz. Qualquer um pode ganhar essa competição, isso é o futebol".

Enzo Maresca, treinador do Chelsea, diz não ter se surpreendido com a postura do Flamengo e falou que o time brasileiro mereceu vencer. Ele ainda elogiou o time brasileiro e Filipe Luís: "O Flamengo é um time muito bom, com bons jogadores, um bom treinador, eles jogam muito bem. Estão na liderança do Campeonato Brasileiro, invictos há vários jogos, então não foi uma surpresa para nós".■

MICHAEL OWENS/GETTY IMAGES VIA AFP



Alerta de tempestade e chuva de gols

O jogo entre Benfica e Auckland, no estádio do Orlando City, foi o quarto da fase de grupos da Copa do Mundo de Clubes interrompido após alerta de tempestade. A ordem para que as pessoas se abrigassem veio no intervalo da partida, após os jogadores deixarem o gramado. Começou a chover, e a paralisação durou pouco mais de duas horas. Essas interrupções devido a alertas de tempestades e condições climáticas adversas são comuns em diferentes cidades dos Estados Unidos, mas têm causado estranheza em torcedores de outros países que acompanham o torneio. Inclusive, o regulamento do Mundial de Clubes prevê que, se um jogo em estádio com cobertura aberta puder ser comprometido por causa das questões do clima, o árbitro pode consultar o diretor da Fifa para a partida e tem a autoridade para mandar fechá-la. O confronto terminou com goleada do Benfica por 6 a 0, dois gols de Di María *(foto)*.

ines249

(PENSAR)
ESTADO DE MINAS

FOCO NA PALESTINA

PALAVRAS DE DENÚNCIA E RESISTÊNCIA

Milton Hatoum apresenta a nova edição do best seller "Tornar-se Palestina", da chilena Lina Meruane: "Um livro que eu gostaria de ter escrito." PÁGINA 3

A portuguesa Alexandra Lucas Coelho, autora do livro-reportagem "Gaza está em toda parte", afirma: "É o maior campo de extermínio do nosso tempo." PÁGINAS 6 E 7

Entrevista com o norte-americano Nathan Thrall, vencedor do Prêmio Pulitzer de não-ficção com "Abed Salama - Anatomia de uma tragédia em Jerusalém". PÁGINAS 8 A 11

Primeira antologia de Ghayath Almadhoun publicada no Brasil ganha lançamento em BH e inspira ação de editoras e livrarias de rua. PÁGINAS 4 E 5

ARTE A PARTIR DA CAPA DO LIVRO "UM DIA NA VIDA DE ABED SALAMA - ANATOMIA DE UMA TRAGÉDIA EM JERUSALÉM", DE NATHAN THRALL

ines249

ACONTECIMENTOS

pensar@em.com.br

A FEIRA DO LIVRO DE SP

No reino do ruído, uma república das palavras

CARLOS MARCELO

São Paulo - "Valorize suas curvas", pede a frase, acompanhada pela ilustração de um cérebro, em camiseta à venda em banquinha no fim de semana de abertura de A Feira do Livro, em São Paulo. Tendas e barracas montadas na Praça Charles Miller, no Pacaembu, oferecem não as frutas da semana, mas itens de abastecimento de cérebros. Ideias, reflexões, debates, conversas, encontros e reencontros sem o estresse, a dispersão, as filas e os perrengues de eventos gigantes. Eis o Ovo de Colombo do festival literário paulistano, que conclui amanhã a sua quarta edição: criar uma atmosfera amigável, acolhedora, até relaxante na maior – e mais nervosa – cidade do país; no reino do ruído, uma república das palavras.

Realizada pela Associação Quatro Cinco Um e Maré Produções, a Feira do Livro reúne este ano mais de duzentos autores brasileiros e do exterior em centenas de oficinas, debates, bate-papos. Números superlativos, porém enganosos. Pois o que prevalece no evento é o um-a-um: o contato visual com o autor durante as mesas, o flerte com o lançamento em exposição nas bancas de editoras e livrarias. E tudo isso com entrada franca, a céu aberto, a marquise art déco do Estádio do Pacaembu a nortear os passos dos flâneurs, alguns com seus filhos curiosos, outros a passear cães de grande porte.

Perambular sem pressa, atento às palavras escritas e faladas. Testemunhar os aplausos calorosos para a filósofa Marilena Chauí e para o médico Drauzio Varella, se impressionar com a contundência e lirismo da ficcionista portuguesa Lídia Jorge, refletir sobre os impasses da democracia brasileira com o historiador Carlos Fico e o jornalista Eugênio Bucci (leia depoimento abaixo), prosear entre uma mesa e outra com os joviais mineiros Ivan Angelo, 89 anos, e Humberto Werneck, 80, há décadas radicados na capital paulista: viajar pelo mundo dos livros e das ideias sem sair de São Paulo.

Que a Feira continue a oferecer, além de chopes e pastéis, um estoque variado – e saboroso – de alimentos para a alma.

FOTOS: CARLOS MARCELO/EM/D.A.PRESS



MONTADA NA PRAÇA CHARLES MILLER, EM FRENTE AO ESTÁDIO DO PACAEMBU, A FEIRA DO LIVRO DE SP CHEGA À QUARTA EDIÇÃO: AMBIENTE ACOLHEDOR NA MAIOR CIDADE DO PAÍS



HUMBERTO WERNECK, 80, E IVAN ANGELO, 89: A FESTA DO DESATINO DA RAPAZIADA MINEIRA EM SP



TENDA LOTADA E PLATEIA ATENTA ÀS FALAS DE EUGÊNIO BUCCI E CARLOS FICO SOBRE A DEMOCRACIA BRASILEIRA

"Um conceito mágico em um espaço público"

EUGÊNIO BUCCI

"A Feira do Livro chega à sua quarta edição, agora, em 2025, já em plena maturidade. É um ponto obrigatório para o roteiro cultural do Brasil. Gente de toda parte vem ao Pacaembu para ver de perto livros, autores e autoras, que circulam alegres pela praça em que se instalam as editoras, as livrarias, as barracas de quitutes e os auditórios que ficam vibrantes em palestras e debates. Que maravilha. A ideia do jornalista, escritor e editor Paulo Werneck, em parceria com esse arquiteto sensível e visionário que é Álvaro Razuk, não poderia ter dado mais certo. Num espaço público por excelência, um estacionamento de estádio de futebol, eles enxergaram e materializaram um conceito mágico: um centro nervoso (mas muito calmo) da cultura, com livros que cintilam ao sol ameno de junho, gente que trafega sorridente, conversando com liberdade e alegria. Além disso, o tema deste ano, que é a democracia, tem tudo a ver com esse projeto. Que delícia que é a Feira do Livro. Sou fã."

Eugênio Bucci, jornalista, que participou com o historiador Carlos Fico no último sábado da mesa "40 anos de democracia", uma das mais concorridas da Feira do Livro, e lançou os livros "A razão desumana" (Autêntica) e "Que não se repita" (Seja Breve).

Campeões de vendas

OS LIVROS MAIS VENDIDOS NO PRIMEIRO FINAL DE SEMANA DA FEIRA DO LIVRO

- "Ideologia: uma introdução" (Boitempo), de Marilena Chauí
- "Uma delicada coleção de ausências" (Companhia das Letras), de Aline Bei
- "Que não se repita: a quase morte da democracia brasileira (Seja Breve)", de Eugênio Bucci
- "A razão desumana: cultura de informação na era da desinformação inculta (e sedutora)" (Autêntica), de Eugênio Bucci
- "Misericórdia" (Autêntica), de Lídia Jorge
- "O livro que me escreveu" (Solisluna), de Mario Lucio Sousa
- "De Marte a Favela: como a explosão espacial inspirou um dos maiores projetos de combate à pobreza no Brasil" (Planeta do Brasil), de Aline Midlej
- "Gaza está em toda parte: textos e fotografias pós-7 de outubro (com uma última ida à Gaza seis anos antes)" (Bazar do Tempo), de Alexandra Lucas Coelho
- "Horas azuis" (Companhia das Letras), de Bruna Dantas Lobato
- "Utopia autoritária brasileira: como os militares ameaçam a democracia brasileira desde o nascimento da República até hoje" (Crítica), de Carlos Fico

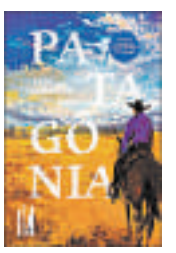
Fonte: Livraria da Travessa

A dupla celebração de João Batista Melo

TÚLIO SANTOS/EM/D.A.PRESS



Considerado por Moacyr Scliar "um autor com amplo domínio do texto e uma capacidade de penetrar nos mistérios da existência como raramente se vê", João Batista Melo tem dois motivos de comemoração. O autor de livros premiados como "Malditas fronteiras" e "O inventor de estrelas" foi eleito, na última segunda-feira, para a Academia Mineira de Letras na sucessão de Benito Barreto. "Estou muito contente por ingressar na AML, em especial para uma cadeira de um dos escritores menos lembrados e reconhecido em nossos tempos do que merece, e cuja obra eu tive a felicidade de conhecer quando começava a descobrir a literatura mineira", conta João Batista ao Pensar.



"Eu vejo a Academia Mineira de Letras como uma instituição que historicamente sempre atuou na preservação e na divulgação da literatura mineira, bem como das suas letras num sentido mais amplo. E que nos anos recentes vem se reciclando ainda mais, em sintonia com as transformações da sociedade, buscando a diversidade em sua composição, a conexão com as questões sociais nas ações e discussões", complementa.

Além da eleição à AML, João Batista celebra o relançamento, pela Editora Faria e Silva, do primeiro romance, "Patagônia", 25 anos depois da primeira edição. "De certa forma, 'Patagônia' traz alguns elementos que são uma constante em toda a minha obra: a conexão entre literatura e cinema, o flerte com as histórias de aventura e ação, a inter-relação entre personagens de culturas e sociedades distintas, a construção poética do texto", acredita o autor. O romance narra a história de um jovem brasileiro que, no início do século 20, vai para a Argentina em busca dos assassinos de seu irmão, morto durante um assalto a trem nos Estados Unidos pelo bando de Butch Cassidy. "A trama nasceu como uma homenagem ao gênero faroeste, mas penso que acabou se tornando um drama pacifista de aventura", conta João Batista Melo, que autografará a nova edição de "Patagônia" no dia 19 de julho, às 11h, na Livraria Quixote.

ines249

FOCO NA PALESTINA

Os rostos que habitam o meu rosto

"A escritora de ascendência palestina convida o leitor a acompanhá-la na compreensão do que é ser palestino. Será uma viagem civilizatória que não necessita de concordância. Basta ser humano." Assim a jornalista Dorrit Harazim apresenta "Tornar-se Palestina", livro da chilena Lina Meruane que foi editado pela mineira Relicário e já vendeu mais de 15 mil exemplares no Brasil. Jornada de autodescoberta a partir de viagens da autora ao Oriente Médio em busca de suas origens e dividido em duas partes, "Tornar-se Palestina" acaba de ganhar segunda edição, com apresentação do brasileiro de ascendência libanesa Milton Hatoum ("Dois irmãos") e uma terceira parte: "Rostos em meu rosto".

Nascida em Santiago em 1970, Lina Meruane vive nos EUA desde 2000 e leciona Escrita Criativa na Universidade de Nova York. Ela veio ao Brasil para lançar a nova edição de seu best seller e falar também sobre o seu trabalho mais recente. No ensaio autobiográfico "Sinais de nós", Meruane revisita a ditadura de Augusto Pinochet a partir de lembranças da infância, como a ausência repentina e inexplicada de colegas na sala de aula e a presença de agentes de segurança do ditador.

Depois de participar da Feira do Livro, em São Paulo, Lina Meruane estará neste sábado, às 12h, no Rio de Janeiro para conversar sobre a questão palestina na Bienal do Livro em companhia de Hatoum e da escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho, autora de "Gaza está em toda parte". Leia, a seguir, trechos da parte inédita de "Tornar-se Palestina" e da apresentação assinada pelo autor de "Dois irmãos".

Leia trecho inédito de "Tornar-se Palestina", da chilena Lina Meruane, e da apresentação de Milton Hatoum para a nova edição do livro que já vendeu mais de 15 mil exemplares no Brasil

"Querem hierarquizar o caos da miscigenação"

LINA MERUANE

"É na eterna fila de imigração do aeroporto parisiense onde me dou conta de que há anos venho reunindo evidências de que os rostos são signos confusos. Ao meu lado estão portadores de rostos que entregam seus dados para serem inspecionados enquanto tentam evitar o enraizado anseio racista de defini-los, distinguilos e diferenciá-los de uma população local igualmente diversa. Porque é nas fronteiras que se dá a tentativa de rotulá-los, estereotipá-los, estigmatizá-los. Avanço na fila dos estrangeiros, sabendo que fingir que a diferença não existe também pode ser racista: ser diferente não apenas não é negativo, como é um fato legítimo. Deveríamos insistir que ninguém é igual a ninguém, que cada corpo é uma variante do humano. É justamente isso que querem negar. Querem hierarquizar o caos da miscigenação. Querem estabelecer uma ordem, cadastrar a população. Uma tia distante que entende de demografia já tinha me explicado isso. Foi ela quem sugeriu que eu examinasse os censos quando lhe contei que viajaria a Paris para tratar do tema da migração palestina no Chile. Vá atrás dos censos, escreveu numa mensagem de texto. Lá vou eu, respondi, e lá fui antes de viajar ao catálogo da Biblioteca Nacional do Chile, no qual estavam prontos para ser baixados.

E foi folheando páginas amareladas digitalizadas na tela que avaliei os critérios de contagem estabelecidos em 1907, critérios que iam do gênero às ocupações e da educação às deformidades e doenças da população, até chegar às nacionalidades. Porque eu queria entender, para depois poder transmitir, o que os chilenos de antigamente tinham analisado ao traçar distinções. Descobri que, nos anos da migração do meu avô-ainda-Issa e da minha avó-ainda-Milade, as categorias eram muito grosseiras: a "população de almas estrangeiras", como dizia o censo, era tão pequena que só classificavam os grupos em nações se suas almas fossem numerosas, porque, se fossem apenas alminhas, eles juntavam todas sob os impérios que as dominavam.

No exaustivo porém impreciso censo de 1907, constatou-se que os migrantes eram principalmente peruanos e bolivianos e espanhóis recém-chegados, seguidos de italianos, ingleses e alemães. Mas os árabes devem ter sido muitos entre os 1.729 catalogados como "Turquia". A exceção eram os 16 habitantes reunidos como "Ejipto", pois já tinham se libertado dos otomanos. E como saber se eram árabes os quatro sujeitos que apareciam como "África"? Era mais inexato do que eu previra, mas eu devia levar em conta que, no início do século passado, algumas nações ainda eram etnias e religiões não constituídas como corpos políticos definidos por fronteiras.

A isso somava-se o fato de que o conhecimento geográfico e cultural dos recenseadores era escasso e que, por falta de equipe qualificada, o Estado teve de recorrer a centenas de voluntários para ir de porta em porta pelo comprido e estreito país. Não parei nesse censo: continuei procurando, possuída pela curiosidade e pela facilidade de acesso a um documento monumental que em outras circunstâncias, teria sido impossível conseguir. Somente 13 anos mais tarde, no amarfanhado censo de 1920, emergiam oito nações antes ausentes. Uma nação: os "poloneses" encontravam seu lugar. Quatro: "sérvios", "montenegrinos", "eslavos" e "romenos", anteriormente agrupados em "Balkans" (sic). As três nações restantes haviam retirado pessoas da "Turquia", que entre um censo e outro baixou de 1.729 para 1.282: apareceram os "árabes" (1.849), diferenciados dos "palestinos" (1.164) e dos "sírios" (1.204), e não era estipulada a existência nem de libaneses nem de jordanos, mas sim de egípcios, que continuavam sendo escassos naqueles anos, apenas 23. Enquanto escrevia meu informe migratório, perguntei-me por que aqueles egípcios estariam separados dos árabes e dos africanos: seriam brancos? Seriam judeus?

Os recenseadores não sabiam dessas complexidades ou não tiveram tempo de perguntar ou não se preocuparam em tomar nota ou ninguém lhes disse que a cor ou a casta eram importantes entre os recenseados, por mais que essa questão continuasse viva nas preocupações do Estado. Fosse como fosse, quando os levantinos começaram a fazer seu incalculável desembarque, os chilenos, que se acreditavam brancos (embora descendentes de povos indígenas de um lado e de espanhóis do outro, isto é, de europeus ibéricos misturados com árabes e judeus), não sabiam se aqueles migrantes qualificavam-se ou não como brancos. Por via das dúvidas, deixaram que entrassem."



"TORNAR-SE PALESTINA"

- De Lina Meruane
- Tradução de Mariana Sanchez
- Prefácio de Milton Hatoum
- Relicário Edições
- 356 páginas
- R$ 69,90



"SINAIS DE NÓS"

- De Lina Meruane
- Tradução de Elisa Menezes
- Relicário Edições
- 76 páginas
- R$ 53,90



TIMO BERGER/DIVULGAÇÃO

"Gostaria de ter escrito este livro"

MILTON HATOUM



RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO

"Não por acaso, a primeira edição de 'Tornar-se Palestina' atraiu muitos leitores brasileiros. Quando a li, fiquei fascinado pelas reflexões, revelações, indagações, pelos detalhes concretos da vida de uma escritora e professora expatriada, pelos cruzamentos e sinuosidades temporais e espaciais, pela costura histórica que entrelaça as observações e a experiência da viajante com análises de textos e documentários sobre a Palestina. E, não menos importante, pela finura de um estilo descarnado, sutilmente irônico, nada pomposo ou altissonante. Nesses ensaios, a capacidade de argumentar e de fazer sentir são inseparáveis.

Eles nos transmitem uma vibração emocional na dose certa, sem exagero, sem apelações vitimistas, sem autocomiseração: uma emoção que nos faz companhia, toca nossa sensibilidade e nos torna solidários, não apenas aos palestinos. Em tantas belíssimas passagens – "Um silêncio impermeável", "A memória do ruído", "Chave girando" –, a prosa se acerca da poesia, se enlaça à história e comove o leitor.

O martírio do povo palestino, a matança diuturna de crianças, jovens e adultos pelo Estado ocupante e por seus associados horrorizam o mundo. E todos – exceto as mentes doentias e cultoras da morte – sabem que o que está em jogo é a humanidade e seu bem comum: a liberdade.

Pensei, com uma ponta de inveja, que eu gostaria de ter escrito este livro, mas me resignei a ser um leitor e a indicá-lo com entusiasmo a amigos e conhecidos. Lembro que recebi várias mensagens que diziam: "Li o livro de Lina e me tornei Palestina". Não serão outras as palavras dos leitores dessa bela e necessária reedição, cujos ensaios relacionam-se como vasos comunicantes e primam por sua coerência. O resultado é este livro escrito com arte, sabedoria e paixão, o que lhe confere um elevado valor literário e histórico."

ines249

FOCO NA PALESTINA

Uma testemunha entre destroços

Primeira antologia poética de palestino Ghayath Almadhoun publicada no Brasil ganha lançamento em BH. São 31 poemas em prosa lírica sobre a guerra civil síria e a opressão dos palestinos

DIVULGAÇÃO



GHAYAT ALMADHOUN, AUTOR DE "VOCÊ DEU EM PAGAMENTO O MEU PAÍS"

MÔNICA DE AQUINO
ESPECIAL PARA O **EM**

"A morte se parece com o meu rosto", escreve o poeta palestino contemporâneo Ghayath Almadhoun. E o rosto de que ele fala parece menos o que podemos entrever, através dos seus textos, do que o que ele vê, mirando-se num espelho. Almadhoun nasceu em um campo de refugiados na Síria, em 1979, e emigrou para a Suécia em 2008. Vive, há alguns anos, em Berlim. Seus textos são também sobre este trânsito em que ele é sempre o outro para si mesmo.

Estrangeiro em todos os lugares. O que lista motivos para não estar presente, o que vê interrompida a estrada entre o seu poema e Damasco. O que sobreviveu e partiu. Mas o que significa sobreviver? "Você diz que eu sobrevivi à guerra, não, minha querida, ninguém sobrevive à guerra, unicamente eu não morri, permaneci vivo apenas", ele adverte, num dos últimos poemas do livro.

Mas se sobreviver não é mais do que permanecer vivo, é, por outro lado, carregar em si todos os que não sobreviveram; e se a guerra transformou seus livros em cemitérios, como ele escreve em outro poema, transformou-os também em lugares onde é possível contrariar a morte e continuar existindo como um povo. "Eu não ensinarei meus filhos a temerem os estranhos,/porque eu sou um deles,/eu não direi a eles que não falem com o homem estranho, pois aquele sou eu,/eu sou o estranho que perdeu a mão na guerra,/o viúvo cuja esposa não morreu,/o imigrante que não se afogou no Mediterrâneo (...)"

Como se desse uma volta no tempo e driblasse o massacre, aqui a esposa do viúvo está viva, aqui o imigrante não se afogou no mar. É esse compromisso que Ghayath Almadhoun parece assumir para si através da sua poesia: fazer sobreviver o que não sobreviveu e resta desprezado, destruído; transformar as ausências em presença, como se respondesse, tantos anos depois, a pergunta que Primo Levi, também ele sobrevivente e poeta, fez a si: "Você tem vergonha porque está vivo no lugar de um outro? (...) Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aquele que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocou o fundo."

A ele, o poeta parece responder, através do tempo: "Você acredita na poesia sem que as palavras caiam no poço e na alegria sem que a culpa nos coma? E na Palestina?"

Mas se não são os sobreviventes as autênticas testemunhas (ainda conforme Primo Levi), é preciso trazê-las à página. "Não precisamos de outro túmulo para o soldado desconhecido, acredite em mim, precisamos de um túmulo para o motorista de ônibus desconhecido, aquele imigrante do Chile, que morreu sozinho em sua cama, de quem ninguém sentiu falta, ou um túmulo para o vendedor de falafel desconhecido que nasceu de barriga cheia no Sul e morreu faminto no Norte, precisamos de um túmulo grande para as mulheres desconhecidas, mulheres cujo sangue escorre pelas frestas das paredes das casas, e que tentamos esconder com tinta, cujos gemidos suaves ouvimos nas noites de verão, enquanto fingimos estar distraídos, que atravessaram a história nas pontas dos pés, para não acordar a fera (...)".

A fera está acordada e o rosto do poeta se multiplica em estilhaços. Ghayath Almadhoun se apresenta para nós, mais uma vez: "Eu, o palestino disperso entre vários massacres, fico aqui nu, tentando vestir meu poema, na esperança de que ele esconda minhas feridas, recolho desordenadamente meus pedaços daqui e dali, para ser uma testemunha."

E o que nós testemunhamos, do conforto das nossas casas, incapazes de uma outra nudez, através de janelas virtuais? De repente, enquanto o Ocidente desvia o olhar do massacre diário de civis na Palestina, é o nosso rosto que se parece com a guerra. O que torna também um gesto político forte a publicação do poeta Ghayath Almadhoun agora no Brasil, pelas mãos da editora mineira Ars et Vita.

"Se estivéssemos num mundo virtual/eu teria limpado o vidro da janela que dá para a tua casa com um jornal eletrônico,/e a rosa de plástico que coloquei sobre o túmulo do meu irmão /teria crescido.", ele escreve. Mas não estamos, como lembra, diante da nossa inércia, a epígrafe do poema: "Mesmo que a janela seja virtual, os mortos são reais."

Se "o mundo não chama as coisas pelos seus nomes (...)", nós precisamos chamá-las – é o nosso mínimo compromisso agora.

◆

MÔNICA DE AQUINO é poeta, professora, crítica de arte e curadora independente

►►►

ines249

SOLIDARIEDADE AOS PALESTINOS

A passagem do poeta palestino Ghayath Almadhoun por Belo Horizonte (na próxima segunda-feira), São Paulo e Rio de Janeiro é marcada por uma iniciativa de livrarias de ruas e de editora independentes brasileiras. A ideia é se manifestar publicamente, como agentes do cenário literário, contra a opressão e a guerra na Faixa de Gaza. "Diante de tamanha violência, não cabe a indiferença. De tal modo, buscamos uma associação entre livrarias e editoras independentes para manifestar nossa solidariedade ao povo palestino. Entendendo que nossa contribuição possa ser no sentido de promover uma conscientização sobre a questão, vamos ao longo das próximas semanas realizar algumas ações para sensibilizar mais pessoas contra o genocídio do povo palestino", diz o manifesto, que tem como participantes as livrarias Jenipapo, Quixote e do Belas e as editoras Ars et Vita e Relicário, de Belo Horizonte, e outras de São Paulo e Rio.



"VOCÊ DEU EM PAGAMENTO O MEU PAÍS"

- De Ghayat Almadhoun
- Tradução do árabe: Alexandre Chareti
- Ars et Vita
- 168 páginas
- R$ 58
- **Lançamento**: Nesta segunda-feira (23 de junho), simultaneamente, nas livrarias Jenipapo (R. Fernandes Tourinho, 241, Savassi, BH) e Quixote (R. Fernandes Tourinho, 274, Savassi, BH)

Nós

Nós dispersados em fragmentos, que chovemos carne, apresentamos nossas mais sinceras desculpas a cada uma das pessoas desse mundo civilizado, homens e mulheres e crianças, porque sem que fosse nosso propósito aparecemos nas suas casas seguras sem solicitar permissão, pedimos desculpas por imprimir nossos restos mortais em suas memórias brancas como a neve, e por termos manchado a imagem do ser humano natural perfeito nos seus olhos, porque, com todo o descaramento, pulamos de repente nos boletins de notícias e nas páginas de internet e de jornais, nus senão pelos nossos sangues e os restos carbonizados dos nossos corpos, pedimos desculpas a todos os olhos que não se atreveram a olhar diretamente para as nossas feridas para não ficarem arrepiados, e pedimos desculpas a todos que não conseguiram terminar o jantar depois de terem sido surpreendidos pelas nossas imagens frescas na televisão, pedimos desculpas pelas dores que causamos a todos que nos viram assim, sem embelezamento ou pontos ou remontagem dos nossos restos e partes antes de aparecermos nas telas, pedimos desculpas também aos soldados israelenses que se deram ao trabalho de apertar os botões dos seus aviões e tanques para nos transformarem em pedaços, pedimos desculpas a eles pelas imagens horríveis em que nos transformamos depois que eles apontaram as suas bombas diretamente para as nossas cabeças moles, e pelas horas que agora passarão em clínicas psiquiátricas para que possam voltar a ser humanos como eram antes de nos transformarem em pedaços nojentos, que os assombram sempre que tentam dormir, somos as coisas que vocês viram nas telas e nos jornais, e se vocês trabalharem duro para juntar esses restos como um quebra-cabeça, vocês ganharão uma imagem clara de nós, tão clara que vocês não serão capazes de fazer coisa alguma. (2008)

Você acredita em Damasco à primeira vista?

Quando estávamos na Síria, sonhávamos em retornar à Palestina. Agora, sonhamos em retornar à Síria, para podermos continuar o sonho de retornar à Palestina. Você acredita na casa que foi encontrada assassinada e nos prédios que caíram sobre as bombas e no país que foi roubado? Você acredita nos projéteis de morteiros que chovem nos sonhos e no campo de refugiados que vêm na forma de um dejá-vu e na Nakba que dorme ao nosso lado na cama? Você acredita no cheiro do café que se mistura com o gás sarin e nas sacadas que se asfixiam e nas cidades que dormem em unidades de tratamento intensivo? Você acredita na banalidade do mal e na nostalgia que olha da janela e nas casas que migraram e nos deixaram para trás? Você acredita no início do amor e no fim da vida que passa e no suicídio das memórias? Você acredita na saudade das distâncias que há entre nós pela cama e nos nossos filhos que não nasceram e nas noites que dormem no meio do dia? Você acredita na poesia sem que as palavras caiam no poço e na alegria sem que a culpa nos coma? E na Palestina?

Você acredita em vida após Damasco? (2023)

Reciclando a morte

A única razão pela qual eu não odeio o meu país é porque eu não tenho um país.

Um soldado que voltou da linha de frente com uma memória mutilada diz: "saia da frente, você não é um semáforo para ficar parado num cruzamento de duas ruas", então reparo num buraco preto na camisa dele, e me lembro da alegria usada que herdei da minha mãe, e dos meus amigos que morreram de overdose de esperança.

Um jovem que viveu sob ameaça, e que morreu sob tortura, diz: "quando tua idade for maior que o número do teu sapato, não te importará em qual terra você morre, e sim em qual terra você vive", então reparo nos seus dedos decepados, e me lembro da morte que reciclamos na memória de família, e dos cadáveres que transformaram meus livros em cemitérios.

Meu pai diz: "sou mais velho que Israel, e quanto à Palestina, ela se perdeu na tradução", então reparo na Síria em que ele vive, e na Palestina que vive nele, e tento ver o copo meio cheio de sangue, a única razão pela qual a Palestina ainda está no Oriente Médio é porque não é possível carregá-la para os museus da Europa.

Abu Tammam diz: "emigre e seja renovado", então reparo nos doze séculos entre nós, e me lembro da eternidade, os poetas viajam pelo espaço, a poesia viaja pelo tempo.

Ali Ibn Abi Talib diz: "as pessoas estão dormindo, e quando morrem elas acordam", então reparo no tempo, e me lembro das eras, e de como passamos os dias temendo que os dias passem.

Deus diz: "a terra de Deus não era bastante ampla, para, nela, emigrardes"*, então reparo nos arames farpados que saem dos meus poemas, e me lembro do meu país que eu escondi numa mala de viagem, quando obtive a cidadania sueca, tornei-me palestino, e foi possível que eu viajasse à Palestina.

O poeta que eu era em Damasco diz: "a destruição te entristeceu ou a tristeza te destruiu?", então reparo na minha cidade que foi comida pelo lobo, e me lembro da proporção inversa, quanto maior a matança, menor o número de testemunhas.

(2023)

* Trecho da Sura das mulheres (annissa'), ayah 97, segundo Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa. Trad. (Helmi Nasr). Medina: Complexo de impressão do Rei Fahd, 2005. (N. do T.).

ines249

FOCO NA PALESTINA



ENTRADA EM GAZA, VINDO DO CHECKPOINT DE EREZ, NO NORTE DA FAIXA, EM MAIO DE 2017

"O argumento do Holocausto — que tolhe tantas bocas, por medo de serem abusivamente acusadas de anti-semitismo — tem de ser invertido: é justamente por seis milhões de judeus não terem sido salvos que não podemos falhar mais uma vez. Os judeus exterminados de ontem são os palestinos exterminados de hoje."

"O maior campo de extermínio do nosso tempo"

Jornalista portuguesa Alexandra Lucas Coelho, no Brasil para lançar "Gaza está em toda parte", afirma que o seu livro de reportagens e reflexões pode ser visto como "uma crônica em tempo real do genocídio que estamos todos vendo" e que, com a guerra de Israel com o Irã, "a morte apocalíptica de Gaza eclipsa-se das notícias"

CARLOS MARCELO

"Gaza é o maior campo de extermínio do nosso tempo." A afirmação é da jornalista e escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho, que está no Brasil para divulgar o seu mais recente livro: "Gaza está em toda parte". Contendo crônicas e reportagens escritas entre outubro de 2023 e março de 2025, o lançamento chega simultaneamente às livrarias brasileiras e a Portugal. Aos relatos de Alexandra se somam 111 imagens, boa parte delas inéditas, registradas na Palestina.

"Esse livro pode ser visto como uma crônica em tempo real do genocídio que estamos todos vendo, apesar de os maiores horrores estarem sendo cometidos às escuras. As imagens são piores do que estamos vendo, e já estamos vendo coisas que nunca havíamos visto", afirmou a autora na Feira do Livro, em São Paulo, no início da divulgação brasileira de "Gaza está em toda a parte". Vencedora do Prêmio Oceanos de 2022 com a obra "Líbano, Labirinto", ela estará neste sábado na Bienal do Livro Rio. Ainda na capital carioca, participa de três eventos até quinta-feira, quando segue para Porto Alegre e termina a incursão brasileira em Salvador, no próximo dia 4.

No livro, ela endereça mensagem aos judeus: "As pessoas judias também têm de nos apoiar, de lutar pelos seus valores e história. Não deixar esta gente israelense, sionista mudar a história dos judeus. Todos concordamos que o Holocausto foi a coisa máxima contra a vida humana. Mas, lamento, todos os dias um pequeno holocausto acontece na Palestina." E reproduz o apelo do palestino Hossam Shabat, "jovem repórter carismático" assassinado em Gaza no dia 24 por forças de ocupação israelenses: "Não deixem o mundo olhar para o lado. Continuem a lutar, continuem a contar as nossas histórias – até à Palestina ser livre."

Leia, ao lado, a entrevista de Alexandra Lucas Coelho ao Pensar do **Estado de Minas**:

Por que você afirma, no título, que "Gaza está em toda parte"?

Nunca vivemos tal horror em tempo real, a destruição de um povo e de um lugar nas nossas telas, a cada minuto, há mais de 20 meses. Um genocídio, como foram reconhecendo tantos peritos e organizações de Direitos Humanos. Toda a gente no planeta é testemunha, só quem não quer não verá. Pode escolher o silêncio, voltar costas ou negar, mas terá de viver com essa escolha. Então, isto diz respeito a cada humano, e ao que significa ser humano, viver aqui na Terra, agora.

Gaza está em toda a parte porque em toda a parte há gente ligada ao que acontece lá, que se indigna, luta nas ruas, organiza atos, escreve, partilha, escuta, acompanha os palestinos nas redes sociais, protesta contra governantes cúmplices do genocídio. Mas, além da geografia, Gaza está em toda a parte porque cada humano agora é contemporâneo da crueldade de Israel e do sacrifício dos palestinos. Uma crueldade que expõe o desfecho monstruoso do sionismo, esse fruto do anti-semitismo europeu. E um sacrifício que mostra como está vivo e é implacável o racismo da velha Europa colonial. As vidas palestinianas não importam nem a Israel nem à Europa — que foi a mãe e é a filha de Israel. E, claro, também não importam a quem já governava os Estados Unidos desde antes de Trump, e mandou a Israel todas as bombas e meios necessários a este genocídio, assegurou as condições para que ele fosse executado.



"GAZA ESTÁ EM TODA PARTE"
- De Alexandra Lucas Coelho
- Editora Bazar do Tempo
- 400 páginas e 111 fotografias (27 coloridas)
- R$ 118,00
- Ebook: R$ 88,00

O crime deste genocídio recai sobre todos os responsáveis mundiais que ajudaram Israel ou não se opuseram, democráticos ou não (incluindo quase todos os líderes árabes).

O que as suas palavras podem fazer diante das imagens que chegam de Gaza?

Além das palavras, "Gaza está em toda a Parte" tem duas sequências de imagens, decisivas na construção do livro. Vejo-as como a parte mais livre, uma montagem silenciosa, sem texto (as legendas, detalhadas, aparecem só no fim do livro). Montei-as sempre em dupla página, a partir de milhares de fotografias que fiz na Palestina/Israel depois do 7 de Outubro e de um conjunto em Gaza antes do 7 de Outubro.

O que fazem as palavras e as imagens será com cada leitor. O livro pode ser visto como uma crônica deste genocídio, com as datas por cima do texto, avançando até abril de 2025. Linha do tempo, arquivo em movimento, um pedaço do tempo e do lugar. Ligar pontos para pensar, também a partir da minha relação de mais de 20 anos com aquela parte do mundo. E criar relações livres entre imagens, e imagens e texto, dando a imaginar.

Como vê a posição do governo brasileiro nesse cenário?

Lula da Silva aparece neste livro como uma voz rara entre líderes mundiais por bem cedo ter sido capaz de criticar duramente Israel, evocando o Holocausto. Uma evocação que não só pode como tem absolutamente de ser feita. O argumento do Holocausto — que tolhe tantas bocas, por medo de serem abusivamente acusadas de anti-semitismo — tem de ser invertido: é justamente por seis milhões de judeus não terem sido salvos que não podemos falhar mais uma vez. Os judeus exterminados de ontem são os palestinos exterminados de hoje. A Europa foi criminosa então e é criminosa agora. Eu escrevera sobre isto nas semanas anteriores às primeiras declarações de Lula, e quando o ouvi falar senti mais uma vez a força da sua extraordinária intuição. Um estadista raro. Mas falta cortar todas as relações com Israel. Isolá-lo como o estado pária, destruidor, que é. Só assim Israel será travado.

Como a guerra que Israel iniciou com o Irã pode impactar no que está acontecendo em Gaza?

Com essa nova frente, a morte apocalíptica de Gaza eclipsa-se das notícias. Que conveniente para Israel — e para a Europa, incluindo o chanceler alemão chegar ao ponto de agradecer a Israel fazer o trabalho sujo de bombardear o Irão. Um novo auge do cinismo alemão.

Em "Gaza está em toda parte" não tenho palavras brandas para o regime iraniano, tiranos de um povo com uma cultura extraordinária. Espero viver para ver os iranianos livres das prisões políticas, da ameaça da forca, da repressão geral. A liberdade não é uma luta seletiva. Não é possível condescender com a tirania dos aiatolás. E, ao mesmo tempo, é preciso ver esta guerra lançada por Israel como mais uma violação de toda a lei internacional, que só pode ser condenada por quem acredita nela. Uma guerra que mostra como as mesmas forças armadas israelenses que estranhamente falharam ali tão perto a 7 de Outubro agora podem, a grande distância, matar com precisão cientistas nucleares. Não evitando, claro, que centenas de civis iranianos já tenham sido mortos (para cerca de 25 mortos na retaliação do Irã contra Israel, onde o sistema de defesa e abrigos é muito mais potente).

Entretanto, de Gaza chegam-nos agora apenas relances de um genocídio às escuras, com centenas de palestinos assassinados — por mercenários ao serviço de Israel, disfarçados de agência humanitária — quando desesperadamente tentam chegar a um saco de farinha.

Depois de matar mais de 220 jornalistas palestinos, e de continuar a proibir a imprensa do mundo de entrar em Gaza, Netanyahu lançou assim contra o Irã a guerra com que sonhava há muito, e que o ajuda a salvar a pele mais uma vez nas sondagens. Pois 82 por cento dos judeus israelitas apoiam estes ataques. Exatamente o mesmo número que, numa sondagem anterior, apoiava a limpeza étnica dos palestinos de Gaza. O que mostra como o problema está muito para além de Netanyahu, é a grande maioria de Israel. Um estado doente, alienado, que não vai recuperar do que está a fazer, que é mais odiado hoje nas ruas do mundo do que qualquer outro. Um estado que se auto-destruiu pela destruição inflingida a outros. O futuro será filho de Gaza.

De tudo o que você viu em Gaza, o que não sai da sua cabeça?

A incrível força dos palestinos, que nunca desistiram de resistir, como não desistiam da beleza ou do sentido de humor. Nem mesmo nas ruínas de Gaza desistiram de fazer tranças às crianças, tocar instrumentos, dançar a dabka, dizer poemas de cor ou cozinhar com graça, quase sem nada. São os palestinos que desde o 7 de Outubro nos mostram o melhor do humano, o sobrehumano mesmo. Mostram-nos do que são capazes e do que nós não somos capazes. E de como o menos-que-humano está no governo de Israel e de boa parte do mundo.

TRECHO DE "GAZA ESTÁ EM TODA PARTE"

De Alexandra Lucas Coelho

RUI GAUDÊNCIO/DIVULGAÇÃO



ALEXANDRA LUCAS COELHO, AUTORA DE "GAZA ESTÁ EM TODA PARTE", SOBRE O TÍTULO DO LIVRO: "ESTÁ EM TODA A PARTE PORQUE CADA HUMANO AGORA É CONTEMPORÂNEO DA CRUELDADE DE ISRAEL E DO SACRIFÍCIO DOS PALESTINOS"

26 de dezembro de 2023
"Still alive: Gaza-Belém-Jerusalém"

"Perdi a minha casa. A casa da minha família. A casa da minha irmã. A casa do meu irmão. Tudo aquilo a que chamo casa. Estamos num estado horrífico. Figuras como zumbis."
Crônica em Jerusalém Oriental

Na noite de Natal, eu estava na praça da Basílica da Natividade com o telefone na mão quando chegou um áudio de W. em Gaza.

Desde o 7 de Outubro partilhei muitas mensagens dele nas redes sociais, para que as pessoas tivessem acesso direto às palavras. W. não estudou jornalismo, vem das ciências, mas é um observador nato. A 7 de Outubro, as filhas dele já moravam em países vizinhos (tal como a mãe delas). W. estava na Cidade de Gaza com outros parentes. Os bombardeamentos forçaram-no a ir para Sul, passou muito tempo no exterior de um hospital em Deir Al Balah, a meio da Faixa, com a família da irmã, que ele ajudou a tirar dos escombros. Mandou-me fotografias dessa irmã, tão parecida com ele, cheia de escoriações, e de uma das netas dela, uma menina linda em estado de choque, também com feridas na cara, e a mão enfaixada. Quase perdeu a mão. Foi operada naquelas condições terríveis, tiraram tecido de outra parte do corpo. W. adora esta sobrinha-neta, também me mandou alguns dos desenhos que ambos faziam, acampados ali, com tão pouca comida, água, higiene. E veio o frio, a chuva, tendas de plástico, sem roupa de inverno. Cada vez mais fome. Desidratação, doenças. Então, W. decidiu ir a outra zona à procura de comida, Nusseirat. Mas depois, com o avanço da invasão terrestre, não conseguiu voltar para junto da família.

Cheguei a Jerusalém Oriental na noite de 10 para 11 de dezembro e desde então não tinha tido notícias de W. Não sabia onde ele estava. Se ainda estava. Nas primeiras semanas da guerra, por vezes a primeira mensagem dele era: "Am still alive." Como também nas mensagens de R., o jornalista com quem trabalhei na última ida a Gaza. E quem siga os palestinos nas redes reconhecerá estas palavras em inglês. Os milhões de seguidores, por exemplo, de Bisan Owda, habituaram-se a ouvi-la dizer: "I am still alive." Ela, eles, todas essas pessoas que são a nossa linha de vida com Gaza. Ou a nossa linha da vida, mesmo.

Então, ao fim de 15 dias sem saber nada de W., aquele áudio caiu ali em Belém, na noite de Natal, e pela primeira vez desde 7 de Outubro trocamos mensagens estando ambos na Palestina.

Transcrevo as palavras dele:

"Ainda estou funcional. A guerra está no seu auge. Perdi a minha casa. A casa da minha família também. A casa da minha irmã. A casa do meu irmão. Tudo aquilo a que chamo casa. Perdi contato com aquele meu irmão que não tinha qualquer possibilidade de deixar Gaza. As idF [tropas de Israel] estão deliberadamente a forçar dois milhões e meio à fome e à sede. Estamos num estado horrífico. Figuras como zumbis. Ainda estou em Nusseirat. O exército exigiu que partíssemos daqui, e o prazo de 72 horas acabou esta noite, mas não há transportes, querida amiga. Tentei tudo o que podia para partir ontem e hoje. Vamos ver o que acontece amanhã. Espero conseguir chegar a Deir Al Balah amanhã." A mensagem seguinte é uma fotografia de ruínas: "Esta é uma imagem do meu bairro há duas semanas. Agora, está tudo arrasado." Digo-lhe que estou em Belém, e toda a Belém está com Gaza, sem celebrar o Natal. Ele promete não perder a esperança. "Nunca. Inshallah."

A última mensagem foi às 21h30. Já eu estava junto daquela incubadora com um Jesus queimado pelas bombas em Gaza.6 E não tenho mais notícias de W. até ao momento em que escrevo esta crônica, em Jerusalém Oriental Ocupada, dos lugares mais belos, mais tristes do mundo. Antes de a terminar, porém, como se adivinhasse, escreve-me R., o outro amigo de Gaza, que há muito não respondia.

As mensagens dele: "Bombardeamento em Maghazi [junto a Deir Al Balah], não muito longe de mim. Decidi sair daqui, mas não acho um lugar onde ficar mos. Parece que eu e os meus filhos vamos dormir na rua, não há um lugar em Gaza. Muita gente começou a fugir, estou a tentar, mas não sei para onde ir."

Quantas vezes já os palestinos disseram isso a alguém. Ou teriam dito se houvesse WhatsApp, no meio de mais um bombardeamento, mais um êxodo, desde muito antes de R., W. ou eu termos nascido.

E todos já temos cabelos brancos.

ines249

FOCO NA PALESTINA

ANGÚSTIA DE UM PAI, MARTÍRIO DE UM POVO

Vencedor do Prêmio Pulitzer de não-ficção em 2024 e traduzido para mais de 20 idiomas, "Um dia na vida de Abed Salama", do jornalista Nathan Thrall, entrelaça a saga de um trabalhador palestino em busca de notícias do filho após um acidente trágico em Jerusalém com as dores coletivas dos que vivem nos territórios ocupados por Israel

ines249

EDU OLIVEIRA

Um ônibus cheio de crianças se envolve em um acidente, pega fogo e arde em chamas durante meia hora sem que nenhuma autoridade preste socorro. Essa situação aterrorizante e seus desfechos trágicos foram vistos e sentidos por cidadãos palestinos e agora são retratados em "Um dia na vida de Abed Salama - Anatomia de uma tragédia em Jerusalém" (Zahar), livro escrito por Nathan Thrall, vencedor do Prêmio Pulitzer de não-ficção em 2024, que chega ao Brasil enquanto mais uma guerra provoca a morte de centenas de pessoas no Oriente Médio, desta vez entre Israel e Irã. "Quando vimos o fogo, achamos que tínhamos morrido. Pensamos que estávamos no inferno", disse uma menina que sobreviveu ao desastre. Porém, nem todos tiveram a sorte de poder contar o que viram. Sete pessoas morreram queimadas naquele dia chuvoso sem ter a chance de chegar ao seu destino: um parque temático.

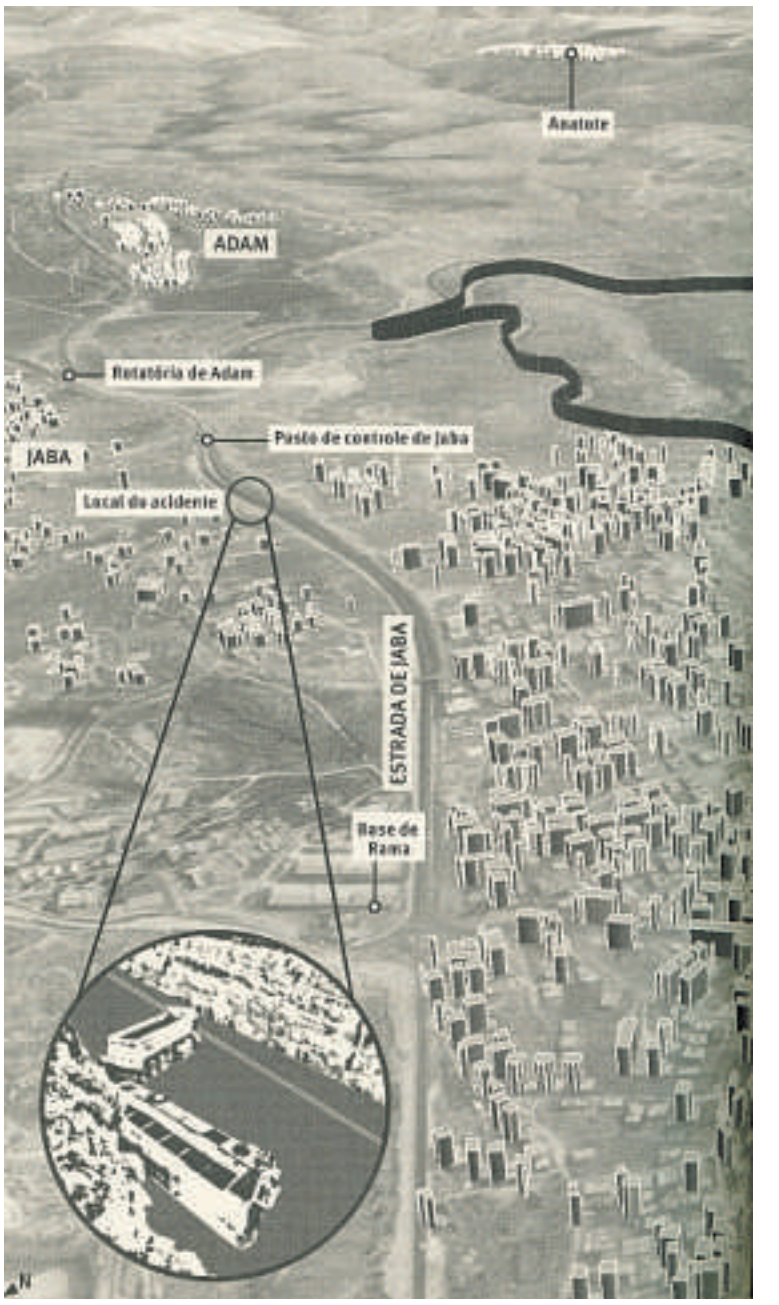
Para recontar essa história, que aconteceu em fevereiro de 2012, o jornalista Nathan Thrall, judeu nascido nos Estados Unidos e radicado em Israel há mais de vinte anos, opta por reconstituir experiências de pessoas que vivem com um nó na garganta em meio ao controle israelense cada vez maior, mas que não desejam partir. Ele, que também é autor de "The Only Language They Understand: Forcing Compromise in Israel and Palestine" e de ensaios e reportagens publicados pelo New York Times Magazine, The Guardian, London Review of Books e New York Review of Books, procura fazer um retrato de pessoas e famílias comuns, separadas por muros e tratadas como cidadãos de segunda classe, cujas histórias funcionam como testemunhos cotidianos para um conflito que é vivido há várias gerações.

É o caso do palestino Abed Salama, trabalhador, marido e pai, que se viu proibido de transitar livremente em sua própria terra para procurar pelo filho, Milad, uma das vítimas do acidente. A batida, que aconteceu na "Estrada da Morte", ocorreu na Área C, território equivalente a mais da metade da Cisjordânia. Como lembra o autor, após os Acordos de Oslo, o local permaneceu sob controle absoluto de Israel, sendo governado pelo exército, patrulhado pela polícia e sob a jurisdição dos serviços de emergência do país. Apesar disso, as ambulâncias israelenses não ligaram suas sirenes naquele dia. Para piorar, o ônibus que levou as crianças para a excursão era lento, detonado e deteriorado pelos 27 anos de uso. "Onde estão os judeus?", gritavam as primeiras testemunhas.

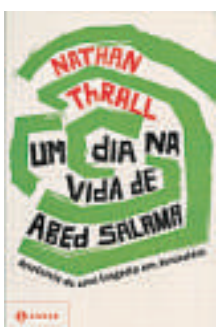
Mesmo com o cheiro avassalador de pele e cabelo queimados, muitos voluntários se prontificaram a socorrer as crianças que estavam no veículo. Paralelamente ao desastre, o autor se dedica a contar quem eram essas pessoas, ligadas direta ou indiretamente ao acidente, como foram os casos do paramédico Nader, o cidadão Eldad, a mãe Nansy, o fundador de assentamento Beber Vanunu, entre outros. E, claro, não poderia ficar de fora o perfil de Abed Salama e sua vida cheia de reviravoltas, incluindo uma mentira que o afastou de um grande amor. Também é possível conhecer o motorista do semirreboque que provocou a catástrofe, Ashraf Qayqas, que pilotava muito acima da velocidade permitida debaixo de uma tempestade.

Ao reunir histórias de vários personagens, Nathan Thrall consegue mostrar detalhes da cultura e das tradições da região, seus conflitos e características. Além disso, ele se aprofunda no tema ao falar da Intifada, movimento de resistência palestina contra a ocupação israelense, e do modus operandi utilizado por Israel para expandir seus assentamentos, enfraquecer a reivindicação de palestinos e anexar mais territórios. O livro também aborda como as cores das carteiras de identidade (azuis ou verdes) eram fundamentais para liberar ou impedir o deslocamento de pessoas pela região e como isso afetou o atendimento às vítimas da tragédia com o ônibus escolar.

Crítico das ações do estado de Israel contra a Palestina, Nathan Thrall descreve a angústia de Abed Salama ao procurar o filho naquele dia. "Era como ser submetido alternadamente a banhos quentes e gelados. Quente, frio, quente, frio, quente de novo, frio de novo. O celular não parava de tocar: na maioria das vezes, eram jornalistas e emissoras de rádio. Abed estava nervoso demais para falar com eles". Em seu trabalho, o escritor intercala investigação jornalística e literatura para costurar as esperanças e as dores de uma legião de palestinos, representados por Abed Salama que, depois de passar por todo esse trauma, ainda foi impedido de participar do lançamento do livro em Jerusalém em função dos bloqueios israelenses.



MAPA DA REGIÃO DA ESTRADA DE JABA, EM JERUSALÉM, ONDE OCORREU O TRÁGICO ACIDENTE COM O ÔNIBUS QUE TRANSPORTAVA CRIANÇAS QUE PARTICIPAVAM DE UMA EXCURSÃO



"UM DIA NA VIDA DE ABED SALAMA - ANATOMIA DE UMA TRAGÉDIA EM JERUSALÉM"

- De Nathan Thrall
- Tradução de Daniel Turela Rodrigues
- Zahar
- 296 páginas
- R$ 89,90 (capa comum) / R$ 39,90 (e-book)

TRECHO

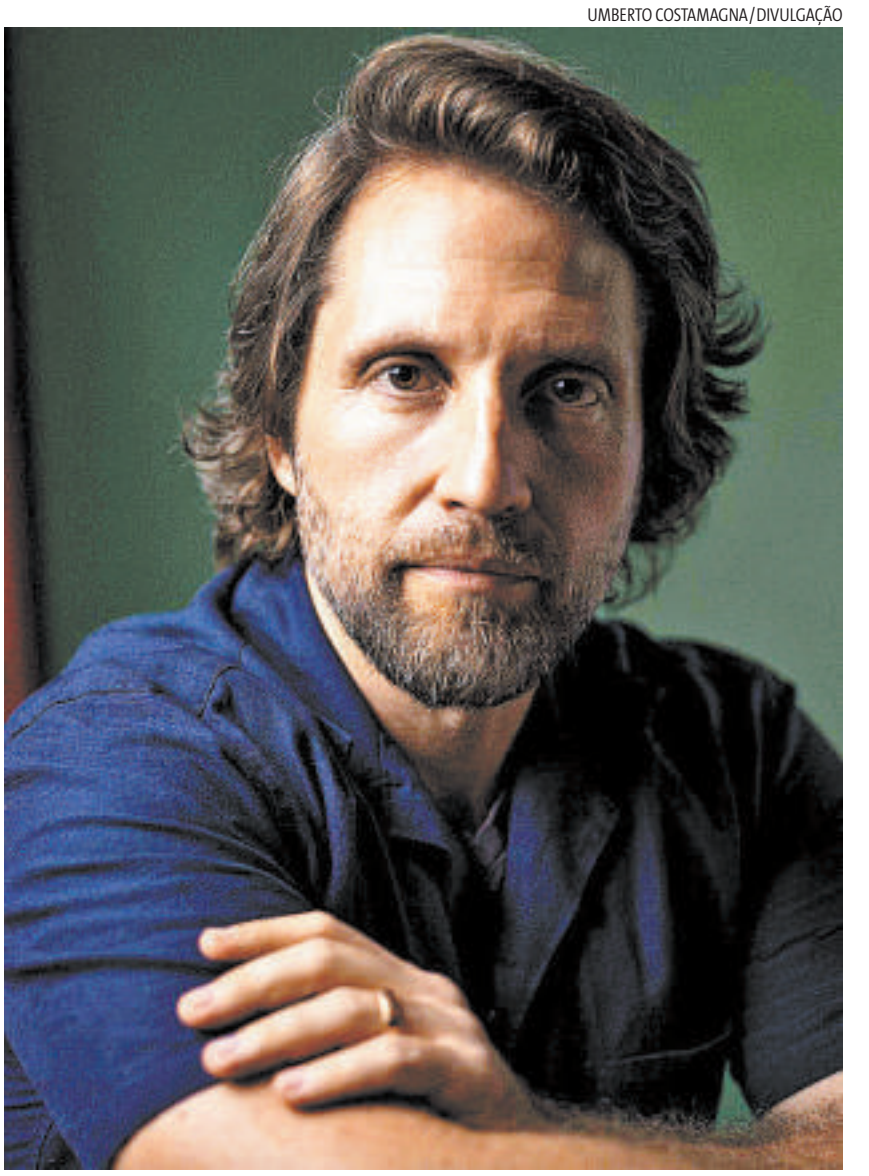
"A maioria das pessoas com quem Abed havia conversado achava que as autoridades israelenses queriam que as crianças morressem. Todos sabiam da rapidez com que as forças de segurança apareciam nas estradas da Cisjordânia quando um adolescente se punha a atirar pedras. Na manhã do acidente, porém, ninguém reagiu: nem os soldados no posto de controle, nem as tropas da base de Rama, nem os caminhões de bombeiros dos assentamentos vizinhos. O ônibus tinha permanecido mais de meia hora em chamas sem que ninguém fizesse nada."

►►►

ines249

FOCO NA PALESTINA

UMBERTO COSTAMAGNA/DIVULGAÇÃO



O AUTOR, O NORTE-AMERICANO NATHAN THRALL, SOBRE O PERSONAGEM PRINCIPAL DE SEU LIVRO, O PALESTINO ABED SALAMA: "PASSAMOS MAIS TEMPO JUNTOS, AO LONGO DE VÁRIOS ANOS, DO QUE COM PRATICAMENTE QUALQUER OUTRA PESSOA FORA DE NOSSAS FAMÍLIAS"

ENTREVISTA/NATHAN THRALL

(AUTOR DE "UM DIA NA VIDA DE ABED SALAMA")

"Não havia como contar essa história sem explicar o sistema de dominação que Abed precisou atravessar"

EDU OLIVEIRA

O que o levou a escrever este livro?

Eu vinha trabalhando com a questão Israel-Palestina há mais de uma década antes de decidir escrever este livro. E grande parte do trabalho que eu fazia era voltado para influenciar tomadores de decisão e outras elites que tinham algum tipo de influência sobre o que acontecia em Israel e na Palestina (formuladores de políticas públicas, analistas de think tanks, políticos, jornalistas). E percebi que, embora eu recebesse feedbacks positivos sobre o que escrevia para esse público, não via absolutamente nenhuma mudança nas políticas daqui.

Então comecei a perguntar às pessoas para quem eu estava escrevendo por que não havia mudanças, apesar de, em particular, elas me dizerem que concordavam comigo ou que estavam convencidas pelos argumentos que eu apresentava. E o que elas me diziam era que perderiam seus empregos se agissem com base no que acreditavam em particular. Que não havia espaço político para adotar uma abordagem fundamentalmente diferente.

E que, se quiséssemos pensar em uma abordagem diferente, precisaríamos de uma mudança profunda na opinião pública e na compreensão global do que está acontecendo aqui, e do papel de muitos governos ao redor do mundo no apoio ao sistema de dominação dos palestinos por judeus israelenses.

Então, antes de começar este projeto em particular, passei por uma mudança filosófica: percebi que precisava parar de tentar influenciar essas elites e, em vez disso, falar com um público muito mais amplo, na esperança de criar o tipo de espaço político que permitiria que esses tomadores de decisão começassem a agir de forma diferente.

E, uma vez tomada essa decisão, ficou claro para mim que a abordagem certa seria a narrativa. Que a narrativa tem o poder de envolver alguém, de fazer com que essa pessoa sinta empatia por outras com quem normalmente não se identifica, de permitir que ela veja o mundo pelos olhos de outra pessoa e comece a entender aquilo que, por meio dos seus impostos, do apoio a certos partidos políticos e das ações de seus próprios governos, está ajudando a manter e perpetuar um sistema de apartheid.

> "Foi possível contar toda a história palestina por meio da história de vida de Abed Salama, que nasceu pouco depois do início da ocupação. Veio de uma família proeminente em uma cidade, Anatote, que encolheu à medida que havia confisco de terras por Israel para assentamentos, postos avançados, uma estrada segregada e um parque nacional israelense."

E, uma vez decidida essa abordagem narrativa, lembrei que já há muito tempo tinha a ideia de que um acidente de carro seria o tipo de evento que me permitiria contar uma história caleidoscópica que trouxesse muitas pessoas diferentes, cujas vidas coexistem lado a lado, mas de forma altamente segregada, com pouquíssima interação entre elas.

E essa é a realidade desse lugar: a segregação é tão profunda que realmente seria necessário algo como um acidente de carro para reunir essas pessoas. Uma vez tomada essa decisão, lembrei de um acidente em particular que envolveu um grupo de crianças palestinas da pré-escola na região metropolitana de Jerusalém, que para mim era emblemático de um conjunto inteiro de políticas voltadas aos palestinos: políticas de isolamento, de mantê-los trancados em guetos, onde podiam olhar através dos muros e ver judeus israelenses vivendo vidas radicalmente diferentes das suas.

E quando comecei a investigar um pouco mais sobre esse evento em particular, vi que ele era muito rico e que realmente me permitiria contar toda a história de Israel e Palestina.

O que mais lhe chamou a atenção durante o período de produção? Houve algum fato, entrevista ou pesquisa que tenha lhe impactado mais? Por quê?

Como alguém que já era considerado um especialista nessa área e era procurado para oferecer conselhos ou análises especializadas, eu não diria que houve algo em particular durante a apuração deste livro que fosse uma informação completamente nova para mim, algo que eu não soubesse antes.

Eu compreendia como o sistema de apartheid funciona e era meu trabalho conhecer seus detalhes. Então, o tipo de informação que aprendi durante a apuração deste livro foi diferente. Não era tanto factual, mas emocional. Tratava-se de realmente entender o que significa para uma pessoa viver sob esse sistema e o quanto ele penetra nos aspectos mais íntimos da vida palestina.

Como no caso do personagem principal do livro, Abed Salama. Em determinado momento, ele escolhe até mesmo sua parceira de casamento com base na cor da identidade dela, porque são esses tipos de decisões íntimas que acabam moldadas pelo sistema de controle.

►►►

ines249

AHMAD GHARABLI / AFP



MESQUITA DE AL-AQSA, NA CIDADE VELHA DE JERUSALÉM: ACIDENTE COM ÔNIBUS CHEIO DE CRIANÇAS EM 2012 ORIGINOU LIVRO DE NATHAN THRALL

Por que você escolheu Abed Salama como personagem principal?

Escolhi Abed porque foi realmente a história dele, mais do que a de outras pessoas ligadas ao acidente, que me permitiu fazer duas coisas. Primeiro, contar toda a história palestina por meio da história de vida dele, que nasceu pouco depois do início da ocupação. Veio de uma família proeminente em uma cidade, Anatote, que sofreu praticamente todos os tipos de confisco de terras por parte de Israel. Ele viu sua cidade encolher à medida que era tomada para assentamentos, postos avançados, uma estrada segregada e um parque nacional israelense.

Ao longo da sua vida, ele participou de muitos eventos históricos importantes. Formou-se no ensino médio pouco antes do início da Primeira Intifada e acabou sendo arrastado para dentro dela. E, para sua surpresa, ainda muito jovem, tornou-se o líder local de uma facção de esquerda, a Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP), em sua cidade de Anata. Foi torturado, como tantos outros palestinos, durante a Primeira Intifada.

Ele viu o processo de Oslo acabar confinando-o ainda mais dentro de sua cidade e da Cisjordânia, impondo restrições cada vez maiores à sua movimentação e, por essa razão, foi uma das pessoas que se opuseram a Oslo. Ele previu o que isso faria com os palestinos nos territórios ocupados. Viveu também a Segunda Intifada. E foi justamente a segunda dimensão de sua vida que me convenceu de que ele deveria estar no centro do livro: a história de como procurou por seu filho no dia do acidente. Não havia como contar essa história sem explicar todo o sistema de dominação que ele precisou atravessar, um sistema de postos de controle, de estradas segregadas, de permissões e de identidades com cores diferentes, que o impediu até mesmo de verificar se seu filho estava em hospitais próximos, onde lhe disseram que ele poderia estar.

Esses dois aspectos da vida dele, tanto sua trajetória pessoal quanto a busca pelo filho no dia do acidente, me convenceram de que ele deveria ser o centro deste livro.

Como foram as conversas com Abed Salama?

As conversas com Abed foram muito profundas. Passamos mais tempo juntos, ao longo de vários anos, do que com praticamente qualquer outra pessoa fora de nossas famílias.

E muitas dessas conversas foram muito íntimas. Às vezes, parecia mais uma sessão de terapia do que uma entrevista formal. Nesse processo, desenvolvi uma conexão muito forte com Abed e uma grande admiração por ele.

Você também conta a história de outras pessoas que estiveram direta ou indiretamente ligadas ao acidente. Como foi unir o processo investigativo com o literário?

Sempre foi claro para mim que o objetivo deste livro era alcançar pessoas que talvez não se importassem com Israel-Palestina, que talvez não soubessem nada sobre o assunto. O trabalho precisava, antes de tudo, ter sucesso como uma obra literária para atingir esse objetivo maior de despertar as pessoas e mostrar como é a vida dos palestinos nos territórios ocupados.

Então, para mim, nunca houve dúvida de que minha principal tarefa era escrever uma história comovente e, em segundo lugar, transmitir as informações que eu queria compartilhar.

A história sempre teve que vir primeiro, porque, se não fosse assim, eu falharia nesse objetivo maior de alcançar pessoas que ainda não estão envolvidas com a questão Israel-Palestina.

> "Muitas das crianças e dos pais que estavam naquele ônibus são residentes de Jerusalém, vivendo nesse gueto murado. Quando essa comunidade está isolada por muros e é deliberadamente negligenciada, essas tragédias se tornam muito piores."

Os muros também são personagens dessa história? O que eles significam na prática e qual mensagem silenciosa eles passam aos palestinos e ao mundo?

Bem, o muro tem sua própria seção no livro e é quase como um personagem, por assim dizer, na história. Eu diria que todo o sistema de apartheid é um personagem por si só na narrativa, e era muito importante para mim descrever como essa comunidade, essas crianças da pré-escola, seus pais, seus professores e alguns dos médicos, assistentes sociais e outras pessoas que, de alguma forma, estavam ligadas a esse acidente, foram confinados em guetos murados, e como toda a política israelense, há muitas e muitas décadas, pode ser resumida em uma ideia central: máximo de terra, mínimo de árabes.

Esse é o princípio orientador que impulsiona tanto os assentamentos israelenses quanto o traçado do muro, os lugares que são isolados por ele. E a ideia básica é que, onde há palestinos em número tão grande que parece muito difícil e muito custoso para Israel colonizar essas áreas com judeus israelenses, essas regiões acabam sendo cercadas por muros e controladas de fora. E isso é verdade para essa comunidade de Anatote, de onde vêm os pais e as crianças que estão no centro da história.

Por outro lado, áreas com baixa densidade populacional são a prioridade número um para os assentamentos israelenses. Essas são muito mais fáceis de tomar, e é nelas que se veem os maiores esforços dos colonos, especialmente nos últimos anos, para ocupar grandes extensões de terra. É simplesmente mais fácil. Há algumas exceções a esse princípio, como Hebron e Jerusalém, por causa de sua importância religiosa para os judeus israelenses.

O que a história de crianças queimadas em um acidente trágico e a excessiva demora de socorro dizem sobre Jerusalém? Por quê?

Muitas pessoas não percebem que Jerusalém é, na verdade, o coração do projeto de assentamentos. Mais da metade dos colonos israelenses vive na região da Grande Jerusalém. É onde o projeto de assentamento foi mais bem-sucedido. E uma das razões pelas quais essa área é uma prioridade tão grande é que Israel sabe que, se cercar completamente Jerusalém com grandes assentamentos israelenses, tornará impossível a criação de um Estado palestino, que exigiria, no mínimo, que Jerusalém Oriental fosse sua capital.

Então, as pessoas no centro dessa história vivem na região da Grande Jerusalém, em um lugar que está sendo lentamente engolido pelo Estado de Israel para criar cada vez mais assentamentos e infraestrutura para esses assentamentos, incluindo uma estrada segregada, com tráfego israelense de um lado e palestino do outro, que corta bem ao lado dessa comunidade.

Muitas das crianças e dos pais que estavam naquele ônibus são residentes de Jerusalém, vivendo nesse gueto murado. Eles pagam impostos ao município de Jerusalém, mas praticamente não recebem nenhum serviço, porque a política de Israel é negligenciar completamente esse gueto, entrando nele basicamente apenas como força policial.

E o que aconteceu no dia do acidente foi um conjunto de consequências totalmente previsível, sobre o qual muitas pessoas já haviam alertado. Houve precedentes, incidentes semelhantes ocorreram antes e depois. É claro que tragédias acontecem: acidentes, incêndios, eventos normais em qualquer comunidade. Mas, quando essa comunidade está isolada por muros e é deliberadamente negligenciada, essas tragédias se tornam muito piores. Neste caso específico, levou mais de 30 minutos para que os primeiros caminhões de bombeiros israelenses chegassem ao local.

Como o prêmio Pulitzer contribui para divulgar e ampliar essa história e qual a importância desse reconhecimento? Por quê?

Espera-se que o Prêmio Pulitzer traga mais leitores para o livro e exponha um número maior de pessoas a uma história que, de outra forma, elas poderiam ignorar, e esse foi o objetivo de todo este projeto: alcançar pessoas que se tornaram insensíveis ou indiferentes ao sofrimento dos palestinos, um sofrimento que milhões de pessoas ao redor do mundo estão, de alguma forma, ajudando a perpetuar por meio das ações de seus governos. ■

ines249

PRIMEIRA LEITURA

“Como matar seu marido”

LAURA COHEN RABELO

LAURA MORGADO/DIVULGAÇÃO



digo a vós sou abençoada
pela grandeza do meu marido
ele me deixa sair de casa
ele não me bate com pau comprido
até trabalhar eu trabalho
em agradecimento meu salário
é dado a ele que cuida
sem se entregar a labutas
das contas dos jogos
das jantas e das putas

*

“Teuda Bara”

há uns meses eu queria sair fora
eu ia e vinha e faltava na coragem
dormia em outra cama
mas sem ainda destruir a casa

saí para comprar flores
eu mesma
porque o marido não gostava dizia
as flores naturais morrem rápido
deixando uma bagunça de pétalas

o que é inútil e dá trabalho
é inútil e dá trabalho

então na feira das flores eu vi
aquela mulher esplendorosa
sentada em um banquinho
apoiada na sua magnânima bengala
com a qual ela nos grita
o cajado que poderia abrir os mares
ou as montanhas de minas

falei bom dia, Teuda!
bom dia! Teuda respondeu, maiúscula
os olhos negros e o brilho da vida
comprei margaridinhas
cheguei em casa cortei os talos
coloquei na jarra de água
e peguei a faca da cozinha

“Irmãs à obra”

para Bruna Kalil Othero

para construir uma casa
não basta apenas um marido

é necessário empilhar dúzias
de maridos até termos um muro
fazer argamassa cinzenta
do conteúdo endurecido
de suas cabeças misturar
em boa proporção

entrelaçar maridos para compor
o telhado não usar só os ossos
para a laje são frágeis
melhor os dentes
ainda mais se de ouro

mas uma casa feita de maridos
não vai ficar feia?

claro que não
basta emparedar direitinho
enrolar bem os maridos
o plástico demora
cem anos para se decompor
e botar reboco por cima
contratar a decoradora
para ficar bonito

e não vai cheirar mal?
nada disso basta botar
drywall sintecar o chão
daí é faxina normal
encerar uma vez por semana
os caras de pau

*

não escrevo a sério
porque conto mentiras

na pia doméstica poluímos
com uma gota de mentira
vinte litros de verdade

assim quando falamos de fatos
tão fácil o marido cospe
e deixa imunda
uma cabeça
uma casa
uma vida



“COMO MATAR SEU MARIDO”

- De Laura Cohen Rabelo
- Cepe Editora
- 112 páginas
- R$ 50

SOBRE A AUTORA E O LIVRO

Nascida em Belo Horizonte, Laura Cohen Rabelo é fundadora e professora no projeto “Estratégias narrativas” e e leciona no curso de pós-graduação em Escrita Criativa da PUC-Minas. Publicou os romances “Caruncho” (Impressões de Minas, 2022) vencedor do Prêmio Academia Mineira de Letras de 2023, e “Duas línguas” (Zain, 2024). No novo livro, “Como matar seu marido”, ela utiliza o humor e a ironia para refletir de forma crítica sobre misoginia, violência de gênero e restrições à liberdade. “Se a pessoa se interessar pelo título, está valendo. É realmente um manual poético para dar força pra gente entender que casamento não é tudo na vida de uma mulher e que o divórcio é possível, apesar de difícil, e pode libertar uma pessoa para conhecer, inventar e seguir o próprio desejo”, afirmou a autora, em entrevista de divulgação. Primeiro livro de Laura Cohen Rabelo pela Cepe Editora, o livro tem capa e ilustrações da designer Laura Morgado.